

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY
COORDENAÇÃO GERAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM FUNDAMENTAL
NÚCLEO DE PESQUISA DE HISTÓRIA DA ENFERMAGEM BRASILEIRA**

THAIS DA SILVA KNEODLER

**MULHERES EM PRONTIDÃO: O PREPARO DE VOLUNTÁRIAS PELAS
ESCOLAS DE ENFERMAGEM DA CAPITAL FEDERAL DO BRASIL PARA AS
DEMANDAS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1939-1945)**

Rio de Janeiro

2015

THAIS DA SILVA KNEODLER

**MULHERES EM PRONTIDÃO: O PREPARO DE VOLUNTÁRIAS PELAS
ESCOLAS DE ENFERMAGEM DA CAPITAL FEDERAL DO BRASIL PARA AS
DEMANDAS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1939-1945)**

Relatório final de Dissertação de Mestrado
apresentado ao Programa de Pós-Graduação da Escola
de Enfermagem Anna Nery, da Universidade Federal
do Rio de Janeiro, para fins de defesa.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Barbosa de Oliveira

Rio de Janeiro

Abril 2015

CIP – Catalogação na Publicação

Kneodler, Thais da Silva
K68m Mulheres em prontidão: o preparo de voluntárias
pelas Escolas de Enfermagem da Capital
Federal do Brasil para as demandas da Segunda
Guerra Mundial (1939-1945) / Thais da Silva
Kneodler. -- Rio de Janeiro, 2015.
170 f.:Il.; 30cm

Orientador: Alexandre Barbosa de Oliveira.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal
do Rio de Janeiro, Escola de Enfermagem Anna
Nery, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem,
2015.

1. Enfermagem. 2. História da Enfermagem. 3.
Enfermagem Militar. 4. Segunda Guerra Mundial. I.
Oliveira, Alexandre Barbosa de II. Título.

610.73

**MULHERES EM PRONTIDÃO: O PREPARO DE VOLUNTÁRIAS PELAS
ESCOLAS DE ENFERMAGEM DA CAPITAL FEDERAL DO BRASIL PARA AS
DEMANDAS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1939-1945)**

Thais da Silva Kneodler

Relatório final de Mestrado apresentado à Banca Examinadora como exigência do curso de Mestrado em Enfermagem da Escola de Enfermagem Anna Nery, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 16 de abril de 2015.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Alexandre Barbosa de Oliveira – Orientador
Presidente da Banca (Escola de Enfermagem Anna Nery – UFRJ)

Prof. Dr. Fernando Rocha Porto
1º Examinador (Escola de Enfermagem Alfredo Pinto – UNIRIO)

Profa. Dra. Graciele Oroski Paes
2ª Examinadora (Escola de Enfermagem Anna Nery – UFRJ)

Prof. Dr. Wellington Mendonça de Amorim
Suplente (Escola de Enfermagem Alfredo Pinto – UNIRIO)

Profa. Dra. Tânia Cristina Franco Santos
Suplente (Escola de Enfermagem Anna Nery – UFRJ)

Rio de Janeiro

2015

Dedicatória

Aos meus pais, Angela Maria e Luiz Claudio (in memorian), pelos seus esforços constantes para me oferecerem o melhor que poderiam dar, como amor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus (Oxalá), aos Orixás e Entidades espirituais que me guiaram nesta caminhada. E principalmente à uma criança especial!

Aos meus familiares, especialmente aos meus pais Luiz Claudio (in memorian) e Angela Maria, ao meu pequeno gênio e irmão Claudio, à minha avó Iva e minha madrinha Tânia pelo apoio e suporte, aos meus primos Luciana e Júnior pela presença constante em minha vida e nesta trajetória. Amo vocês!

Ao grande Mestre e orientador Professor Doutor Alexandre Barbosa de Oliveira, que me confiou esta pesquisa desde a iniciação científica, até o mestrado, o que me proporcionou diversas oportunidades, e crescimento profissional, assim como pessoal. Tenho profunda gratidão!

Agradeço aos meus amigos, tanto os antigos quanto os novos, os sempre presentes e até mesmo os ausentes. Obrigada pelo apoio!

Aos membros da Banca Examinadora pela grande contribuição através de apontamentos e considerações acerca do estudo, que fizeram parte da construção desta Dissertação de Mestrado.

Ao Núcleo de Pesquisa em História da Enfermagem Brasileira (NUPHEBRAS), que através de seus Seminários Permanentes, Pesquisadores e membros me preparou ao longo destes 4 anos para esta trajetória acadêmica que foi o Mestrado, e também para as que estão por vir.

Ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Enfermagem da Escola de Enfermagem Anna Nery/Universidade Federal do Rio de Janeiro.

À Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), por ter fomentado a presente Dissertação desde sua fase de Iniciação Científica até o Mestrado Nota 10.

RESUMO

KNEODLER, Thais da Silva. Mulheres em prontidão: o preparo de voluntárias pelas Escolas de Enfermagem da Capital Federal do Brasil para as demandas da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). 170f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem Anna Nery, Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2015.

Estudo histórico-social, que tem como objeto: os efeitos simbólicos da organização de cursos de esforço de guerra pelas Escolas de Enfermagem da Capital Federal do Brasil, que foram criados no contexto da Segunda Guerra Mundial. Objetivos: descrever as circunstâncias em que se deu a participação de Escolas de Enfermagem da Capital Federal brasileira no preparo de voluntárias para a prática de Enfermagem de Guerra; e analisar e discutir os efeitos simbólicos da organização de cursos de esforço de guerra por estas Escolas de Enfermagem, no bojo na Segunda Guerra Mundial. As fontes primárias se constituíram de documentos escritos, especialmente de jornais da época, enquanto que as fontes secundárias, de acervo bibliográfico existente sobre a referida temática. Os achados foram classificados, contextualizados e analisados à luz da Teoria do Mundo Social, de Pierre Bourdieu. De acordo com os resultados, durante os anos da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), aconteceu grande mobilização de voluntárias para a prática de Enfermagem de Guerra, como parte de um movimento de constituição de um *front* interno. Esta mobilização foi especialmente desenvolvida pelo Estado Novo (1937-1945), regime ditatorial vigente à época, através da promoção da militarização da sociedade brasileira. Nesse ínterim, as Escolas de Enfermagem da Capital Federal participaram diretamente de tal mobilização, por meio da organização de cursos intensivos de esforço de guerra. Como estratégia, estes cursos foram amplamente divulgados na imprensa escrita, o que resultou na inscrição de elevado número de mulheres, principalmente no ano de 1942, em que o Brasil rompeu relações diplomáticas com os países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão) e aderiu à guerra junto ao Bloco dos Aliados (Estados Unidos, Inglaterra e França). O estudo concluiu que o período do Estado Novo contribuiu sobremaneira para valorizar a profissão de enfermeira no campo social, o que foi intensificado com o envolvimento direto do Brasil na Segunda Guerra Mundial, especialmente através da sistemática difusão da imagem de enfermeiras (de guerra) em periódicos da época. Essa estratégia de manipulação simbólica garantiu o acúmulo de alguns lucros para a profissão, principalmente no que diz respeito à visibilidade e reconhecimento de sua necessidade em momentos e cenários de caos.

Palavras chave: Enfermagem. História da Enfermagem. Enfermagem Militar. II Guerra Mundial.

ABSTRACT

KNEODLER, Thais da Silva. Women in readiness: the preparation of volunteers for Nursing Schools in Brazil's Capital for the demands of World War II (1939-1945). 170f. Dissertation (Master's Degree in Nursing) - School of Nursing Anna Nery, Center of Sciences of the Health, Federal University of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2015.

Historical-social study, that has as object: the symbolic effects of the organization of courses the effort of war for Schools of Nursing of the Federal Capital of Brazil, that were created in the context of World War II. Aims: to describe the circumstances where the participation of Schools of Nursing of the Brazilian Federal Capital in the preparation of volunteers for the practice of Nursing of War was given; and to analyse and to argue the symbolic effects of the organization of courses the effort of war for these Schools of Nursing, in the bulge in World War II. The sources primary schools had consisted of documents written, especially of newspapers of the time, whereas the secondary sources, of existing bibliographical quantity on the thematic referred to one. The findings were classified, contextualized and analysed to the light of the Theory of the Social World, of Pierre Bourdieu. In accordance with the results, during the years of World War II (1939-1945), it happened massive mobilization of volunteers to practice War of Nursing, as part of a constitution movement of an internal front. This mobilization has been specially developed by the Estado Novo (1937-1945), current dictatorial regime at the time, by promoting the militarization of Brazilian society. Meanwhile, the nursing schools of the Federal District participated directly in such a mobilization, through the organization of intensive courses in the war effort. As a strategy, these courses were widely reported in the press, which resulted in the registration of many women, especially in 1942, when Brazil broke diplomatic relations with the Axis countries (Germany, Italy and Japan) and joined the war by the Allies Block (United States, Britain and France). The study concluded that the Estado Novo period contributed greatly to enhance the nursing profession in the social field, which was intensified with the direct involvement of Brazil in World War II, especially through the systematic dissemination of nurses image (of war) in periodicals of the time. This strategy of symbolic manipulation ensured the accumulation of some profits for the profession, especially with regard to visibility and recognition of their need and in times of chaos scenarios.

Keywords: Nursing. History of Nursing. Military Nursing. World War II

RESUMEN

KNEODLER, Thais da Silva. Mujeres en la disposición: la preparación de voluntarias por las Escuelas de Enfermería en la Capital de Brasil para las exigencias de la Segunda Guerra Mundial (1939-1945). 170f. Disertación (Maestría en Enfermería) – Escuela de Enfermería Anna Nery, Centro de Ciencias de la Salud, Universidad Federal do Río de Janeiro, Río de Janeiro. 2015.

Estudio histórico-social que tiene por objeto: los efectos simbólicos de la organización de los cursos del esfuerzo de guerra de las escuelas de enfermería de la Capital Federal de Brasil, que se creó en el contexto de la Segunda Guerra Mundial. Objetivos: describir las circunstancias en que se dieron a la participación de las Escuelas de Enfermería de la Capital Federal de Brasil para preparar voluntarios para la práctica de enfermería Guerra; y analizar y discutir el propósito simbólico de la organización de los cursos de esfuerzo de guerra para estas escuelas de enfermería en la estela de la Segunda Guerra Mundial. Las fuentes primarias consistieron en documentos escritos, especialmente los periódicos de la época, mientras que las fuentes secundarias, fondo bibliográfico existente sobre este tema. Los resultados fueron clasificados, contextualizados y analizados de acuerdo con la Teoría de la Social Mundial de Pierre Bourdieu. Según los resultados, durante los años de la Segunda Guerra Mundial (1939-1945), hubo una gran movilización de voluntarios para practicar Guerra de Enfermería, como parte de un movimiento de constitución de un frente interno. Esta movilización ha sido especialmente desarrollado por el Estado Novo (1937-1945), el régimen dictatorial vigente en el momento, mediante la promoción de la militarización de la sociedad brasileña. Mientras tanto, las escuelas de enfermería del Distrito Federal participaron directamente en una movilización tal, mediante la organización de cursos intensivos en el esfuerzo de guerra. Como estrategia, estos cursos se informó ampliamente en la prensa, lo que dio como resultado la inscripción de muchas mujeres, sobre todo en 1942, cuando Brasil rompió relaciones diplomáticas con los países del Eje (Alemania, Italia y Japón) y unido la guerra por el bloque de aliados (Estados Unidos, Gran Bretaña y Francia). El estudio concluyó que el período de Estado Novo contribuyó en gran medida a mejorar la profesión de enfermería en el ámbito social, que se intensificó con la participación directa de Brasil en la Segunda Guerra Mundial, sobre todo a través de la difusión sistemática de imagen (de la guerra) enfermeras en publicaciones periódicas de la época. Esta estrategia de manipulación simbólica aseguró la acumulación de algunos beneficios para la profesión, especialmente con respecto a la visibilidad y el reconocimiento de su necesidad y en tiempos de caos escenarios.

Palabras clave: Enfermería. Historia de la Enfermería. Enfermería Militar. II Guerra Mundial

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração nº 1: Zonas de visualização da página	29
Fac-símile imagético nº 1: Presidente Getúlio Dornelles Vargas	39
Fac-símile imagético nº 2: Navio brasileiro torpedeado	42
Fac-símile imagético nº 3: Veículo movido a gasogênio	46
Fac-símile imagético nº 4: Manifestação em homenagem ao Estado Novo	51
Fac-símile imagético nº 5: Desfile da Juventude	52
Fac-símile imagético nº 6: Modelo do uniforme de gala da Enfermeira Socorrista	54
Fac-símile imagético nº 7: Hospital Nacional de Alienados	56
Fac-símile imagético nº 8: Cruz Vermelha Brasileira (Rio de Janeiro)	58
Fac-símile imagético nº 9: Pavilhão de Aulas da Escola Anna Nery.....	61
Fac-símile imagético nº 10: Escola de Enfermagem Luiza de Marillac	64
Fac-símile imagético nº 11: Alunas na aula inaugural do curso de Socorro de Guerra	76
Fac-símile imagético nº 12: “A participação da mulher nos serviços auxiliares da guerra”	78
Fac-símile imagético nº 13: Curso de Voluntárias Socorristas no Posto nº5 (Penha Club)	85
Fac-símile imagético nº 14: Esquema representativo do Comando do Órgão Central da Cruz Vermelha Brasileira e seus Postos	86
Fac-símile imagético nº 15: Capa do Livro “O Brasil precisa de enfermeiras”, de Emília Edméa	88
Fac-símile imagético nº 16: Curso de Voluntárias Socorristas da Caixa Econômica Federal	92
Fac-símile imagético nº 17: Curso de Voluntárias Socorristas da Caixa Econômica Federal	93
Fac-símile imagético nº 18: O Dia da Enfermeira	100
Fac-símile imagético nº 19: Entrega de diplomas	101
Fac-símile imagético nº 20: Fiéis o grande exemplo de Ana Neri	104
Fac-símile imagético nº 21: Ministro da Guerra entregando certificados	106
Fac-símile imagético nº 22: Soldados da Cruz Vermelha Brasileira	108
Fac-símile imagético nº 23: Foto das formandas com Darcy Vargas e Maria Isolina Pinheiro	110

Fac-símile imagético nº 24: Uma festa no Patronato Operário da Gávea	111
Fac-símile imagético nº 25: Nova Turma de Enfermeiras Socorristas no dia da Enfermeira	114
Fac-símile imagético nº 26: Curso de Voluntárias Socorristas do Ministério da Justiça	115
Fac-símile imagético nº 27: Quadro nº 10 do programa do curso de Samaritanas Socorristas	124
Fac-símile imagético nº 28: “Frente de regimento” do programa de Samaritanas Socorristas	127
Fac-símile imagético nº 29: Noções de organização e funcionamento do serviço de saúde em campanha, do Programa de Samaritanas Socorristas	128
Fac-símile imagético nº 30: Avião ambulância	129
Fac-símile imagético nº 31: Ferimento de tórax ou abdome	130
Gráfico nº 1: Duração dos cursos de extensão em meses	134
Fac-símile imagético nº 32: Enfermeiras Voluntárias nos Estados Unidos	135

LISTA DE QUADROS

Quadro nº 1: Localização das notícias nas páginas dos periódicos (A Manhã, Diário de Notícias e A Noite)	30
Quadro nº 2: Cursos de Esforço de Guerra oferecidos pelas Escolas de Enfermagem da Capital Federal brasileira durante a Segunda Guerra Mundial	72
Quadro nº 3: Curso de Voluntárias Socorristas / Curso Popular de Primeiros Socorros	84
Quadro nº 4: Características dos cursos de Samaritanas Socorristas e Voluntárias de Socorro de Guerra	120
Quadro nº 5: Curso Popular de Primeiros Socorros da Colônia Gustavo Riedel	130

LISTA DE TABELAS

Tabela nº 1: Total de matérias selecionadas por jornal	27
Tabela nº 2: Instituições promotoras dos cursos de esforço de guerra ministrados durante o período da Segunda Guerra Mundial	96

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	15
1.1 OBJETO, PROBLEMATIZAÇÃO E OBJETIVOS DO ESTUDO	15
1.2 JUSTIFICATIVAS E CONTRIBUIÇÕES	19
2 ABORDAGEM METODOLÓGICA E TEÓRICA	22
2.1 ASPECTOS OPERACIONAIS DA PESQUISA	23
2.1.1 Localização e (de)limitação do corpus documental	23
2.2 ANÁLISE JORNALÍSTICA E DOCUMENTAL	28
3 CIRCUNSTÂNCIAS DA REALIZAÇÃO DE CURSOS DE ESFORÇO DE GUERRA PELAS ESCOLAS DE ENFERMAGEM DA CAPITAL FEDERAL PARA ATENDIMENTO ÀS DEMANDAS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL	39
3.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONTEXTO POLÍTICO-SOCIAL: O ESTADO NOVO E A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL NO BRASIL	39
3.2 ASPECTOS DA POLÍTICA DE MILITARIZAÇÃO DESENVOLVIDA NO BRASIL DURANTE O ESTADO NOVO	47
3.3 AS ESCOLAS DE ENFERMAGEM DA CAPITAL FEDERAL NOS ANOS DE GUERRA	55
4 OS EFEITOS SIMBÓLICOS DA ORGANIZAÇÃO DE CURSOS DE ESFORÇO DE GUERRA PELAS ESCOLAS DE ENFERMAGEM DA CAPITAL FEDERAL, DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL	72
4.1 ASPECTOS GERAIS DOS CURSOS DE ESFORÇO DE GUERRA	72
4.2 OS RITUAIS DOS CURSOS ORGANIZADOS PELAS ESCOLA DE ENFERMAGEM (RE)TRATADOS NA IMPRENSA ESCRITA	97
4.3 AS CARACTERÍSTICAS DOS CURSOS INTENSIVOS DE ESFORÇO DE GUERRA	120
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	141
REFERÊNCIAS	146
APÊNDICES E ANEXOS	162

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

1.1 OBJETO, PROBLEMATIZAÇÃO E OBJETIVOS DO ESTUDO

Este estudo tem como **objeto**: *os efeitos simbólicos da organização de cursos de esforço de guerra pelas Escolas de Enfermagem da Capital Federal do Brasil, que foram criados no contexto da Segunda Guerra Mundial*. O recorte temporal compreende o período de 1939 a 1945, que se justapõe aos anos da guerra, ocasião em que foram promovidos diversos cursos para a prática de Enfermagem de Guerra no país, como uma das formas de atendimento ao apelo patriótico e de apropriação do discurso militar evocado àquela época nos campos social e político.

Cerca de dois anos antes de eclodir a Segunda Guerra Mundial na Europa, engendrava-se no Brasil o “Estado Novo”. Através deste regime, que se iniciou no ano de 1937 com um golpe de Estado liderado por Getúlio Dornelles Vargas, e que perdurou durante praticamente todo o período da Segunda Guerra, buscou-se vincular as Forças Armadas ao Sistema Educacional brasileiro com a finalidade de concretizar o Projeto de Segurança Nacional de Getúlio. Notavelmente, este Projeto de Segurança Nacional acabaria por se constituir em uma espécie de “projeto de militarização da sociedade”, o que se adensou sobremaneira nos anos de guerra. Aliás, a Segunda Guerra Mundial se configurou em ocasião oportuna para se mobilizar a população do país, e uni-la com ideais cívicos e nacionalistas em torno das Forças Armadas, o que iria fazer-se estratégico para a manutenção do regime estadonovista naquele contexto (CARVALHO, 1999).

Vale salientar que, antes da instauração do Estado Novo em 1937, fora promulgada a Lei de Segurança Nacional¹ em 4 de abril de 1935, a qual assinalava como objetivo inicial: agir contra militantes da esquerda comunista, principalmente dissolvendo a Aliança Nacional Libertadora, organização política fundada no Rio de Janeiro em março de 1935, que visava o combate ao avanço do integralismo, o domínio do imperialismo e o latifúndio no Brasil, e o fascismo no cenário mundial (PRESTES, 2005). Com essa Lei de Segurança Nacional previu-se a definição dos crimes contra ordem pública e social cometidos por tais organizações e seus

¹ A finalidade desta Lei era obter uma legislação especial para os crimes contra a segurança do Estado, submetendo-os a um regime mais rigoroso, tendo, por exemplo, o abandono das garantias processuais. Objeto de acirrados debates, e após tramitar por longo tempo no Congresso num contexto crescente radicalização política, a Lei foi aprovada. Nos anos seguintes à sua promulgação, foi aperfeiçoada pelo Governo Vargas, tornando-se cada vez mais rigorosa e detalhada. Em setembro de 1936, sua aplicação foi reforçada com a criação do Tribunal de Segurança Nacional (<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos30-37/RadicalizacaoPolitica/LeiSegurancaNacional>).

militantes/simpatizantes. Assim, visava-se proteger o país de um golpe comunista ou mesmo da possível tomada de poder pelos membros da Frente Integralista², apesar destes (os integralistas) tecerem oportunamente alguma aliança³ com o próprio presidente Getúlio Vargas.

Muitos estudos ressaltaram que, apesar de o Brasil possuir um governo autoritário e centralizador (via Estado Novo) à época da Segunda Guerra, o qual muito se assemelhava aos regimes nazista (alemão) e fascista (italiano), o país também sofria influências significativas dos Estados Unidos da América, situação promovida pelo estreitamento de relações entre estes dois países, capitalizadas pelo Pan-Americanismo⁴ e pela Política de Boa Vizinhança⁵ (DAVID; CAETANO, 2012; MESQUITA, 2002; TOTA, 1993; PEDREIRA, 2008).

Nesta empreitada, a aproximação de Getúlio Vargas com as Forças Armadas brasileiras seria estratégica. Tanto assim que algumas medidas passaram a ser tomadas para adensar esta situação. Uma delas foi a instituição da obrigatoriedade do Serviço Militar, medida que visaria influenciar grande parte dos setores da população na inculcação de valores, hábitos e virtudes militares, tanto para as classes populares, quanto para as elites (CARVALHO, 1999).

Indubitavelmente, os efeitos dessa aliança se reverteriam nos lucros simbólicos almejados por Getúlio Vargas, no sentido de dar sustentação ao seu governo, reproduzindo determinadas marcas que impactariam na representação pública positiva de sua administração a frente do país.

Outrossim, o primeiro ministro da Educação e Saúde Francisco Campos, já em 1931, por ocasião do início da Era Vargas⁶, buscara reorganizar os programas da disciplina de História nas escolas. Estes programas orientariam os professores no exercício de sua prática

² Criada em 1932 pelo intelectual Plínio Salgado, a Frente Integralista era formada por militantes da Ação Integralista Brasileira (AIB), de caráter fascista, e tinha como lema “Deus, Pátria e Família”. Foi tida como a organização chauvinista (nacionalista radical) mais representativa da América do Sul (BARBOSA, 2012).

³ O criador da AIB, Plínio Salgado, estava a par das articulações para o golpe de 1937 (Estado Novo), dando apoio a este golpe. Contudo, Getúlio Vargas decretou o fechamento da AIB, assim como outras organizações partidárias em 1937, a fim de calar as resistências e continuar a concentrar o máximo de poder nas mãos do Poder Executivo (PANDOLFI, 1999).

⁴ De acordo com alguns estudiosos, o Pan-americanismo teria surgido ao final do século XIX nos Estados Unidos da América através da Doutrina Monroe, que tinha o argumento “A América para americanos”. O Pan-americanismo objetivava afastar a Europa das relações comerciais com a América Latina. Outros estudiosos defendem a tese de associar o Pan-americanismo à ideologia do “Destino Manifesto”, que seria pressupor o “direito natural” dos Estados Unidos exercerem o domínio econômico e político no continente americano (PEDREIRA, 2008).

⁵ Segundo Martes (2001), a Política de Boa Vizinhança se fixou no princípio do Pan-Americanismo. Esta Política tinha como preceito a *não* intervenção militar dos Estados Unidos nos países latino-americanos, melhorando as relações diplomáticas, para impor seu domínio.

⁶ O governo de Getúlio Dornelles Vargas como presidente do Brasil é geralmente dividido pelos historiadores em três fases: o Governo Provisório (1930-1934), o Governo Constituinte (1934- 1937) e o Estado Novo (1937-1945) (FAUSTO, 2012).

pedagógica, utilizando a História como instrumento de defesa das ideias de patriotismo e nacionalismo. Para Abud (1998),

essa concepção pragmática da História como disciplina escolar servia à formação do cidadão ideal para o Estado centralizado, que tinha como um dos seus objetivos neutralizar o poder das oligarquias regionais, formando o sentimento nacional brasileiro, sentimento este que teria como fundamento a raça, a língua e a religião, e um território com uma única administração.

Por certo, o presidente Getúlio Vargas, especialmente durante o Estado Novo (1937-1945), buscou influenciar a todos os setores da sociedade, tanto incorporando a cultura das Forças Armadas através da obrigatoriedade do Serviço Militar, quanto através dos esquemas pedagógicos de aproveitamento e reestruturação de disciplinas, como a História, e até mesmo como a Educação Física, esta, no intuito de preparar os corpos dos jovens para provável futuro empenho em ações de cunho militar.

Tais esquemas pedagógicos se relacionavam à inculcação de uma cultura específica, que se valia de características castrenses. Desse modo, promovia-se em todo o país desfiles cívico-militares, onde se assistia a participação de meninos vestidos de escoteiros e meninas trajadas de enfermeiras. Eis uma tentativa de moldagem de ideal patriótico e mesmo profissional que aqueles jovens do país deveriam assumir e seguir: as nobres missões ressaltadas pelo governo de ser militar e de ser enfermeira (CYTRYNOWICZ, 2002).

No contexto de guerra, a articulação entre o presidente Getúlio Vargas e os líderes das Forças Armadas do país por meio do enquadramento algo forçado da população ao Projeto de Segurança Nacional, através da moldagem dos esquemas pedagógicos para a promoção do senso nacionalista e patriótico e da manipulação imagética em torno da figura do militar e da enfermeira no campo social, resultariam na necessidade de manter efetivos de enfermeiras em condições de responder às necessidades de guerra (a exemplo das grandes nações, em especial os Estados Unidos). Toda esta situação (algo profícua) não fez tardar a formação de contingentes de mulheres voluntárias para a prática de Enfermagem de Guerra no Brasil (OLIVEIRA, 2010).

Com efeito, o governo brasileiro passou a adotar uma série de estratégias para a constituição de um *front* interno, com o intuito de preparar os cidadãos para possíveis ataques ao território, o que, inclusive, previu a mobilização de mulheres para, como enfermeiras, formarem uma reserva que seria aproveitada nos cuidados às vítimas de guerra, na possibilidade de ataques diretos ao Brasil (CYTRYNOWICZ, 2002). Assim, passou-se a

construir imageticamente a representação de uma figura feminina ousada e engajada nas causas do país, e, neste projeto, a imagem da enfermeira seria bem aproveitada.

No desenrolar desse processo, as Escolas de Enfermagem da Capital Federal à época (Rio de Janeiro), principalmente a Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira (CVB), Escola de Enfermagem Anna Nery (EAN) e a Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto⁷ (EPEAP) empenharam-se no preparo de voluntárias. A partir de 1939, foram criados e organizados diversos cursos de esforço de guerra, inclusive em parceria entre elas e/ou com outras instituições, como o Instituto Social, o Serviço de Recenseamento, o Patronato Operário da Gávea, entre outras.

Durante a Segunda Guerra Mundial, alguns estudos revelaram que o Brasil possuía grande necessidade quantitativa e qualitativa de pessoal de Enfermagem. Existia razoável número de pessoas leigas que atuavam nos cuidados aos doentes. Por isso, a criação de novas Escolas de Enfermagem e a disposição de pessoal preparado se fazia requerida em muito no país (OLIVEIRA, 2010; ALMEIDA FILHO, 2004).

Com o rompimento de relações do Brasil com os países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão) em agosto de 1942⁸, aumentou a preocupação com a necessidade de enfermeiras, especialmente pela possibilidade de empenhá-las em situações de conflito, ou mesmo enviá-las para os Teatros de Operações⁹.

Em função do momento dramático de guerra, a Enfermagem brasileira experienciaria um de seus momentos mais emblemáticos, especialmente por ter se feito sobremaneira requerida. Nesse sentido, o empenho de instituições de ensino na capacitação para atuação em cenários de guerra e toda a mobilização arquitetada neste processo, principalmente em propagandas de jornais, ampliaria sua visibilidade e, conseqüentemente, a procura pela profissão a partir de meados da década de 1940. Apesar de estar atrelada aos interesses sociopolíticos daquele momento, vale o ressaltado de que as líderes da Enfermagem exploraram

⁷ Em 1890, ano de criação da atual Escola de Enfermagem Alfredo Pinto (UNIRIO), esta era denominada Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras. Com a Portaria nº 1, do Ministério da Justiça e Negócio de Interiores, a Escola foi dividida em três seções escolares: Masculina (não chegou a funcionar), Mista (funcionou no Hospital Nacional de Alienados) e Feminina. Esta última seção passou a ser denominada de “Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto”, e funcionou a partir de 1921 na Colônia de Alienadas do Engenho de Dentro (posteriormente Colônia Gustavo Riedel). Durante o Estado Novo, alterou-se o nome da Escola via Decreto-lei nº 4725, de 22 de setembro de 1942, para “Escola de Enfermeiros Alfredo Pinto”. Mais tarde, pelo Decreto-Lei nº 7.055, de 18 de novembro de 1944, passou a se chamar “Escola de Enfermagem Alfredo Pinto”, nome que mantém até os dias atuais. Nesta mesma década (de 1940) aconteceu a “fusão” das seções Mista e Feminina (AMORIM, 2004).

⁸ Em 31 de agosto de 1942 foi declarado o estado de guerra [contra a Alemanha e a Itália] pelo presidente Getúlio Vargas, através do Decreto nº 10.358, artigos 74 (letra k) e 171 da Constituição Federal. A declaração de guerra do Brasil ao Japão só ocorreu em 1945 (OLIVEIRA, 2010, p.78).

⁹ Geralmente, os Teatros de Operações nas guerras são vastas áreas físicas, que concentram as forças militares, as fortificações e as trincheiras, e onde se travam as principais batalhas (OLIVEIRA, 2010, p.18).

de forma deliberada (mas estratégica) a situação, o que propulsionou a profissão no que tange às discussões sobre uma melhor posição em termos de remuneração, educação e saber, ser, conhecer e fazer Enfermagem (CESÁRIO, 2014; MECONE; FREITAS, 2009; OLIVEIRA, 2010). Por certo, estas estratégias de reconhecimento e divulgação da boa imagem da enfermeira ajudariam no projeto de valorização da profissão, particularmente no campo social (BARREIRA, 2005).

Dessas considerações primeiras, algumas **questões-problema** vieram à tona, as quais auxiliaram na construção e desenvolvimento deste estudo. São elas: Em que circunstâncias se deu a organização de cursos de esforço de guerra pelas Escolas de Enfermagem da Capital Federal brasileira durante a Segunda Guerra Mundial? E, quais foram os efeitos simbólicos advindos da organização de tais cursos de esforço de guerra por estas Escolas de Enfermagem, que se deu no processo de mobilização para formação de um *front* interno no país e de militarização da sociedade brasileira nos anos de guerra?

Nesse sentido, a fim de tentar responder a tais questões, foram traçados os seguintes **objetivos**:

- 1- Descrever as circunstâncias em que se deu a participação de Escolas de Enfermagem da Capital Federal brasileira no preparo de voluntárias para a prática de Enfermagem de Guerra;
- 2- Analisar e discutir os efeitos simbólicos da organização de cursos de esforço de guerra por estas Escolas de Enfermagem, no bojo na Segunda Guerra Mundial.

1.2 JUSTIFICATIVAS E CONTRIBUIÇÕES

A inquietação para o início do desenvolvimento deste estudo partiu da constatação que fiz, enquanto aluna do Curso de Graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem Anna Nery (UFRJ), sobre a oportunidade em geral precária dos estudantes em atenderem a situações de emergência, no processo de formação (ensino-aprendizagem).

Como vivenciei como aluna de graduação o início das primeiras discussões sobre a necessidade de se reformar o currículo da Escola, as quais começaram no ano de 2010, passei a me interessar pelo assunto e a buscar referências (inclusive pretéritas) sobre o preparo de alunas para a atuação em situações/cenários de crise (como por exemplo, em desastres e guerras). Tanto assim que, enquanto graduanda fiz-me voluntária do Projeto de Extensão (PIBEX-UFRJ) “Capacitação de recursos humanos para atendimento de saúde em situações

de desastres naturais na Região Serrana do Estado do Rio de Janeiro: uma contribuição da Enfermagem”, coordenado pelos professores Alexandre Barbosa de Oliveira (orientador desta dissertação) e Graciele Oroski Paes, ambos do Departamento de Enfermagem Fundamental, da Escola de Enfermagem Anna Nery (UFRJ).

A participação no Projeto de Extensão e as leituras que fiz sobre a História da Enfermagem fez-me perceber que são especialmente em situações como estas (de caos, de guerras, de desastres), que a Enfermagem se faz muito requerida. *Pari passu*, enquanto bolsista de iniciação científica (FAPERJ), passei a realizar estudos sobre a temática, ocasião em que tomei maior ciência sobre a história da profissão, que ressalta e reitera os exemplos emblemáticos de Florence Nightingale na Guerra da Criméia (1853-1856), e de Anna Ferreira Justina Nery na Guerra do Paraguai (1864-1870), ícones da Enfermagem em escala internacional e nacional, respectivamente. Entretanto, outros momentos em que se constatou a participação de enfermeiras brasileiras em conflitos foram durante o Cangaço (1870-1938), na Primeira Guerra Mundial (1914-1918), na Coluna Prestes (1925-1927), na Revolução Constitucionalista de 1932, e sobremaneira na Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Aliás, esta última é tida como uma situação que se fez decisiva para a prática profissional, de grandes mudanças e rupturas, tanto no Brasil quanto no mundo (OLIVEIRA, 2010).

Ao evocar esta temática no momento presente, através de perspectiva histórica e sociológica, acredito que este estudo possa vir a servir para evidenciar a necessidade de se retratar, reconsiderar e mesmo de se redesenhar certas habilidades/competências da Enfermagem, como as relacionadas ao atendimento em cenários não controlados (situações de desastres e conflitos civis e militares, por exemplo). E mais, tratar analiticamente de vocações ou apropriações (patriótica/paramilitar) da profissão (re)construídas historicamente.

Em termos de viabilidade, há que se referendar que existiram razoável quantidade e qualidade de fontes históricas servíveis para o adequado desenvolvimento deste estudo. Pelos usos historiográficos dessas fontes, esperou-se preencher certas lacunas na bibliografia, que trata da história da profissão, especialmente no recorte da Segunda Guerra Mundial.

Também, acredita-se que este estudo possa servir para fortalecer e contribuir para pesquisas desenvolvidas na linha de pesquisa da História da Enfermagem Brasileira, especialmente no que tange ao eixo temático “História da Enfermagem Militar” desenvolvido pelo Núcleo de Pesquisa de História da Enfermagem Brasileira (Nuphebras) e, também, para apoiar no desenvolvimento do Grupo interdisciplinar (de Pesquisa, Ensino e Extensão) de atenção às situações de desastres, liderado pelos professores doutores Alexandre Barbosa de Oliveira e Graciele Oroski Paes (EEAN-UFRJ).

Um aspecto a considerar, salvo melhor juízo, é o fato de que a guerra pode ser entendida como um desastre, considerada especificamente como um desastre humano intencional (MARCHEZINI, 2009, p.49). No Brasil, os desastres (principalmente os naturais) têm ocorrido com frequência, sem contar que o país vem se tornando sede de grandes eventos de massa, os quais têm o potencial de desenvolvimento de desastres (tecnológicos, biológicos e terroristas). Frente a isto, faz-se mister a capacidade de ação frente às possíveis emergências e necessidades de saúde da população que possa vir a ser acometida. Há na guerra, por exemplo, pela relativa falta de previsão que a situação envolve, pouco controle sobre seus efeitos; por isso, manter estratégias de preparo de recursos humanos, como de Enfermagem, deve ser entendido como uma necessidade de previsão/contingência de primeira ordem. Portanto, através de estudos acadêmicos, inclusive de cunho histórico (evitando o anacronismo psicológico¹⁰), pode-se reunir, *a priori*, melhores condições para se planejar o preparo de recursos humanos relacionados aos cuidados de saúde em cenários de caos, principalmente no que se refere à necessidade de Enfermagem. Assim, acredita-se, que este estudo possa se constituir em uma referência a mais a este respeito.

Ainda, presume-se que este estudo possa vir a acumular importância em âmbito acadêmico e social, por recuperar situações pretéritas da prática extensionista desenvolvida por Escolas de Enfermagem, especialmente no que tange à mobilização de cidadãos voluntários para atuarem em situações de caos. Ademais, a ideia de voluntariado, há algum tempo discutida e requerida nos cenários universitários, vem fortalecer a necessidade de recuperarmos para o agora a prontidão de seus agentes em demandas que são também sociais.

Com efeito, a vivência de estudantes de graduação em atividades extramuros e as experiências de trabalho voluntário em certos espaços sociais é uma importante oportunidade para o acúmulo de capital profissional, de conhecimentos, habilidades e competências para a prática profissional. De certa forma, este estudo, ao enunciar aspectos sobre a prontidão e mobilização de Escolas de Enfermagem para a organização daqueles cursos de Enfermagem de Guerra, naquele ardiloso contexto político-social, enfatiza o compromisso da formação de profissionais capazes de bem interagirem com as coisas e causas sociais.

¹⁰ Presumir que as pessoas no passado sentiam e pensavam exatamente da mesma forma que no momento atual, ou seja, como nós pensamos (BURKE, 1992).

2 ABORDAGEM METODOLÓGICA E TEÓRICA

Trata-se de estudo de natureza histórico-social, que se insere no projeto integrado de pesquisa intitulado “Assistência de Enfermagem em situações de desastres”, coordenado pelo professor doutor Alexandre Barbosa de Oliveira, desenvolvido no âmbito do Núcleo de Fundamentos do Cuidado de Enfermagem (Nuclearte) e do Núcleo de Pesquisa de História da Enfermagem Brasileira (Nuphebras), através do Grupo Interdisciplinar de Atenção às Situações de Desastres (UFRJ), o qual é cadastrado no Diretório de Grupos do CNPq¹¹.

Sobre o campo historiográfico eleito para este estudo, a “História Social” pode ser definida como o ramo da História que examina a “dimensão social” de uma sociedade. E esta sociedade é estudada “em fatias” (ou em subconjuntos internos à sociedade); ou também se estuda elementos transversais e específicos, que parecem atravessar a sociedade por inteiro (os sistemas de exclusão e os mecanismos de organização social que, por exemplo, atravessam a sociedade como um todo) (BARROS, 2005). Entretanto, a História Social mantém seu nexo básico de constituição, enquanto forma de abordagem, priorizando a experiência humana e os processos de individuação e diferenciação das identidades e comportamentos coletivos (sociais) na explicação histórica (CARDOSO, VAIFANS, 2013).

Frente a isto, apesar do campo de escolha para o desenvolvimento deste estudo ter se concentrado na História Social, “é preciso considerar que todas as dimensões da realidade social interagem, ou rigorosamente sequer existem como dimensões separadas” (BARROS, 2004). Como afirma Thompson (1987), mais do que nunca, a História Social estabelece interfaces com outros circuitos interdisciplinares e com outros campos da própria História, visto a complexidade e o tratamento das sociedades como realidades vivas e dinâmicas, e não apenas como descrições de estruturas perfeitas como se fossem relógios, mas abstraídas de realidade humana.

Logo, a História Social deve considerar a cultura, o espaço e o tempo para a análise do seu objeto. Para isto, o pesquisador precisa dedicar-se à utilização de fontes que guardem os acontecimentos e revelem os fatos, atentando sempre de se distanciar de uma narrativa positivista e linear. No estudo histórico-social se faz indagações ao passado, e se problematiza acontecimentos e suas mudanças posteriores; e, através de análise crítica, pretende-se entender por que determinados fenômenos acontecem ou se manifestam, não apenas narrando o que aconteceu (CAMPOS; MONTANARI, 2011, p.113).

¹¹ <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/2113123392004870>

Como um dos propósitos das investigações históricas é iluminar o passado e, através da leitura ou releitura deste, tentar alumbrar o presente e, porventura, conseguir até mesmo antecipar questões e soluções futuras, é através da pesquisa histórica que é possível demonstrar, no campo de atenção do pesquisador, os fracassos e sucessos, de ocorrências ou eventos em geral. Estes detalhes são geralmente evidenciados conforme a metodologia selecionada e empregada (PADILHA, BORENSTEIN 2005, p.577). Destarte, o tema selecionado influencia diretamente na eleição das fontes, das técnicas e do método empregados nas pesquisas históricas, posto que cada ramo destas pesquisas apresenta características próprias. Por oportuno é que são abordadas a seguir as fontes e técnicas eleitas para a construção deste estudo.

2.1 ASPECTOS OPERACIONAIS DA PESQUISA

2.1.1 Localização e (de)limitação do corpus documental

A busca pelas fontes históricas se deu no período de maio de 2012 a dezembro de 2014. Para esta busca, foram utilizadas fontes dos acervos do Centro de Documentação da Escola de Enfermagem Anna Nery (UFRJ), do Arquivo Setorial da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto (UNIRIO), da Cruz Vermelha Brasileira, da Fundação Biblioteca Nacional, todos localizados na cidade do Rio de Janeiro. Como previsto no plano inicial do estudo, foram buscadas fontes também no Instituto Histórico Geográfico Brasileiro e no Arquivo Histórico do Exército (situado no Palácio Duque de Caxias), mas sem sucesso, visto que não foram encontrados dados pertinentes ao estudo. Foram privilegiados os arquivos do Rio de Janeiro por ter se delimitado espacialmente a pesquisa nesta cidade, a qual foi a Capital Federal do Brasil durante o contexto da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), recorte temporal do estudo.

No que diz respeito às fontes buscadas no Centro de Documentação da Escola de Enfermagem Anna Nery, foram selecionadas as constantes das seguintes coleções e séries: Laís Netto dos Reys (*diretora da EAN no recorte do estudo*); As Pioneiras (*documentos relacionados à primeira turma de diplomadas pela EAN, da qual Laís Netto dos Reys fez parte*); Socorristas Voluntárias de Guerra [1942-1945] (*série com fichas de alunas, cadernetas de frequência de estágio prático e certificados de conclusão dos cursos de esforço de guerra*); além de relatórios da Direção da EAN no período da Segunda Guerra.

O acesso às fichas de alunas constantes da Série Socorristas Voluntárias de Guerra do referido Centro de Documentação auxiliaram no processo de identificação preliminar dos

cursos de esforço de guerra oferecidos pelas Escolas de Enfermagem (especialmente das Escolas de Enfermagem da Cruz Vermelha e Anna Nery), como também para apoio na descrição das características de cada um deles. Estas fontes, trianguladas com outras encontradas nos acervos da Cruz Vermelha Brasileira, da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto e da Biblioteca Nacional, viabilizaram a identificação de um total de 11 cursos de esforço de guerra oferecidos pelas Escolas de Enfermagem da Capital Federal e por outras instituições (em parceria com estas Escolas).

Dentre esses 11 cursos identificados, somente foram encontrados os conteúdos programáticos de quatro deles: Samaritana Socorrista, Curso de Voluntária de Socorro de Guerra (também chamado Voluntárias ou Socorro de Guerra), Popular de Primeiro Socorros (ou Voluntárias Socorristas da Colônia Gustavo Riedel) e Socorros de Urgência. Por isso, maior ênfase foi conferida no estudo a estes quatro cursos, em termos de descrição, análise e discussão. Nas fontes relacionadas a todos os outros cursos, só foram encontradas fichas e outros documentos que tratavam das alunas inscritas, mas não do curso em si de modo mais detalhado.

Há que se referendar que, no processo de busca às fontes históricas no referido Centro de Documentação, alguns limites metodológicos foram impostos, como o acesso a conteúdo de dados que permitissem satisfazer a análise dos cursos oferecidos. Ademais, apesar de existir uma quantidade considerável de caixas (nove ao todo) com a denominação da série “Socorristas Voluntárias de Guerra [1942-1945]”, nestas só foi encontrado, quase que exclusivamente, diplomas e fichas de inscrição de alunas, que poderiam ter concluído ou não o curso. Além disso, constatou-se uma organização arquivística algo precária destas fontes; como exemplo, alguns documentos referentes a estas caixas foram encontrados em outras caixas de outras séries.

Para amplificar o acesso a outras fontes, que viessem a melhor fundamentar o conteúdo das encontradas nesta citada série e a auxiliar na construção do estudo, novas buscas foram realizadas nos outros acervos antes ressaltados. Neles, novos limites metodológicos e burocráticos foram também impostos com relação ao acesso à documentação, o que ocorreu lamentavelmente na Cruz Vermelha Brasileira, onde não foram encontradas fontes referentes aos cursos em si. Contudo, através especialmente da Fundação Biblioteca Nacional, foram encontradas fontes que acabaram por dar nova roupagem ao estudo, quando se privilegiou as fontes jornalísticas.

De início, encetou-se a busca através do acervo de microfilmagem de periódicos da Biblioteca Nacional. Com o auxílio dos profissionais que lá atuam, foi orientada a busca das

fontes jornalísticas através do recém-criado site de pesquisa desta instituição chamado “Hemeroteca Digital”, no endereço eletrônico www.hemerotecadigital.bn.br. No mecanismo de busca do site, realizou-se a pesquisa por períodos. Assim, o recorte temporal do estudo (1939-1945) ficou contido nos intervalos estabelecidos pelo site de “1930 a 1939” e de “1940 a 1949”. Em todos os periódicos, o local escolhido foi o Rio de Janeiro.

Durante a primeira busca (ocorrida entre os meses de janeiro e maio de 2014) utilizou-se como palavras-chave: “Escola de Enfermagem Anna Nery” (duas ocorrências obtidas); “Escola de Enfermagem Ana Neri” (nove ocorrências); “Escola Anna Nery” (145 ocorrências); e “Escola Ana Neri” (821). A eleição desta variedade de termos em relação à grafia da referida Escola deveu-se às mudanças ocorridas no nome desta instituição desde a sua criação¹², assim como o fato de encontrarmos, em diferentes fontes, nomes com grafias distintas de Anna Nery¹³, como tratado no estudo de Porto e Oguisso (2011).

Com o desenvolvimento da pesquisa, que antes previa apenas a consideração da Escola Anna Nery, e com a identificação de outras instituições direta e indiretamente envolvidas no preparo de voluntárias para a prática de Enfermagem de Guerra, ampliou-se a coleta de dados considerando estas outras instituições, o que se deu especialmente por conta de recomendações no processo de orientação, e durante a realização da Banca de Qualificação em agosto de 2014.

Assim, na segunda busca realizada entre agosto e dezembro de 2014, que ocorreu simultaneamente com a terceira e quarta buscas, utilizou-se a palavra-chave “Cruz Vermelha Brasileira” (o que totalizou 7.120 ocorrências). Optou-se pela busca com a palavra-chave “Cruz Vermelha Brasileira” com a finalidade de englobar o maior número possível de ocorrências, no sentido de evitar problemas na identificação de fontes relacionadas à “Escola Profissional de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira”, um nome extenso que poderia ocultar algumas ocorrências na busca pelo site. Por certo, o número de ocorrências para Cruz Vermelha Brasileira foi muito alto devido à sua atuação destacada durante os contextos de guerra, e pelo fato da instituição se fazer presente, à época, em boa parte do território

¹² A atual Escola de Enfermagem Anna Nery, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, foi inicialmente denominada Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública (1922), passou à denominação Escola de Enfermeiras D. Ana Nery (1931), e, em seguida, Escola Ana Néri (1937), e depois para Escola de Enfermagem Anna Nery (1965), nome que mantém até os dias atuais (FONTE, 2009).

¹³ A ortografia do nome de Anna Nery flutua entre “Ana Nery”, “Anna Nery” e “Ana Neri”. Em alguns documentos (certidão de batismo e óbito) foi encontrada a ortografia “Anna Justina Ferreira Nery”. E, com alguns acordos ortográficos entre Brasil e Portugal ocorridos nas décadas de 1930 e 1940, faz-se compreensível a utilização da ortografia “Ana Neri”. Entretanto, o certo é utilizar a ortografia “Anna Nery”, encontrada nos documentos oficiais de batismo e óbito (PORTO; OGUISSO, 2011).

nacional, com outras sedes ou filiais. Desses registros encontrados, grande parte foi de notícias de ritos institucionais.

Já a terceira busca foi realizada com a palavra-chave “Colônia Gustavo Riedel” (180 ocorrências), para a obtenção de informações sobre a participação da “Escola Alfredo Pinto”, termo que, por sua vez, gerou 185 ocorrências, das quais nenhuma notícia tratou sobre os cursos. Houve busca pela palavra-chave “Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto”, gerando apenas 17 ocorrências, sendo que em nenhuma destas tratou-se sobre os cursos. Cabe ressaltar que, nesta época (década de 1940), a Escola de Enfermagem Alfredo Pinto tinha sua seção feminina em funcionamento na Colônia Gustavo Riedel, o que justificou a busca por este termo. A palavra-chave “Escola de Enfermagem Alfredo Pinto” começa a ter ocorrências no ano de 1945, devido à mudança do nome na década de 1940, mencionado anteriormente.

Assim, cabe destacar que, neste estudo, optou-se pelo nome “Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto”, visto que esta nomenclatura foi utilizada para a seção feminina na Colônia Gustavo Riedel (a partir de 1921), e também pelo fato de ter ocorrido uma mudança do nome da Escola durante o Estado Novo, em 1942, que vigorou em 1º de janeiro 1943, havendo outra mudança em pouco tempo (exatamente em 18 de novembro de 1944) para o nome atual Escola de Enfermagem Alfredo Pinto (AMORIM, 2004).

A quarta e última busca se deu com a palavra-chave “Escola Luiza de Marillac”. Nesta, obteve-se somente sete ocorrências, das quais três referiram-se aos cursos de Enfermagem de Guerra.

Como critérios de inclusão utilizados para a seleção das matérias jornalísticas disponibilizadas através do site Hemeroteca Digital, da Fundação Biblioteca Nacional, foram eleitas as que continham informações referentes à divulgação dos cursos de esforço de guerra; solenidades e ritos institucionais referentes a esses cursos; ou ainda as que fizessem referência às alunas diplomadas desses cursos, ou menções à mobilização de enfermeiras e ao esforço de guerra como um todo, como os exercícios de blackout e de defesa passiva antiaérea, e que respeitasse o recorte temporal do estudo de 1939 a 1945. Como critérios de exclusão, definiu-se: pequenas notas e notícias repetidas e/ou sem detalhamento do curso, bem como registros incompletos ou ilegíveis.

Dentre as fontes jornalísticas, localizadas na Fundação Biblioteca Nacional, foram selecionadas para análise as reportagens publicadas nos jornais A Manhã, A Noite e Diário de Notícias. Os motivos para a escolha de tais jornais se deram em função: destes terem sido jornais de grande circulação à época; de terem o maior número de ocorrências nas buscas realizadas pelo site; de tecerem linhas de pensamento distintas (de “direita”/estadovovista e de

“esquerda”/com tendência comunista), o que, *a priori*, tenderia a amplificar as ideias contidas nas notícias; e também de reunirem as notícias consideradas como as mais relevantes para este estudo, por darem maior amplitude à divulgação dos cursos de esforço de guerra e das solenidades e eventos relacionados aos cursos, ou que fizessem referência às alunas diplomadas ou menções à mobilização de enfermeiras e ao esforço de guerra como um todo. A partir da adoção desses critérios, chegou-se ao total de 31 matérias jornalísticas, conforme é apresentado na tabela a seguir:

Tabela nº 1 - Total de matérias selecionadas por jornal:

Jornal	Número de matérias selecionadas por palavra-chave/busca		
	Escola Anna Nery	Cruz Vermelha Brasileira	Colônia Gustavo Riedel
A Manhã	02	07	02
A Noite	01	09	00
Diário de Notícias	04	06	01
Total	07	21	03

Localização: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Acesso em: novembro de 2014.

Essas matérias selecionadas foram pré-analisadas, categorizadas cronologicamente e de acordo com a temática (Escolas de Enfermagem, rituais, propagandas e características dos cursos) e elencadas ao longo da Seção 4 deste estudo intitulada “Os efeitos simbólicos da organização de cursos de esforço de guerra pelas Escolas de Enfermagem da Capital Federal, durante a Segunda Guerra Mundial”. Além disto, foram organizadas segundo o jornal pesquisado em que foram considerados os seguintes dados: data da publicação, número da página do jornal da publicação, título completo da matéria, autoria e zona de visualização (Apêndice B).

A maioria das notícias selecionadas se deu no ano de 1942, pois este foi o ano em que mais foram encontradas reportagens nos periódicos durante a realização desta busca, em relação aos critérios estabelecidos. Vale ressaltar que, ao todo, foram obtidas 142 reportagens sobre os cursos de esforço de guerra, dentre as quais 116 na busca para “Cruz Vermelha Brasileira”, 11 para “Colônia Gustavo Riedel” e 15 para a “Escola Ana Neri”. Contudo, este número foi reduzido para 31 reportagens, em função da aplicação dos critérios de seleção das

mesmas. Assim, foram excluídas 95¹⁴ reportagens da busca para “Cruz Vermelha Brasileira”, oito para a busca “Colônia Gustavo Riedel”, e oito para a busca “Escola Ana Nery. Isto se deu por conta da replicação de informação, que, pela análise preliminar, não ofereceu dados novos, mas reiterou certas ideias. Vale informar que, apesar de ter sido prevista a busca pela palavra-chave “Escola Luiza de Marillac”, não foi selecionada nenhuma notícia, pois houve apenas três ocorrências tratando dos cursos, mas todas eram notas breves, ou seja, sem detalhamento suficiente, o que foi considerado como critério de exclusão.

Além das fontes jornalísticas, foram aproveitadas outras fontes históricas, como alguns documentos constantes dos relatórios da Direção da Escola Anna Nery¹⁵, das Séries As Pioneiras (1939-1945), do Gabinete da Direção (Laís Netto dos Reys), atas e boletins da Cruz Vermelha Brasileira, matérias publicadas na Revista da Cruz Vermelha Brasileira, e alguns anexos constantes na Dissertação de Mestrado “Escola de Enfermagem Alfredo Pinto - 100 anos de História”, da professora doutora Almerinda Moreira (decretos e listas nominais das turmas da Escola Alfredo Pinto). Todas essas fontes foram cruciais na fase de triangulação e análise.

2.2 ANÁLISE JORNALÍSTICA E DOCUMENTAL

Para o tratamento das notícias veiculadas através dos jornais selecionados, foram consideradas as propostas de análise jornalística utilizadas em alguns estudos desenvolvidos por pesquisadores de História da Enfermagem Brasileira¹⁶. Em geral, na análise que os autores procederam, foram considerados certos aspectos da matéria jornalística, como sua posição na página em que foi publicada, a relação da matéria com a publicação inteira, e a “leitura” da matéria jornalística quanto ao seu plano de expressão e de conteúdo. Assim, a partir da matriz de análise que consta no Apêndice C, as notícias elencadas foram tratadas em seu texto, contexto, recorrência do assunto veiculado, características do jornal onde foi publicada e zona de visualização (total).

¹⁴ Também foram excluídas notícias que apareceram nas outras buscas, como na busca da palavra-chave “Escola Ana Nery” e “Colônia Gustavo Riedel”, visto que existiram cursos com a colaboração destas instituições com a Cruz Vermelha Brasileira. No caso, estas notícias foram computadas como da Escola Anna Nery ou da Cruz Vermelha Brasileira, visto que esta obteve grande número de notícias, e também por apresentar-se majoritariamente como instituição responsável pelos cursos.

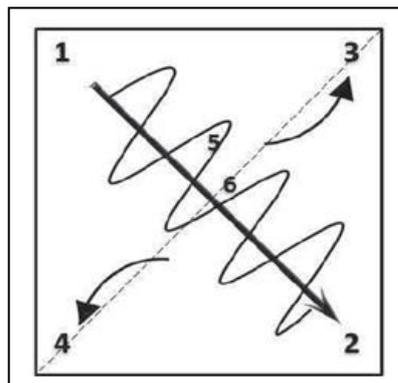
¹⁵ Somente foram encontradas informações sobre os cursos nos relatórios de 1939 e 1943. Os relatórios referentes ao ano de 1945 não foram encontrados no Centro de Documentação da Escola de Enfermagem Anna Nery (UFRJ).

¹⁶ Destacam-se a dissertação de Mestrado de Elaine Marcussi (2012), e os artigos de Mercedes Oliveira Neto, Fernando Porto e Simone Aguiar Nascimento (2012) e de Elaine Franco Fonseca e Fernando Porto (2010).

Contudo, alguns aspectos da matriz não foram passíveis de explicitação em todas as matérias jornalísticas selecionadas, como a identificação dos editores, valores dos exemplares, e a obtenção de dados complementares. Ademais, não foram aplicadas técnicas de análise iconográfica nas fotografias e outras imagens retratadas nas notícias selecionadas. Porém, as mesmas chegaram a ser aproveitadas no corpo do texto, para fins de ilustração e de auxílio na leitura dos dados das notícias. Ainda sobre as iconografias aproveitadas, a fotografia desde o século passado tem apoiado a linguagem escrita, principalmente sem qualquer autonomia, como recurso de ilustração do texto. Alguns cientistas fazem uso desse artifício para ampliar a visão do pesquisador, ressaltando detalhes antes despercebidos (CAMPOS, 1992, p.99). De fato, o registro fotográfico pode ser utilizado com o objetivo de averiguar a existência de certos fatos (SANTOS, BARREIRA, 2002, p.17).

Sobre a localização da notícia no corpo da página do jornal, levou-se em consideração as zonas de visualização da página, como consta na Ilustração nº 1. Essas zonas são áreas estratégicas, que têm como princípio a visão, pois se fixam no lado superior à esquerda do papel, por estarmos condicionados pela escrita ocidental. A zona de visualização tem início da esquerda para a direita, o que caracteriza o alicerce obrigatório dos olhos, influenciando decisivamente em nosso comportamento na leitura (SILVA, 1985).

Ilustração nº 1: Zonas de visualização da página



Localização: SILVA, Rafael Souza. Diagramação – o planejamento visual gráfico na comunicação impressa. São Paulo: Summus, 1985. p.49.

A lógica racional para a leitura ocidental dá origem ao esquema em seis zonas de visualização. A **zona primária ou principal** (1) contém elementos de forte atração para

chamar a atenção do leitor. Como a visão instintivamente se desloca com rapidez¹⁷, em diagonal para o lado inferior oposto, a rota básica da vista se projeta do lado superior esquerdo (zona primária - 1) para o lado inferior direito (**zona secundária - 2**). Nesse sentido, o diagramador tende a ter certo cuidado no preenchimento das **zonas mortas** e do **centro óptico** da página com aspectos atrativos, a fim de que a leitura se torne ordenada, com racionalidade, sem o deslocamento brutal da visão. Vale lembrar da importância do centro óptico (5) ou o centro real de qualquer peça impressa, que está situado um pouco acima do **centro geométrico**, quando do cruzamento das diagonais. A altura do centro varia de acordo com o tamanho da página, em relação à largura e altura (SILVA, 1985).

Assim, de acordo com tais considerações, as 31 notícias selecionadas para o desenvolvimento deste estudo foram analisadas em relação às zonas de visualização das páginas dos periódicos A Manhã, A Noite e Diário de Notícias, conforme explicitado no quadro a seguir, que destaca os resultados de cada zona encontrados na abordagem desses 31 registros:

Quadro nº 1 - Localização das notícias nas páginas dos periódicos A Manhã, A Noite e Diário de Notícias:

Zonas de visualização	Resultados	
Zonas de visualização exclusivas	N	%
a) Zona primária (1)	03	8,3%
b) Zona secundária (2)	02	5,5%
c) Zona morta (3)	02	5,5%
d) Zona morta (4)	02	5,5%
e) Centro Óptico (5)	03	8,3%
f) Centro Geométrico (6)	02	5,5%
Zonas de visualização combinadas		
g) Entre a zona primária (1) e morta (4)	06	16,7%
h) Entre a zona morta (3) e centro geométrico (6)	02	5,5%
i) Entre a zona secundária (2) e morta (3)	07	19,4%

¹⁷ Os olhos não caminham como uma reta simplesmente, a visão vem zigzagueando em diagonal, ou seja, tudo o que estiver próximo à linha virtual entre as zonas primárias (1) e secundárias (2) receberão atenção do leitor (ARNOLD, 1965).

j) Entre a zona secundária (2) e morta (4)	02	5,5%
k) Entre a zona primária (1) e morta (3)	04	11,1%
l) Entre a zona primária (1) e centro óptico (5)	01	2,8%
Total	36¹⁸	100%

Fonte: Quadro adaptado da Tese de Doutorado de Porto (2007), e construído a partir dos dados constantes nos Apêndices B e C.

Como antes ressaltado, estas zonas de visualização têm a finalidade de atrair a atenção do leitor. Não obstante, quando combinadas, como apresentadas no quadro nº 1 (nos itens de letra “g” e “i”), indicam elevada incidência. Nas zonas combinadas foi totalizado 61%, enquanto que em zonas de visualização exclusiva apenas 38,6%, evidenciando uma maior incidência nos itens de letra “a” e “e”.

Visto isso, é importante salientar que as zonas combinadas cumpriram a estratégia na diagramação da página do periódico, que tem a função de organizar os dados visuais na comunicação da mensagem aos leitores, dado que a organização da página é serviço da edição para a eficiência da transmissão da mensagem, tanto na sua diagramação quanto na produção (GURAN, 1999, p.65-6). A maior incidência na zona de visualização exclusiva foi o centro óptico, e nas zonas de visualização combinadas houve 58,2% de incidência de combinação de zona morta (3 ou 4) com outras zonas de visualização, o que reitera esta necessidade de se colocar elementos atrativos nas zonas mortas, assim como no centro óptico, como apontado anteriormente.

Outrossim, as notícias que foram reportadas em duas páginas não mantiverem o mesmo critério de diagramação (vide Apêndice B). Para isto, como o leitor adquire o periódico a partir do que vê na capa, e espera que seu conteúdo corresponda a essa qualidade, as regras para diagramação das páginas interiores do jornal deveriam seguir o mesmo padrão da primeira página, por questões éticas (ARNOLD, 1965).

Entende-se, então, que a divulgação das notícias sobre os cursos de esforço de guerra, por meio dos jornais (A Manhã, A Noite e Diário de Notícias), associada ao elevado percentual de presença dessas notícias nas zonas de visualização combinadas, colaboraram

¹⁸Apesar de totalizarem 31 notícias selecionadas, foi considerado o total de páginas dessas notícias. Logo, 100% dos resultados deste quadro equivalem a 36 páginas de 31 notícias. As porcentagens encontradas neste quadro equivalem à quantidade de páginas, levando-se em consideração a diagramação da notícia (Apêndice B).

para o estabelecimento da visibilidade social desses mesmos cursos. Com isto, levando-se em consideração que o diagramador deve preencher estes espaços com elementos de grande atração visual, estas notícias podem ter sido escolhidas para esta finalidade, salvo melhor juízo.

Outrossim, sobre os três jornais selecionados para a análise neste estudo, fez-se necessária a identificação de seus posicionamentos político-ideológicos (se filiado ao governo ou de oposição, por exemplo), a fim de entender melhor o que se pretendia com as notícias reportadas e de bem enquadrar seus textos àquele contexto. Por essa via é que se buscou dar clareza à justificação da eleição dessa natureza de fonte, demarcada pela singularidade do momento político-social vivido, que muito privilegiou os jornais, e também pelo fato de que, foi a partir do Estado Novo que o projeto cultural e político do regime dispôs dos meios necessários para sua difusão em ampla escala. Com isso, desde então, houve significativo investimento para criar e difundir uma imagem positiva do regime, para o que era essencial subordinar os meios de comunicação de massa (como os jornais) ao Executivo (LUCA, 2013). Desse modo, segue abaixo uma breve descrição sobre cada um desses jornais selecionados:

A Manhã

Lançado no Rio de Janeiro em 29 de dezembro de 1925 pelo jornalista Mário Rodrigues, o periódico *A Manhã* era um matutino versátil, com 12 páginas em tamanho *standard*. Neste formato, a mancha gráfica da página media 52,5 por 29,7 centímetros. O formato *standard* segue a diagramação modular, que mescla a distribuição vertical com a distribuição horizontal das matérias, em busca de um layout de página dinâmico e atraente para o leitor, bem montado, com bom uso de imagens, e considerado, à época, de boa qualidade. *A Manhã* utilizava linguagem mordaz, demagógica, panfletária, além de bem-humorada e acessível¹⁹.

O periódico constituía-se em um órgão oficial do Estado Novo. Esteve sob direção de Cassiano Ricardo (jornalista, poeta e ensaísta) de maio de 1941 até meados de 1945. Nesta época, o jornal pretendia divulgar as diretrizes propostas pelo regime junto a um público o mais diversificado possível. A Constituição de 1937 que implantou o Estado Novo, por exemplo, era exposta de forma didática, aparecendo diariamente nas páginas do matutino²⁰.

A Noite

¹⁹ Informação disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/artigos/manh%C3%A3-1>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2014.

²⁰ Informação disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/EducacaoCulturaPropaganda/AManha>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2014.

O vespertino *A Noite* foi fundado em 18 de julho de 1911 por Irineu Marinho, no Rio de Janeiro, logo depois que este jornalista deixou a Gazeta de Notícias, onde era secretário-geral. Lançado com circulação diária, em grandes tiragens e a preços baixos, *A Noite* foi considerado um dos primeiros jornais populares do Rio de Janeiro²¹. Este jornal passou por várias fases de re-erguimento e reinauguração. Sobre o caráter político do jornal, tem-se o seguinte recorte:

Nas eleições presidenciais de 1930, depois de ensaiar possível neutralidade, o jornal, ainda sob o comando de Geraldo Rocha, aderiu à candidatura governista de Júlio Prestes. As denúncias de fraude na vitória de Júlio Prestes não abalaram o alinhamento do jornal, que chegou a publicar entrevistas e pronunciamentos de líderes moderados da Aliança Liberal contra a solução armada.

Com a vitória do movimento liderado por Getúlio Vargas, os revolucionários empastelaram o jornal e prenderam [Geraldo] Rocha. A sede foi depredada e incendiada, e o jornal deixou de ser editado por alguns dias. Ao voltar a circular, em 4 de novembro, a empresa se defrontaria com o desgaste político resultante do apoio às oligarquias derrotadas.

A partir de 13 de março de 1940, o jornal foi dirigido por José Eduardo de Macedo Soares, tendo Cipriano Lage como redator-chefe. A administração ficou a cargo do coronel Luís Carlos da Costa Neto, superintendente das Empresas Incorporadas ao Patrimônio Nacional [...]. Apesar do respaldo do governo, o jornal entrou em grave crise ocasionada por problemas administrativos, baixa receita, empreguismo e perda de leitores, cada vez menos atraídos por um órgão sob controle oficial²².

Diário de Notícias

O *Diário de Notícias* surgiu no ano de 1930, fundado por Orlando Ribeiro Dantas, Nóbrega da Cunha e Alberto Figueiredo Pimentel Segundo (SODRÉ, 1999, p.371), em uma das épocas mais conturbadas da História brasileira, pois foi o ano da revolução que levou Getúlio Vargas ao poder, um tempo de profundas mudanças sociais, políticas e econômicas no país. Este contexto é retratado pelo próprio editorial de estreia do *Diário de Notícias* como um período de “convalescença da alma nacional”, “sacudida pela campanha presidencial mais alentadora de quantas já se feriram no cenário político do Brasil”.

Durante o Estado Novo de Getúlio Vargas (1937-1945), “os jornais passaram, por gosto e/ou contragosto, a servir à ditadura. O Departamento de Imprensa e Propaganda distribuía verbas a jornais e emissoras, contudo, dentre os raríssimos jornais que não chegaram a se “corromper”, figurou o *Diário de Notícias* (SODRÉ, 1999, p.382). Ou seja, a princípio, o

²¹ Informação disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/artigos/noite>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2014.

²² Informação disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/artigos/noite>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2014.

periódico conferiu certo crédito de confiança a Getúlio Vargas (em 1930), mas, com o tempo, partiu para a oposição, a qual se manteve até o fim do Estado Novo em 1945, discordando da posição centralizadora e autoritária do chefe do Governo.

O *Diário de Notícias* era um jornal de cunho patriótico, mas, sobretudo, independente, que não se curvava às pressões do poder, e que buscava rejeitar com dignidade certas ofertas de subvenções. O preço pago foi alto: restrições na publicidade oficial e ameaças de corte de papel. Mesmo com o término do Estado Novo, o *Diário de Notícias* manteve sua posição vigilante em relação aos governos que se seguiram.

Para bem subsidiar a (re)leitura das matérias desses jornais, conjugou-se o uso de outros documentos escritos como fonte primária. Para tal, considerou-se a dinâmica de “cadeia documental”, que consta de cinco etapas encadeadas: 1) coleta de documentos; 2) controle e registro material do documento; 3) armazenamento; 4) pesquisa; e 5) difusão da informação (SILVA JUNIOR, 2011, p.354; BACELLAR, 2008).

Nesse sentido, o desenvolvimento desta pesquisa, no que tange aos documentos escritos, considerou essas cinco etapas, sistematicamente. Para efeito metodológico, procedeu-se a seleção e a classificação temática e cronológica, para posterior análise à luz do método histórico. Assim, foi utilizada a técnica de análise documental, que consta de três processos: 1) crítica interna, relacionada à interpretação textual; 2) crítica externa, relacionada à autenticidade do documento; e 3) crítica do testemunho, relacionada à triangulação de testemunhos independentes (SILVA JÚNIOR, 2011).

Através da crítica interna, fez-se a leitura do documento, a fim de interpretá-lo e verificar a sua credibilidade. Aqui, buscou-se apreender o significado da declaração dentro do documento, determinando sua fidedignidade. Em conformidade, avaliou-se, em praticamente todas as etapas de análise, o contexto histórico no qual foi produzido o documento, o universo sócio-político do autor e daqueles a quem foi destinado, seja qual tenha sido a época em que o texto foi escrito. Por essa óptica, buscou-se apreender os esquemas conceituais dos autores, seus argumentos, refutações, reações e, ainda, identificar as pessoas, grupos sociais, locais, fatos aos quais fez alusão os documentos.

Com efeito, através da análise do contexto,

o pesquisador se coloca em excelentes condições até para compreender as particularidades da forma de organização, e, sobretudo, para evitar interpretar o conteúdo do documento em função de valores modernos. Tal etapa é tão mais importante, que não se poderia prescindir dela (...). É salutar nos questionarmos por que esse documento, preferencialmente a outros, chegou até nós, foi conservado e publicado. Muitas vezes, sobretudo num

passado relativamente distante, uma única categoria de indivíduos, ou seja, os que pertenciam à classe instruída podiam expressar seus pontos de vista por meio da escrita. É preciso, então, poder ler nas entrelinhas, para compreender melhor o que os outros viviam, senão as interpretações correm o risco de serem grosseiramente falseadas (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009).

Já a crítica externa, outro processo aplicado neste estudo, focou nos aspectos materiais dos documentos (sua autenticidade), não em relação à mensagem ou texto. No caso, “a crítica externa indaga a natureza dos documentos, isto é, se o texto é original ou cópia, qual a procedência ou autoria, enfim, a autenticidade dado histórico” (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009).

E, finalizando as etapas, o desenvolvimento da crítica do testemunho visou confrontar o testemunho examinado com outros independentes do primeiro. Ou seja, buscou-se operar, quando foi possível, uma triangulação de fontes, o que é essencial para que a mensagens encontradas nos documentos façam sentido e se encaixem com o contexto estudado. Nesta etapa, foram reunidas todas as tipologias de fontes históricas (ofícios do gabinete de Direção, jornais, relatórios, atas etc) para a triangulação.

Realizada a seleção e análise preliminar dos documentos, efetuou-se a **análise dos dados**, quando foram reunidas e articuladas todas as partes (elementos da problemática, contexto, autores, interesses, confiabilidade, natureza do texto, elementos do quadro teórico e conceitos chave) (CELLARD, 2008). Todo esse processamento visou, enfim, fornecer uma interpretação mais coerente (porém provisória), tendo em conta a temática e os questionamentos-chave iniciais.

Ademais, no que diz respeito às fontes secundárias, o estudo aproveitou referências que possuíssem aderência à temática, com ênfase nos trabalhos que tratam da História do Brasil (que destacam o Estado Novo), História da Segunda Guerra Mundial (no Brasil, principalmente) e História da Enfermagem Brasileira (no contexto da Segunda Guerra Mundial). Estas fontes serviram de suporte para melhor fundamentar, contextualizar e analisar os acontecimentos do recorte temático eleito.

Cumprе ressaltar ainda que o **referencial teórico** definido para o desenvolvimento desta pesquisa atrelou-se a alguns conceitos e noções da Teoria do Mundo Social do antropólogo e sociólogo francês Pierre Bourdieu, professor do Collège de France, com destaque para os conceitos de campo, capital (simbólico), *habitus* e luta simbólica.

Segundo Bourdieu, estes conceitos possibilitam uma melhor percepção do mundo social, dos diversos espaços que o integra, suas lutas internas e hierarquias, expondo as características conflituosas dos diferentes âmbitos da vida social e suas relações de poder.

Uma das peculiaridades mais interessantes salientadas por Bourdieu é a fecunda apreciação acerca da própria Sociologia que, por ele, responsabiliza-se em descobrir relações e fatos nem sempre explícitos, trazendo à tona questões onde se aparenta naturalidade. Também, seu propósito envolve relações de poder, lutas, características que muitos não desejam serem elucidadas, pouco reveladas da realidade social. Partindo deste pressuposto, esta ciência é conflitual, devido à natureza dos problemas que se dedica, e parece desiludir o mundo social e, talvez, nesta sua força, residam suas maiores dificuldades. Desvelando hierarquias, privilégios, dominações e opressões, o produto final de suas pesquisas gera, não raramente, mal-estar, por outro lado, gera também esperanças. De acordo com o sociólogo “[...] a Sociologia liberta libertando da ilusão de liberdade” (BOURDIEU, 1990, p.28).

A par da dimensão da complexidade da Sociologia, de suas ideias em si e, do mesmo modo, da dificuldade que é o esclarecimento de uma realidade histórica recortada e aproximada da verdade, nesta pesquisa buscou-se fazer alguns ensaios de aproximação e emprego dos referidos conceitos da Teoria do Mundo Social, de Pierre Bourdieu, inclusive para dar maiores subsídios ao processo de discussão dos dados.

Sobre os aspectos ético-legais deste estudo, especialmente sobre as fontes digitalizadas acessadas *online* através da Hemeroteca Digital Brasileira, da Fundação Biblioteca Nacional, ressalta-se o adendo feito logo na página inicial deste site:

A Biblioteca Nacional disponibiliza através da Hemeroteca Digital Brasileira parte do acervo de periódicos em formato digital. A Biblioteca não concede autorização de uso, pois não é titular dos direitos autorais sobre o conteúdo do acervo. Dessa forma, o uso do material disponibilizado no site depende da autorização expressa dos detentores dos direitos, ou na forma da Lei de Direito Autoral.

Isto posto, os aspectos éticos da pesquisa referentes ao conteúdo e imagens dos jornais analisados respeitaram o que se refere à Lei dos Direitos Autorais nº 9.610, de 1998, quanto à autorização, atualização e consolidação da legislação destes direitos. Para este fim, destacam-se os artigos 43 e 44 do capítulo III, que tratam dos direitos autorais do autor e sua duração:

Artigo 43 – Será de setenta anos o prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre as obras anônimas ou pseudônimas, contado de primeiro de janeiro do ano imediatamente posterior no caput deste artigo.

Artigo 44 – O prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre obras audiovisuais e fotográficas será de setenta anos, a contar de primeiro de janeiro subsequente ao de sua divulgação.

Para mais, respeitou-se o que se refere às limitações aos direitos autorais, nesta mesma lei, no capítulo IV, sobre o que menciona o artigo 46:

Artigo 46 – Não constitui ofensa aos direitos autorais: I- Reprodução: a) na imprensa diária ou periódica, de notícia ou de artigo informativo, publicado em diários ou periódicos, com menção do nome do autor, se assinados, e da publicação de onde foram transcritos; (...) III – a citação em livros, jornais, revistas ou qualquer outro meio de comunicação, de passagens de qualquer obra, para fins de estudo, crítica ou polêmica, na medida justificada para o fim a atingir, indicando-se o nome do autor e a origem da obra.

Desvelado o exposto sobre os aspectos ético-legais, o estudo não fere os princípios da Resolução 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde. Mesmo assim, cabe ressaltar que o projeto foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa da EEAN-HESFA, sendo aprovado em 25 de novembro de 2014 (Parecer 905.700), via Plataforma Brasil, apesar de não considerar seres humanos no plano de seu desenvolvimento, como prevê a resolução supracitada. A submissão ao Comitê deu-se especialmente para se evitar qualquer impedimento de publicação dos resultados do estudo em periódicos científicos.

Enfim, a organização, categorização e análise dos dados, bem como a síntese aqui procedida, ordenaram os resultados em duas seções, a saber:

Circunstâncias da realização de cursos de esforço de guerra pelas Escolas de Enfermagem da Capital Federal para o atendimento às demandas da Segunda Guerra Mundial - Esta seção aborda as circunstâncias sócio-políticas do Brasil no período da Segunda Guerra Mundial, ressaltando os aspectos circunscritos ao objeto de estudo. Os principais temas aqui tratados são: a Segunda Guerra Mundial e o Estado Novo no Brasil, o processo de militarização da sociedade brasileira nos anos de guerra, a configuração do campo da Enfermagem brasileira durante os anos de guerra, e a mobilização de Escolas de Enfermagem da Capital Federal para a organização de cursos de Enfermagem de Guerra.

Os efeitos simbólicos da organização de cursos de esforço de guerra pelas Escolas de Enfermagem da Capital Federal no bojo da Segunda Guerra Mundial - Esta seção trata amiúde dos cursos de esforço de guerra organizados pelas Escolas de Enfermagem da Capital Federal, em especial dos cursos Socorro de Guerra e Samaritanas Socorristas. São alvo de análise e discussão aqui as parcerias destas Escolas de Enfermagem entre si e com outras instituições, as ementas das disciplinas desenvolvidas nesses cursos, os locais de

estágio, os rituais organizados e, sobretudo, a divulgação midiática. Além disso, também são abordadas as estratégias utilizadas pelas Escolas de Enfermagem do Rio de Janeiro para a criação e organização desses cursos de esforço de guerra; o enquadramento da imagem pública da enfermeira ao apelo patriótico no processo de militarização da sociedade; o capital simbólico que as Escolas de Enfermagem buscaram acumular à época da guerra, quando se mobilizaram e buscaram se fazer ver e se dar a reconhecer no preparo de voluntárias para as demandas da Segunda Guerra Mundial.

Por último, são apresentadas as **considerações finais**, no sentido de destacar as ideias centrais e pontos chave do estudo, apresentando, assim, o desfecho sobre a abordagem realizada acerca dos efeitos simbólicos advindos da organização de cursos de esforço de guerra pelas Escolas de Enfermagem da Capital Federal do Brasil, criados no bojo da Segunda Guerra Mundial.

3 CIRCUNSTÂNCIAS DA REALIZAÇÃO DE CURSOS DE ESFORÇO DE GUERRA PELAS ESCOLAS DE ENFERMAGEM DA CAPITAL FEDERAL, PARA ATENDIMENTO ÀS DEMANDAS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

3.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONTEXTO POLÍTICO-SOCIAL: O ESTADO NOVO E A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL NO BRASIL

Na História do Brasil, a chamada “Era Vargas” compreende três períodos: o primeiro, de 1930 a 1934, conhecido como “Governo Provisório”; o segundo, “Governo Constitucional”, que se relaciona aos anos de 1934 a 1937; e o terceiro, de 1937 até 1945, o do “Estado Novo”, que exploramos com enfoque especial, por englobar todo o recorte temporal (1939-1945) deste estudo.

Promulgada por ocasião da instauração do Estado Novo no Rio de Janeiro, a Carta Constitucional de 1937 conferiu ao presidente Getúlio Dornelles Vargas (Fac-símile imagético nº 1) amplos poderes para nomear interventores nos Estados da Federação, e governá-los através de decretos-lei, demarcando, assim, o fim da autonomia federativa e o avanço do poder central no Brasil (FAUSTO, 2012).

Fac-símile imagético nº 1 – Instauração do Estado Novo pelo presidente Getúlio Vargas



Getúlio Vargas comunica ao país a instauração do Estado Novo, no Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1937. (Getúlio Vargas: 1983, p. 51.)

Localização: <https://www.algosobre.com.br/historia/estado-novo-o-1937-1945.html>. Acesso em: 09/01/2015.

O novo regime caracterizou-se pela centralização do poder, autoritarismo, anticomunismo, nacionalismo exacerbado, grande intervenção estatal e supressão da liberdade

de expressão. Como presidente, Getúlio Vargas fechou o Congresso Nacional, Assembleias Legislativas e Câmaras Municipais, e, com a “Polaca”, a constituição imposta, suspendeu direitos civis.

No âmbito dessas significativas mudanças foi também criado o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), em 1939. Implantado pelo jornalista Lourival Fontes, admirador das máquinas de propaganda dos governos nazifascistas, o DIP serviu para sustentar a política de cerceamento do Estado Novo, através da disseminação de informações manipuladas pelos meios de comunicação de massa. Sua finalidade principal foi a de controlar ideologicamente a população, e torná-la afeita ao regime (FAUSTO, 2012).

Assim, os serviços de publicidade e propaganda dos estabelecimentos da administração pública federal, departamentos, ministérios e entidades autárquicas passaram a ser executados com exclusividade pelo DIP, que também organizava e dirigia as homenagens a Getúlio. Com efeito, o órgão passou a se constituir no grande instrumento de promoção pessoal do chefe do governo, de sua família e de autoridades aliadas ao regime, tornando-o instrumento coercitivo da liberdade de pensamento e expressão durante o Estado Novo²³. No decorrer do regime em voga eram difundidas diversas mensagens de cunho patriótico, de forma a enaltecer a nação e despertar na população o orgulho pela sua nacionalidade e pelo seu líder.

Durante a década de 1930, a imprensa passou por um período de expansão, que veio a se concretizar no aprimoramento do processo de produção, na aquisição de máquinas, e na sua consolidação em termos de estrutura empresarial. Assim, os jornais passaram a ser, com mais afinco, mais utilizados para a reprodução e difusão de notícias oficiais, de discursos, realizações, conquistas e comemorações. Constantemente, Getúlio Vargas e seus assessores apareciam em fotografias com grandes proporções nas edições dos jornais. Submetidos a uma rigorosa censura, os jornais chegaram a ter mais de 60% de suas matérias fornecidas pela Agência Nacional. O número de matérias oficiais era bastante significativo nesta época, o que levou a filha do próprio presidente da República, Alzira Vargas, a afirmar mais tarde que todos aqueles noticiários eram estereotipados, bastando “ler um jornal para ter lido todos” (GARCIA, 1982).

Sem dúvida, a censura no Estado Novo constituiu-se como aspecto relevante para a compreensão do processo de persuasão consolidado no regime. Nisso, tanto a propaganda como a censura estadonovista estavam intimamente relacionadas, já que as atividades de controle impediam a transmissão de certos assuntos e, simultaneamente, impunham a

²³ <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/EducacaoCulturaPropaganda/DIP>

disseminação de outros, na forma adequada aos interesses defendidos pelo Estado. Dessa forma, a censura caracterizava-se também por ser positiva, na medida em que implicava a ênfase em determinada direção, determinando uma concepção unidimensional da realidade, e não apenas pelo aspecto negativo, de proibição (GARCIA, 1982).

Sobre tal situação, Garcia (1982, p. 185) ressalta o seguinte:

Generalizadas pela propaganda, as ideias oficiais se introduziram e impregnaram todas as camadas da sociedade, integrando-as e assegurando sua coesão. A propaganda, com isso, configurou-se como o mecanismo primeiro e fundamental na transformação das concepções das classes economicamente dominantes em ideologia dominante. Através dela, progressivamente, foi-se delineando uma uniformidade de pensamento e de orientação que absorveria todas as formas de manifestação, em todos os níveis. Na família, no meio social ou na escola, nos quartéis, nas fábricas ou nas repartições públicas, oralmente ou pelos meios de comunicação, em todas as partes e por todas as formas, enfim, todos passavam a ser enquadrados nos mesmos princípios e valores e a ser orientados para os mesmos objetivos.

Com efeito, essa homogeneidade amparava-se na certa inércia dos agentes sociais à época. As diversas medidas, quando positivas, aparentavam-lhes não conquistadas, mas apresentadas, e quanto às medidas restantes, não tinham porque se contrapor à realização de interesses de que foram convencidos serem também os seus. Assim, evitavam-se conflitos prejudiciais aos interesses que se pretendia realizar e a ocorrência de movimentos (GARCIA, 1982).

Outrossim, Getúlio Vargas visava o desenvolvimento de uma indústria de base forte e o re-aparelhamento das Forças Armadas do país, buscando financiamentos externos para projetos do governo. Assim, passou a engendrar relações com os Estados Unidos e com a Alemanha, dois países poderosos em termos militares, e antagônicos politicamente à época. Diante disso, forçar o apoio brasileiro passou a se fazer fundamental para a Alemanha, e especialmente para os Estados Unidos. Há que se considerar que a condição política ditatorial vivida no país aproximava as lideranças do governo (inclusive do Ministério da Guerra) às tendências nazifascistas, o que poderia se constituir em ameaça à soberania dos Estados Unidos no continente americano.

Não tardou, e adensaram-se as pressões internas da parte de políticos e populares. O quase que inevitável afastamento entre o Brasil e a Alemanha, antes parceiros políticos e comerciais, e o rompimento de relações diplomáticas em janeiro de 1942, resultou no torpedeamento de navios brasileiros (Fac-símile imagético nº 2) por submarinos germânicos,

o que levou Getúlio Vargas a declarar guerra à Alemanha e à Itália, enfim (PINHEIRO, 1995).

Fac-símile imagético nº 2 – Navio brasileiro torpedeado



Localização: <http://www.portalfeb.com.br/lancamento-do-livro-torpedo-o-terror-no-atlantico/>. Acesso em: 20/11/2014.

De certa forma, pode-se dizer que os brasileiros não foram à guerra, mas sim a guerra é que chegou aos brasileiros. Para Ferraz (2005), a guerra foi, a rigor, sentida pelo cidadão brasileiro de duas formas: a primeira, através da escassez e do encarecimento de produtos de consumo cotidiano, devido às dificuldades de importação e à especulação com os preços dos gêneros de primeira necessidade; e a segunda, através de estratégias de mobilização dos trabalhadores pela defesa do país e pelo aumento da produção, via Estado Novo, a fim de se constituir um “*front* interno”. Pelo volume de recursos humanos e materiais envolvidos, pela amplitude geográfica, a guerra que os brasileiros estavam se envolvendo já era a maior da história da humanidade (FERRAZ, 2005).

Por conta do envolvimento direto dos Estados Unidos na Segunda Guerra, o que se deu especialmente com o ataque japonês à base norte-americana de Pearl Harbor²⁴ (Hawai), ampliou-se o interesse do governo dos Estados Unidos em implantar bases militares no território brasileiro, especificamente no Nordeste, por configurar-se em área geograficamente estratégica para impedir o acesso nazifacista à América Latina através do norte da África,

²⁴ Sobre este episódio, indica-se o filme de longa-metragem intitulado “Pearl Harbor”, lançado no ano de 2001, que aborda o trabalho de enfermeiras nos cuidados às vítimas do ataque aéreo japonês à base norte-americana no Hawai.

muito em função da limitada autonomia de voo dos aviões daquela época. Assim, bases aéreas passaram a ser construídas no Nordeste do país. Além disso, existia a necessidade de se obter matéria prima para indústria bélica que, com o advento da guerra, estava em escassez. Por isso, passou-se a se explorar a borracha na Amazônia e minerais no Estado de Minas Gerais.

Como parte dos acordos entre o Brasil e os Estados Unidos, o governo norte-americano financiou a construção da Usina Siderúrgica Nacional de Volta Redonda, que custou cerca de 200 milhões de dólares. À época, o Brasil era o único produtor disponível de cristais incolores de alta qualidade, além de fonte de materiais (que iam desde minérios simples, como ferro e manganês, até diamantes industriais), óleos vegetais e carne em conserva. O quartzo, por exemplo, foi muito requerido na guerra por conta de sua utilização em aparelhos tecnológicos de comunicação, detectores de som e de localização. Pequenos produtores japoneses em São Paulo cultivavam os bichos da seda, que eram essenciais na fabricação de paraquedas. Havia, ainda, a hortelã-pimenta, que aumentava a potência da nitroglicerina, composto químico explosivo (BOTELHO; LACERDA, 2012).

Uma dimensão mais sombria dos acordos entre norte-americanos e brasileiros foi a organização dos “soldados da borracha”, que se constituiu em um verdadeiro exército de 50 a 60 mil pessoas, para fazer “sangrar” as seringueiras na Amazônia. Isto, para suprir a necessidade dos Aliados por borracha. Dentre esses milhares de cidadãos brasileiros, a maioria veio do Nordeste que, em 1942, passava por uma grande seca (BOTELHO; LACERDA, 2012).

Isto se deu devido ao fato dos japoneses suspenderem o fornecimento de borracha para os Estados Unidos em plena Segunda Guerra. Em consequência, esses brasileiros, em nome da luta contra o nazismo, foram enviados para os seringais amazônicos. Com efeito, no fim do ano de 1941, os países Aliados viram o esforço de guerra consumir rapidamente seus estoques de matérias-primas estratégicas, principalmente de borracha. Já em 1942, o Japão controlava mais de 97% das regiões produtoras do Pacífico; e, com a sua entrada no conflito, o país determinou o bloqueio definitivo dos produtores asiáticos de borracha, tornando crítica a disponibilidade do produto para a indústria bélica dos Aliados (NECES, 2004).

Esta ainda pouco conhecida “Batalha da Borracha” ocorrida em território brasileiro constitui-se em uma história sombria, de imensos sacrifícios para milhares de trabalhadores nordestinos, acostumados com a caatinga seca, os quais adoeceram e morreram tentando colher látex no coração da inóspita Floresta Amazônica. No início, em função do Estado de Guerra, receberam tratamento semelhante ao dos soldados. Não obstante, ao final, o saldo foi muito diferente: entre os quase 60 mil soldados da borracha, cerca da metade desapareceu na

selva. Se compararmos aos cerca de 25 mil cidadãos soldados que seguiriam para a Itália através da Força Expedicionária Brasileira, organizada pelo Ministério da Guerra, em que morreram 454, a “Batalha da Borracha”, guerra silenciosa e mascarada, teve um impacto ainda maior. Por certo, este pode ser entendido como um capítulo ainda obscuro e pouquíssimo glorioso do nosso passado, ainda vivo na memória dos últimos e ainda abandonados sobreviventes (NECES, 2004; BOTELHO; LACERDA, 2012). Sobre este episódio, é importante destacar que o governo brasileiro usou como estratégia a equiparação do trabalho nos seringais com o serviço militar, a fim de atrair muitos cidadãos, além de prometer todo o material necessário para a sobrevivência destes homens (COSTA, 2007, p.24).

A título de demonstração do envolvimento do Brasil na Segunda Guerra pode ser citado o caso do aeroporto de Parnamirim em Natal, capital do Rio Grande do Norte, que, durante o conflito, tornou-se o mais congestionado do mundo à época, com cerca de 800 pousos e decolagens por dia. O Nordeste era considerado pelos norte-americanos um dos pontos mais estratégicos do mundo, uma espécie de cotovelo entre África e América. Os aviões militares, que partiam dos Estados Unidos, faziam escala em Porto Rico, Trinidad e Belém, para depois partirem rumo a Senegal, Togo e Libéria, e daí à Europa, levando carga ou os próprios bombardeiros, como as fortalezas voadoras B-17 e B-24 (BOTELHO; LACERDA, 2012).

Como efeito, a americanização passou a ficar evidente, pela mudança nos trajes (homens passaram a se vestir com roupas de inspiração militar), e por Natal receber estrelas do *showbiz* enviadas pelo governo dos Estados Unidos (através da Política de Boa Vizinhança), para levantar o moral das tropas. Humphrey Bogart (ator norte-americano) veio animar a estreia do filme *Casablanca* no teatro da Base, em 1942. À época, Carmen Miranda era a encarnação da Política de Boa Vizinhança: em 1940, apresentou-se na Casa Branca e, no mesmo ano, foi eleita a terceira personalidade mais popular de Nova York.

O *Office of Interamerican Affairs* (Órgão Governamental ligado ao Conselho de Defesa dos Estados Unidos durante a Segunda Guerra) havia enviado ao Brasil outra personagem ilustre: Walt Disney. O Rio de Janeiro foi a principal parada em uma viagem pela América Latina, no início de 1941 - uma espécie de pesquisa de campo para um filme de propaganda da amizade continental. Disney instalou seu QG no Copacabana Palace, e cercou-se de artistas locais para “sentir o clima”. Com a ajuda de cartunistas brasileiros, como José Carlos e Luiz Sá, criaram o maior sucesso de Walt Disney no Brasil: *Zé Carioca*. Aliás, não criou: encontrou. Na comitiva brasileira estava o músico José do Patrocínio Oliveira, paulista de Jundiá. Como membro do Bando da Lua, a banda de Carmem Miranda, viveu nos Estados

Unidos, onde aprendeu a língua inglesa. Assim é que ele mesmo foi indicado para interpretar o simpático papagaio Zé Carioca no curta-metragem de Disney: “Alô, Amigos”, de 1942. A personagem Zé Carioca ainda é publicada no Brasil, enquanto ninguém se lembra mais do simpático papagaio no exterior... (BOTELHO; LACERDA, 2012).

Com efeito, esta americanização promovida e reproduzida em território nacional também deixaria suas marcas no desenvolvimento da própria Enfermagem brasileira, como especialmente é pontuado nos estudos de Sauthier (1996) e Santos (1998), que consideraram o período entre guerras (1919-1938), e nos estudos de Oliveira (2007, 2010) e Bernardes (2003), que trataram mais especificamente do período da Segunda Guerra Mundial, situação esta que será mais ressaltada adiante.

No que diz respeito ao cotidiano dos brasileiros nos anos da Segunda Guerra, a falta de itens elementares, como o pão branco, a gasolina e o diesel, tornou-se parte do dia a dia durante a guerra, bem antes do rompimento das relações diplomáticas com os países do Eixo. Em 1939, a escassez de trigo esvaziava os fornos das padarias. Aliás, o Brasil sempre importou trigo. Em 1942, o governo tentou resolver o problema criando o "pão de guerra", produzido com farinha de milho. Os preços eram tabelados. Em São Paulo, o pão branco custava 2,50 cruzeiros; já o pão de guerra, 1,60 cruzeiros. Foi um dos momentos em que a mobilização da guerra chegou fundo no cotidiano das pessoas, pois o pãozinho branco já estava muito instituído entre nós... (CYTRYNOWICZ, 2002).

Nos bares e restaurantes, reclamava-se que o pão de guerra tinha gosto de areia. Mas, se faltava pão, havia macarrão - importado da Argentina. Nascia o "pão de macarrão", tão popular que a sua receita ainda pode ser encontrada no livro “Não é Sopa”, de Nina Horta, de 1995. Petróleo e carros conformaram-se como outros elementos que impactaram no cotidiano. Em 1940, para contornar a escassez (já que o país importava cada gota de óleo), o governo decretou que todo proprietário de dez automóveis deveria ter, pelo menos, um movido a gasogênio, que era um aparelho instalado na parte de trás do veículo, o qual transformava carvão em combustível, o que fazia demorar o funcionamento do carro com a metade da potência que um movido à gasolina (Fac-símile imagético nº 3). Logo, em 1941, o governo brasileiro passou a gerar automóveis movidos a gasogênio, a fim de suprir a falta de gasolina e diesel. Em maio de 1942 começaram os racionamentos. Em julho, carros particulares foram proibidos no Rio de Janeiro. Logo, a maioria dos donos de carro teve que trocar os motores (CYTRYNOWICZ, 2002).

Fac-símile imagético nº 3 – Veículo movido a gasogênio



Localização:<http://www.fortalezaemfotos.com.br/2011/06/fortaleza-e-participacao-na-2-guerra.html>. Acesso em: 20/11/2014.

O colapso nos transportes levou à falta de outros itens - os ovos, o açúcar e o sal demoravam a chegar às grandes cidades. Em 1944, começou a faltar até de lenha. Não havia peças automotivas, pois a maioria das peças eram importadas. Em outubro, havia mais de 300 ônibus parados por falta de chassis em São Paulo. No auge da escassez, o Correio Paulistano descreveu São Paulo como uma cidade vazia: "Nas grandes vias ermas, os distraídos pedestres atravessam as ruas sem olhar para os lados. As ruas ficaram limpas de automóveis" (BOTELHO; LACERDA, 2012).

A escassez levou à inflação: em São Paulo, o preço dos alimentos aumentou 400% durante os anos de guerra. O açúcar passou a ser racionado: em novembro de 1944, a cota por pessoa era de 750g a cada 15 dias. Para comprar os gêneros que faltavam, eram usados cartões de racionamento - nos quais os donos de lojas e mercados anotavam a quantidade de produto vendido. Em alguns bairros, para comprar carne, as filas começavam às 4 da manhã e os açougues só abriam duas vezes por semana (CYTRYNOWICZ, 2002).

Além da aliança com os norte-americanos, dos racionamentos, e ainda da perseguição a estrangeiros, o governo fez mais para trazer a guerra para perto dos brasileiros. Em 1942, passaram a ocorrer *blackouts* nas maiores cidades, e exercícios de guerra para o caso de ataque aéreo ou naval. Cartilhas eram distribuídas para explicar os procedimentos a serem adotados pela população. Às 21 horas, tocavam as sirenes, escureciam os cinemas, apagavam-se a iluminação pública e até os faróis de carros. Até os holofotes do Corcovado, no Rio de Janeiro, eram desligados. Um desses exercícios, em setembro de 1942, que preparava a população inclusive para eventuais ataques noturnos, deixou o bairro de Copacabana na mais

completa escuridão, ao longo de três noites seguidas. Em Salvador, até os tambores dos candomblés cessavam (CYTRYNOWICZ, 2002). "Pelas esquinas, rondavam os vigias, atirando pedrinhas nos telhados de casas, onde houvesse luzes acessas. Portas e janelas eram acortinadas com pano preto, e as frestas tapadas com jornal. Todos esperando o bombardeio" (CARVALHO NETO, 1995).

Enquanto isso, as notícias de primeira mão sobre os combates na Europa aqui chegavam pela voz de Heron Domingues, locutor do Repórter Esso. Os meios de comunicação, de maneira geral, desempenharam importante papel na sensibilização da população para as dificuldades a serem enfrentadas, ressaltando o que ocorria no *front* italiano, mas também no "*front* brasileiro", devido às dificuldades ocorridas em decorrência da guerra (BOTELHO; LACERDA, 2012; CYTRYNOWICZ, 2002).

Toda essa abordagem prévia de aspectos do cotidiano vivido pelos brasileiros no contexto da Segunda Guerra é aproveitada aqui no sentido de bem situar a discussão acerca dos impactos do conflito no país, o que motivaria a montagem de uma política que traria como produto a militarização da sociedade. Esse "espírito militar" seria o *leitmotiv* inclusive para a criação de cursos de Enfermagem, especialmente aqueles que se destinariam às práticas de Enfermagem de Guerra, foco de maior interesse deste estudo.

3.2 ASPECTOS DA POLÍTICA DE MILITARIZAÇÃO DESENVOLVIDA NO BRASIL DURANTE O ESTADO NOVO

Durante o seu governo, o presidente Getúlio Vargas buscou estabelecer vínculos entre seu Projeto de Segurança Nacional com a participação ativa do Exército no sistema educacional do país. Por essa forma de mobilização controlada, defendia-se uma espécie de estratégia de militarização da sociedade, para que os órgãos militares realizassem seus objetivos previstos na Constituição, e, com isso, constituíssem uma Defesa Nacional efetivamente. Por essa via, este projeto desencadearia no fortalecimento e consolidação do Exército para, assim, organizar a defesa da Nação (PANDOLFI, 1999).

Assim, iniciou-se a tentativa de cultivar a cultura: "meninos escoteiros e meninas enfermeiras". Paralelo aos interesses desse processo de militarização da sociedade e de estabelecimento de um *front* interno para a segurança nacional, o cultivo dessa cultura garantiria para a profissão de enfermeira os lucros simbólicos advindos do fato do Governo torná-la relevante naquele momento de crise mundial, e mais, constituía a Enfermagem como

um canal de afirmação social e profissional para mulheres (emancipadas) do estrato médio da população (CYTRYNOWICZ, 2002; OLIVEIRA, 2010; SANTOS; BARREIRA, 2008).

Há que se mencionar que, no Estado Novo, existiram outras iniciativas de constituição de um *front* interno, para instituir a mobilização da população civil diante da guerra. No entanto, tais iniciativas estavam relacionadas ao Estado Novo e não tanto à guerra propriamente dita. A guerra em si, para o regime, era o momento oportuno para mobilizar a população e uni-la com ideais cívicos/nacionalistas em torno das Forças Armadas, tornando os brasileiros soldados a serviço da Pátria (CYTRYNOWICZ, 2002).

De certo, a Segunda Guerra Mundial pode ser entendida como uma “guerra total”, conceitualmente traduzida pela mobilização total das Nações para o esforço de guerra, mobilização não só militar, mas também tecnológica, industrial e midiática. Esta moderna tipologia caracteriza-se pela massificação não só humana, mas fundamentalmente material, característica da guerra nas sociedades industriais, com vistas à “destruição total”. A “guerra total” surgiu mais como uma expressão ideológica e política do que como um conceito de análise político-estratégico-militar (DUARTE, 2005). O historiador britânico Eric Hobsbawm, ao tratar desse aspecto, refere que

A Segunda Guerra Mundial ampliou a guerra maciça em guerra total. Suas perdas são literalmente incalculáveis, e mesmo estimativas aproximadas se mostram impossíveis, pois a guerra (ao contrário da Primeira Guerra Mundial) matou tão prontamente civis quanto pessoas de uniforme, e grande parte da pior matança se deu em regiões, ou momentos, em que não havia ninguém a postos para contar, ou se importar (...). Não fosse pela Segunda Guerra Mundial, e o medo de que a Alemanha nazista explorasse as descobertas da Física Nuclear, a bomba atômica certamente não teria sido feita, nem os enormes gastos necessários para produzir qualquer tipo de energia nuclear teriam sido empreendidos no século 20. Outros avanços tecnológicos conseguidos para fins de guerra mostraram-se consideravelmente de aplicação mais imediata na paz. (...) Mas isso não altera o fato de que a guerra ou a preparação para a guerra foi um grande mecanismo para acelerar o progresso técnico, carregando os custos de desenvolvimento de inovações tecnológicas, que quase com certeza não teriam sido empreendidos por ninguém que fizesse cálculos de custo benefício em tempo de paz, ou teriam sido feitos de forma mais lenta e hesitante (HOBSBAWM, 1994, p.50, 54).

De certo, a Segunda Guerra Mundial instituiu a "guerra total", e o "*front* interno" passou a ser tão decisivo quanto às linhas de frente, especialmente na produção de infra-estrutura para manter uma guerra que envolvia todos os indivíduos e recursos civis de um país. Um bom exemplo é o que já se ressaltou aqui sobre a “Batalha da Borracha”, na Amazônia. A existência do *front* interno permitiu que, via mobilização, os Estados interviessem, em escala

ampliada, em todas as esferas da vida civil e privada. Assim, os efeitos de caráter social (e psicológico também) do conflito foram para muito além dos campos de batalha, atuando plenamente em todos os tecidos sociais, bem como na formação de atualizadas visões e concepções de mundo (CYTRYNOWICZ, 2002).

Por essa via, a educação durante o Estado Novo passou a constituir-se em um projeto estratégico de mobilização controlada da coletividade. Para tanto, resistências a esta ideiação da parte de educadores, professores e publicistas precisavam ser contidas pelo governo. Entretanto, tais resistências não se constituíram em grande dificuldade, *a priori*, dado ao estado de decadência e degeneração do Brasil à época, por conta de seu espírito latino e docilizado, oriundo do veloz processo de dominação e modificação das opiniões, costumes, crenças, que debilitaram o ordenamento de sua civilização (LE BON, 1919).

O lema do projeto do governo era criar o cidadão-soldado, o que acabava por significar no fortalecimento e consolidação do Exército como organização de defesa da nação. Este projeto contava com Olavo Bilac, que emprestava seu prestígio e autoridade intelectuais à desmistificação do que representava para ele “a falsa ideologia do pacifismo”. Olavo Bilac era constantemente lembrado e enaltecido na revista militar *A Defesa Nacional* como o “apóstolo do Serviço Militar”, onde se promovia certa crítica ao pacifismo, na tentativa de considerar ingênua a ideia que permeava certos setores da sociedade civil, que se constituía em obstáculo que precisava ser ultrapassado, o que interessava sobremaneira ao ministro da Guerra, Eurico Gaspar Dutra.

Fortalecia-se a construção de um projeto de soberania nacional, onde a educação, como instrumento conjugado de preparação civil, ocupava um lugar ímpar. Ademais, a intervenção do Exército na política educacional tinha ainda como meta fundamental a construção de barreiras eficazes à propagação de doutrinas consideradas perigosas à defesa da nacionalidade. É nesse sentido que o ministro da Guerra, alertando o presidente da República sobre os perigos da realização no Brasil da VIII Conferência Mundial de Educação (de 6 a 11 de agosto de 1939), afirmou que:

o regime estruturado em 10 de novembro de 1937 estabelece, em matéria educativa, princípios de ordem e de disciplina a serem respeitados, os quais, por isso mesmo, não podem ficar sujeitos a críticas ou à anulação, decorrentes de embates acalorados em assembleias, de que participem espíritos oriundos de todos os credos, de todas as ideologias políticas e das mais variadas culturas (SCHWARTZMAN; BOMENY; COSTA, 2000).

Neste contexto, a supracitada revista *Nação Armada* ganhou relevo, posto que passou a ser publicada em um momento de efusão na produção de discursos acerca de uma identidade nacional no Brasil, ocupando um lugar de destaque na bibliografia ligada aos assuntos militares, apesar de seus colaboradores e organizadores considerarem-na civil-militar. Eram alvo, durante o Estado Novo, assuntos relacionados aos quartéis, novidades no campo dos armamentos, táticas e técnicas de guerra, orientação e geografia militar, estudos biográficos de personalidades importantes à memória militar, e também temas ligados à política e à economia nacional e internacional, com destaque para a questão da Segunda Guerra e o do Estado Novo. Urgia para os signatários dos escritos de *Nação Armada* a questão de definitivamente resolver, segundo eles, o grande problema do povo brasileiro: o caráter difuso (e às vezes a inexistência) dos elementos formadores de uma nacionalidade, daquilo que seria a condição de possibilidade de uma identidade nacional. O despreparo para o futuro, para o progresso e, sem dúvida, para as lutas necessárias residia, sobretudo, no fato de o Brasil não ter uma organização sólida no que toca à sua gente. Esses sentimentos e certeza levaram um colaborador a perguntar em um de seus artigos: de que forma “nacionalizar o Brasil, antes da personalização do brasileiro?” (MONTEIRO, 2010; MARGARINOS, 1940, p.70).

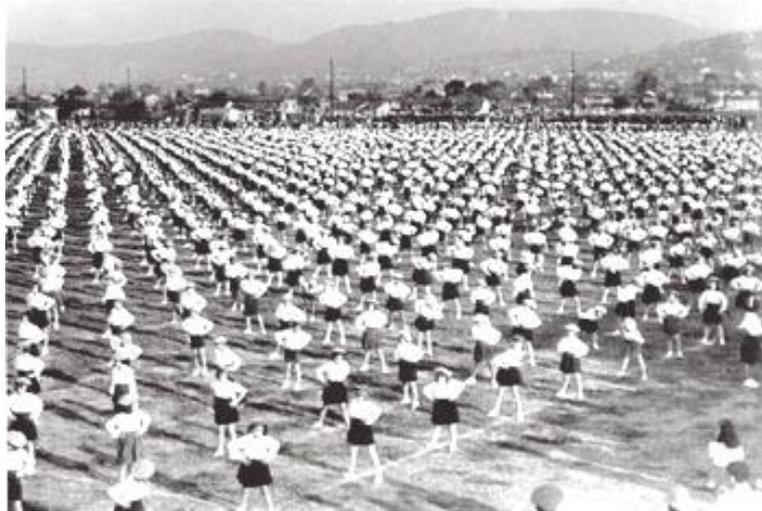
Há se referendar que a associação direta entre o cenário internacional da guerra, qualificada como justificativa concreta do uso da força como caminho inevitável da “civilização”, e o cenário do Estado Novo, valorizado como novo e fecundo horizonte para a “Pátria”, apresenta-se como a síntese emblemática da legitimidade e do protagonismo que o Exército reivindicaria como responsável por dotar a nação da “armadura de aço”, que a conduziria em ambos os cenários. Assim, a preparação para a guerra e para a “defesa da Pátria”, a construção, o “desenvolvimento” e o “crescimento” nacionais foram itens presentes no substrato temático da revista *Nação Armada* em todo período da sua existência (HAYES, 1991).

Àquela época, havia a necessidade de se detectar “enfermidades sociais”, a fim de construir esse homem nacional, isto de acordo com o espírito (militar) do momento. Essas eram preocupações que rondavam as mentes dos homens influentes e interessados no assunto da nacionalização do país à época; da mesma forma, nesse sentido, souberam apontar para um dos elementos fulcrais que serviriam à criação do novo homem brasileiro: a Educação Física, a qual teria o papel de cuidar desses corpos através de práticas e esforço repetitivo.

O fato de a Educação Física colaborar na fabricação de corpos e espíritos belos e prontos para defender a pátria não se constituiu em novidade nem invenção daquele momento. Ao contrário, já era corrente, de maneira efetiva, pelo menos há vinte anos antes

(MONTEIRO, 2010). Ademais, no que tange à aplicação da Educação Física no âmbito do regime estadonovista, simbolicamente, a sociedade mostrava-se unida corporalmente, como um só organismo, através da imagem dos corpos em marcha, seja dos estudantes, seja de militares em formaturas. Esta imagética dava intensidade à proximidade com o universo simbólico do poder nos campos político e militar, como faz ver a imagem a seguir (Fac-símile imagético nº 4), registrada por ocasião de uma manifestação em homenagem ao Estado Novo, que reuniu milhares de jovens em coreografia de exercícios no Rio Grande do Sul²⁵.

Fac-símile imagético nº 4 - Manifestação em homenagem ao Estado Novo que reuniu milhares de jovens em coreografia de exercícios no Rio Grande do Sul, durante a Segunda Guerra



Localização: http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/o_brasil_em_marcha.html. Acesso em: 09/01/2015.

Destarte, esta “militarização do corpo” era vista como uma saída para a transformação social. Corpo, Nação e Estado eram expressões promovidas com a tendência de se confundirem e se consubstanciarem (LENHARO, 1989, p.75). Por essa via, o corpo do indivíduo, a instituição Exército ou a sociedade como um todo, numa projeção inferida, deve expulsar de seu seio elementos indesejáveis e desviantes, o que se aproxima dos pressupostos da implantação do regime em 1937, no sentido de tornar exitosas ações que buscassem a homogeneização do Exército, fator de extrema importância na afirmação dos ideais do regime. Aliás, a participação do Exército na sustentação do Estado Novo não foi instrumentalizada em nome de uma ou outra força política. Seus anseios e configurações

²⁵ http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/o_brasil_em_marcha.html

internas é que moldaram os tipos de relacionamento do Exército com a sociedade (MONTEIRO, 2010).

Para além da cultura física e adoção da Educação Física nos currículos escolares para a valorização e militarização do corpo, outras iniciativas foram tomadas com vistas à promoção da militarização da sociedade brasileira. Dentre elas, estiveram: a reorganização do ensino da disciplina de História nas escolas, que funcionava como uma espécie de instrumento de defesa dos ideais patrióticos e nacionalistas, que o governo precisava estabelecer entre os jovens; a proibição de escolas de língua estrangeira no país (decreto-lei 406/1938); a observância do serviço militar obrigatório, que buscou influenciar boa parte dos setores da população, o que tendeu a favorecer a reprodução e inculcação de valores e virtudes militares; e a adoção de esquemas pedagógicos que enquadrassem os meninos às atividades militarizadas (Escotismo) e, para as meninas, a Enfermagem, como ilustra bem o fac-símile nº 5 a seguir, em que é estampada tal estratégia político-ideológica.

Fac-símile imagético nº 5 - Desfile da Juventude por ocasião da visita do ministro da Educação Gustavo Capanema a Curitiba, 14 de outubro de 1943.



Localização: FGV - CDPOC - Arquivo Gustavo Capanema. Acesso através do site: <http://www.schwartzman.org.br/simon/capanema/capit4.htm>

Os festejos cívicos, como representado acima no fac-símiles nº 5, também eram considerados como parte do aparato de propaganda política do governo de Getúlio Vargas. O

Cine Jornal Brasileiro²⁶, por exemplo, um dos instrumentos legitimadores do regime, era um dos responsáveis por veicular imagens fílmicas desses festejos, e as imagens da multidão reunida nas comemorações cívicas nas películas multiplicaram o próprio Estado Novo, que encontrava este elemento legitimador nestas comemorações (TOMAIM, 2006).

Entretanto, se estas festas eram antes o espaço e o tempo que renovava o cotidiano, através das quais as pessoas periodicamente recarregavam suas energias no sentido de pertencimento à comunidade, ao longo do regime esta significação foi re-significada: a festa é transmutada em espetáculo; ou seja, era algo para ser visto e admirado, e não que deveria ser vivido. E este sentimento de pertencimento era tido como encenações e não como vivência, que deveriam ser reconhecidas como legítimas, por isso a ênfase nas imagens de multidão, como também ilustra o fac-símile nº 4 (TOMAIM 2006).

Nessa perspectiva, o Cine Jornal Brasileiro, com seus filmes documentários, retratava múltiplos temas, sendo um enfoque predominante a militarização do corpo. Assim, os curtas-metragens mostravam a disciplina de exercícios a ser praticada a todo o momento e em todos os lugares. Como atividade rigidamente orientada, a marcha (espetacularizada) evidencia o projeto de disciplina e ordem, tema que, por si só, detinha longas sequências e atenção especial do narrador dos filmes (LENHARO, 1989).

Constantemente ocorria a aparição de “corpos brasileiros” marchando em prol do regime. Assim, o Estado Novo reafirmava suas estratégias diplomáticas, com a realização de solenidades cívicas e sua política militarista. Um exemplo disto era que, em cenas de visitas de Getúlio Vargas a escolas do Exército, além da formalidade da chegada do “Chefe da Nação”, eram reproduzidos demoradamente os desfiles de oficiais: primeiro os do Exército, fazendo suas honras, e, em seguida, os desfiles alinhando uma “multidão” de homens na prática de exercícios de marcha e luta (REGO, 2008).

Diante disso, o modo de se vestir também se constituiu em um aspecto notável, que fortemente influenciou a construção de uma estética militarizante. Na década de 1930, aos poucos a moda feminina ia se “masculinizando”, e mesmo se “militarizando”, como uma previsão da moda que seria popular ao longo da Segunda Guerra Mundial. Com o início do conflito, as roupas femininas já traçavam um perfil em estilo militar. Estas roupas tinham

²⁶Filme de atualidades produzido pelo Departamento de Imprensa e Propaganda, reduto da materialização de um discurso totalitário, significações que, reconhecidas como uma totalidade, ofereciam à multidão uma única imagem: o Estado Novo (TOMAIM, 2006). Esse estilo fílmico provinha de referências internacionais, uma vez que o Brasil ainda não possuía tradição no campo do documentário político. Muitos dos regimes autoritários modernos, principalmente das décadas de 1920, 1930 e 1940, utilizaram o cinema de não-ficção (documentários, cinejornais, filmes de atualidades, entre outros gêneros) como propaganda política. Alemanha e Itália, por exemplo, fizeram investimentos significativos, nos anos 1930, para garantir o envio de material de propaganda para a América Latina, incluindo o Brasil (REGO, 2008).

ombreiras demarcadas, corte reto, e eram confeccionados com tecidos pesados, jaquetas e capotes (REGO, 2008). O fac-símile imagético a seguir (nº 6), retirada do livro “O Brasil precisa de enfermeiras”, editado primeiramente no contexto da Segunda Guerra, demonstra um pouco dessa estética “militarizante” daquele período, reunindo certos traços masculinizados na apresentação do uniforme de gala dos cursos de enfermeiras socorristas, curso este que não visava à formação de efetivos militares à época²⁷.

Fac-símile imagético nº6 – Modelo do uniforme de gala da Enfermeira Socorrista



Fonte: CARVALHO, Emília Edméa Dezonne. **O Brasil precisa de Enfermeiras**. Rio de Janeiro: Dois Irmãos. 1967. p.142.

Enfim, o que chama a atenção acerca de toda essa “política de militarização” é justamente a amplificação do debate sobre assuntos técnicos, que valorizavam e promoviam a importância da “mística militar”. Essa situação refletia o desejo e as balizas ideológicas do regime, no que se referia ao papel das Forças Armadas e sua relação com a sociedade: toda a

²⁷ No processo de pesquisa de fontes históricas, não foi possível encontrar a primeira edição deste livro. Sabe-se que a autora publicou também o livro “Náufragos do Ar”, o que é mencionado no livro “O Brasil precisa de enfermeiras”.

nação (militarizada) preparada para enfrentar os “dilemas” daqueles “tempos difíceis” (MONTEIRO, 2010).

Assim, no jogo político e social traçado entre o Governo Vargas (via Estado Novo) e as Forças Armadas durante a Segunda Guerra Mundial, viabilizou-se a articulação do processo de militarização da sociedade brasileira, o que deixou (inclusive) algumas marcas na forma com que algumas Escolas de Enfermagem conduziram seus processos de adesão ao apelo patriótico, e de reprodução de um discurso militarizado. De fato, a Enfermagem foi um dos alvos desse projeto de militarização da sociedade.

Nesse sentido, se o poder simbólico pode ser entendido como uma forma transfigurada de outras formas de poder, como assinala Bourdieu (2006), deve-se rastrear a inserção desse projeto de militarização no tecido social, indicando como as lutas de representação se identificam com as lutas e projetos sociais (e políticos) correspondentes (CHARTIER, 1988). Nas fontes (especialmente nas que serão a seguir apresentadas), o que se nota em geral é que a construção de uma benemérita imagem de mulher enfermeira se articulava com a promoção da mobilização do *front* interno no país. De fato, essa imagem foi aproveitada em favor do regime e, ao final, acabou por servir de emblema para assentar as bases da relação entre as mulheres altruístas da sociedade com as causas (que se buscava representar) imponderáveis do regime. Nestes comenos, por pressuposto, a Enfermagem brasileira teve uma participação distinta, sem par...

3.3 AS ESCOLAS DE ENFERMAGEM DA CAPITAL FEDERAL NOS ANOS DE GUERRA

Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) havia apenas quatro Escolas de Enfermagem na Capital Federal do país (Rio de Janeiro): a Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, criada em 1890; a Escola de Enfermagem da Cruz Vermelha Brasileira, criada no ano de 1916; a Escola de Enfermagem Anna Nery, em 1922; e a Escola de Enfermeiras Luiza de Marillac, já em 1939.

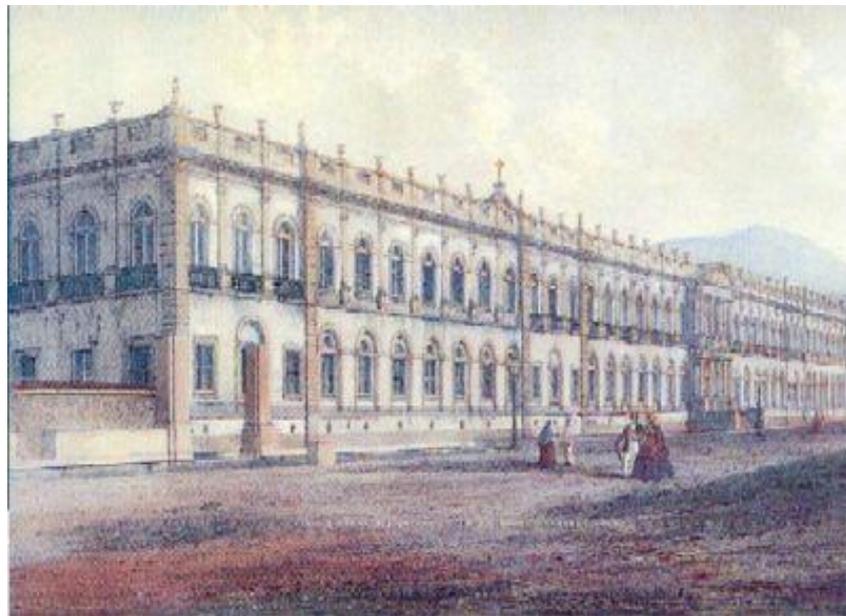
Para efeito de análise, considerou-se como relevante a apresentação de teceduras sobre tais Escolas, no sentido de bem explicitar estes que foram os espaços sociais onde se promoveu a organização de cursos de esforço de guerra, alvo do estudo.

A Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, oficialmente a primeira instituição de ensino de Enfermagem do Brasil, foi criada em 1890, no despontar da República, sendo denominada

nesta época de Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras do Hospício Nacional de Alienados.

Esta Escola foi criada no âmbito da reforma do Hospital Nacional de Alienados, pela iniciativa de se tentar sistematizar o ensino de Enfermagem no país. A instituição tinha como objetivo a formação de profissionais para atender às necessidades específicas daquele nosocômio e, ao mesmo tempo, garantir o controle dos médicos sobre o funcionamento do hospital (BARREIRA *et al*, 2011).

Fac-símile imagético nº 7 – Hospital Nacional de Alienados



Localização: www.eeap.com.br/conteudo.asp?Codmenu=2. Acesso em: 22/01/2015.

A Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras foi implantada por médicos alienistas, que atuavam também como professores, e recebia alunos de ambos os sexos, os quais, apesar de sua instrução tida como elementar, julgavam-se portadores de qualidades morais condizentes com o propósito de cumprir com exatidão as determinações médicas, e de tratar com humanidade os internos, pessoas alienadas de suas faculdades mentais (BAPTISTA; BARREIRA, 1999; SOUZA, 1996).

Em 1911, ocorreu a reorganização da assistência aos alienados e a criação da Colônia de Alienadas do Engenho de Dentro, via Decreto nº 8.834. É interessante salientar que, durante a Primeira República, há registros de três inaugurações da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras da Assistência de Alienados (em 1897, 1905 e 1913), o que tende a indicar (a princípio) que a tentativa de implantação da influência francesa de assistência hospitalar não chegou a alcançar os resultados esperados à época (PORTO, 2007).

Até 1942, já em plena Segunda Guerra, a Escola funcionou sob a gestão de médicos psiquiatras, e pelo regime aprovado em 1921²⁸, que estabelecera o curso em duas séries (dois anos), e sob a denominação de Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras. Na ocasião, mantiveram-se as mesmas disciplinas do decreto de sua criação, em 1890, oficializando a divisão da Escola em três seções: uma feminina, que funcionava na Colônia Gustavo Riedel²⁹, uma mista, no Hospício Nacional de Alienados, e uma masculina, que não chegou a funcionar (BESSA; AMORIM, 2006).

Neste ano de 1942 ocorreu a conquista da direção por enfermeiras diplomadas, a qual decorreu de uma luta que culminou na reconfiguração desta Escola. Tal reconfiguração se deu através de dois Decretos (nº 4.725³⁰ e nº 10.472³¹), ambos publicados em 22 de setembro de 1942 que, além de alterar o nome, de Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras para Escola de Enfermagem Alfredo Pinto (EEAP), também reorganizou a unidade, a fim de preparar enfermeiros assistenciais, auxiliares para serviços sanitários e promover a especialização em serviços psiquiátricos para enfermeiros diplomados². De acordo com Bessa e Amorim (2006),

esse decreto vigorou a partir de 1943, ano em que a direção da Escola passou a ser ocupada pela enfermeira diplomada Maria de Castro Pamphiro. Esse decreto lei determinou que o Diretor da EEAP fosse designado pelo Presidente da República, mediante proposta do Diretor Geral do DNS. O Diretor da Escola ficava diretamente subordinado ao Diretor do Serviço Nacional de Doenças Mentais, caracterizando uma ação dos sanitaristas para influenciar na EEAP, pois eles ocupavam as principais posições de poder no campo da saúde. Já o Decreto-lei nº 10.472 aprovou o Regulamento da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, no qual ditou a organização dos cursos, sua duração, o regime escolar, as condições de matrícula e outras disposições.

Em contramarcha, a criação de uma Escola de Enfermagem pela Cruz Vermelha Brasileira no Rio de Janeiro ocorreu devido ao reconhecimento da importância da profissionalização da enfermeira. Com efeito, a Sociedade da Cruz Vermelha Brasileira criou

²⁸ Portaria de 1º de setembro de 1921, que aprovou o regimento interno da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras da Assistência a Alienados (publicada no Diário Oficial da República dos Estados Unidos do Brasil, Rio de Janeiro - DF, de 1º de setembro de 1921).

²⁹ Inicialmente foi denominada Colônia de Alienados do Engenho de Dentro. Gustavo Riedel foi o segundo diretor da Colônia (indicado em 1918), e buscava melhorar a assistência na Colônia. Desdobrou a Escola de Enfermeiros e Enfermeiras da Assistência a Alienados, criando três seções (mista, masculina e feminina), tendo a seção feminina funcionado na Colônia com a denominação de Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto (PORTO, AMORIM, 2007).

³⁰ Reorganizou a Escola Profissional de Enfermeiros, criada pelo Decreto nº 791, de 27 de setembro de 1890 (Coleção de Leis da República dos Estados Unidos do Brasil. 1942 jul/set; 6: 544- 47).

³¹ Aprovou o regulamento da Escola de Enfermeiros e Enfermeiras Alfredo Pinto (Coleção de Leis da República dos Estados Unidos do Brasil. 1942 jul/set; 6: 292-93).

na Capital Federal brasileira, em 1916, a Escola Prática de Enfermeiras, com o objetivo de “ministrar às pessoas do sexo feminino a instrução teórico-prática à profissão de enfermeira” (PORTO, 2007). A Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha, sancionada por ideais patrióticos, ensejava a atuação honrosa de mulheres na vida pública. Dois anos antes (1914), já fora criada uma Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira em São Paulo. Ambas eram subordinadas ao Ministério da Guerra, e também vinculadas a hospitais.

Vale ressaltar que a instituição Cruz Vermelha Brasileira fora criada no Brasil no dia 5 de dezembro de 1908, através de uma reunião entre políticos, militares, civis, médicos e damas da sociedade, com a finalidade de discutir e aprovar o Estatuto da Sociedade da Cruz Vermelha Brasileira, pela perspectiva de cooperação do Exército na Europa e sob a égide da iminência da Primeira Guerra Mundial. Seu primeiro presidente foi Oswaldo Cruz, tendo como 1º vice-presidente o general de Exército Thaumaturgo de Azevedo, e como 2º vice-presidente o almirante Alves da Câmara (NETO, 2011, p.40).

Fac-símile imagético nº 8 – Cruz Vermelha Brasileira (Rio de Janeiro)



Localização: <http://www.cruzvermelhani.org.br/site/cruz-vermelha/cruz-vermelha-brasileira.html>. Acesso em:

13/02/2015.

A inclusão de militares de alta patente das Forças Armadas na vice-presidência da CVB já prenunciava o caráter que a instituição viria a assumir desde a sua criação, com uma tendência mais voltada às atividades e ideologias de cunho militar. Tanto assim que as próprias Escolas de Enfermagem da CVB, tanto do Rio de Janeiro quanto de São Paulo, passaram a se enquadrar pelas prescrições do Decreto Federal nº 21.141, de 10 de março de 1932, que organizou o quadro de enfermeiros do Exército. Como disposição geral deste decreto, o diploma dos enfermeiros militares, bem como o das enfermeiras diplomadas pelas Escolas de Enfermeiras da CVB, por sua legislação subordinada ao Ministério da Guerra, passaram a ser reconhecidos idôneos em qualquer outro departamento governamental. Assim, essas Escolas de Enfermagem da CVB passaram a ser fiscalizadas permanentemente pela Diretoria de Saúde da Guerra, para onde eram remetidos anualmente os programas de ensino, para fins de aprovação. De acordo com este Decreto, em seu artigo 33, parágrafo 2º, estipulou-se que os diplomas de enfermeiro militar, ou da Cruz Vermelha, uma vez registrados na Diretoria de Saúde da Guerra, facultavam o exercício da profissão no meio civil, em qualquer parte do território nacional. Por essa via legal, aproximava-se a formação de enfermeiros militares do Exército com a de enfermeiras civis da Escola da CVB.

Antes, no ínterim da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), teve início o funcionamento do Curso de Enfermeira Voluntária. Este curso tinha como finalidade a formação de enfermeiras que, como voluntárias, prestariam auxílio aos doentes e feridos em caso de calamidade nacional ou em tempo de guerra. As aulas práticas ocorriam no Hospital Central do Exército, como também na Santa Casa de Misericórdia e na Policlínica Militar da Rua Moncorvo Filho, enquanto que o conteúdo teórico era ministrado no salão nobre da sede provisória da Cruz Vermelha. Para uma futura aluna matricular-se no curso, esta deveria ter o título de sócia da CVB, e também escrever no livro de registros o nome, idade, filiação, estado civil, naturalidade e residência, e, se no caso a candidata tivesse menos de 21 anos, era preciso apresentar uma autorização do pai, marido ou tutor (NETO, 2011, p.52-3).

Tanto na cidade do Rio de Janeiro como na de São Paulo, após o período da Primeira Guerra, o curso para voluntárias foi restabelecido em 1936 com o nome de Curso de Samaritanas. Este era um curso destinado a senhoras e moças, de duração de um ano que, não desejando seguir a profissão de enfermeira, queiram colaborar na obra de assistência e filantropia da Cruz Vermelha, nos tempos de paz ou de guerra. Sobre este curso, o trecho a seguir complementa:

O curso de Samaritanas da Cruz Vermelha, de um ano de duração, destinava-se à formação do Corpo de Auxiliares Voluntárias da Cruz Vermelha e acompanhava na teoria e na prática o curso profissional no primeiro ano de ensino. Após esse período, as samaritanas ficavam aptas a colaborar na ação de socorros da Cruz Vermelha, em tempos de paz e de guerra. A formação de samaritanas da CVB, imbuídas da missão de cuidar e devotadas à causa do bem da humanidade, deixou raízes no sublime ato do voluntariado (OGUISSO; DUTRA; CAMPOS, 2009, p.61).

Sobre a subordinação da Cruz Vermelha Brasileira ao Ministério da Guerra, seus cursos para enfermeiras profissionais eram reconhecidos como idôneos, e não eram sujeitos à equiparação prevista no Decreto Federal nº 20.109, de 1931. Este Decreto, que regulou sobre o exercício da Enfermagem no Brasil e fixou as condições para a equiparação das Escolas de Enfermagem, definiu a Escola Anna Nery como o padrão oficial de referência para o ensino de Enfermagem no país. Em contraposição a um dos pré-requisitos legais de equiparação à Escola Anna Nery, a Escola da CVB do Rio de Janeiro foi dirigida por médicos durante 30 anos (de 1917 a 1945). Pelo Decreto, a direção das Escolas de Enfermagem somente poderia ser confiada a uma enfermeira diplomada, com curso de aperfeiçoamento e experiência de ensino e administração em institutos similares.

No ano de 1942, quando o Brasil aderiu oficialmente à Segunda Guerra Mundial, outras instituições e a CVB passaram a sediar cursos de Primeiros Socorros, com a finalidade de serem realizados simultaneamente, em 44 locais diferentes. Em consequência disso, nesse único ano foram formadas cerca de 2.500 voluntárias, que se colocaram à disposição para servir o país junto aos jovens combatentes brasileiros (OGUISSO; DUTRA; CAMPOS, 2009, p.77).

No que diz respeito à Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública³² (atual Escola de Enfermagem Anna Nery, da Universidade Federal do Rio de Janeiro), sua criação se deu no ano de 1922, através da Missão de Cooperação Técnica para o Desenvolvimento da Enfermagem no Brasil, que teve como líder a senhora Ethel Parsons, que implantou um modelo de ensino que apropriava certos princípios da Enfermagem inglesa (“modelo nightingaleano”) e princípios da Enfermagem norte-americana, calcada na prática de Enfermagem em Saúde Pública (BAPTISTA; BARREIRA, 1997; PORTO, 2007).

³² No ano de 1926, a Escola de Enfermeiras do DNSP passou a denominar-se Escola de Enfermeiras Dona Anna Nery, adotando como patrona a figura de uma heroína da Guerra do Paraguai que encarnava, ao mesmo tempo, os ideais religiosos e patrióticos.

Fac-símile imagético nº 9 – Pavilhão de Aulas da Escola Anna Nery



Localização: *Annaes de Enfermagem*, Rio de Janeiro 1934; volume 4, número 4, p. 16.

Na oportunidade da reestruturação da Universidade do Rio de Janeiro³³, em 1931, quando o governo brasileiro procurou estabelecer as bases de um sistema propriamente universitário, cogitou-se a incorporação da EAN à Universidade, devido ao reconhecimento da Escola por atender aos padrões técnicos encontrados nas universidades de outros países. Contudo, a Escola permaneceu vinculada ao Departamento Nacional de Saúde Pública, devido às conveniências dessa organização sanitária à época. Neste mesmo ano, a EAN foi considerada padrão oficial de referência para o ensino de Enfermagem no Brasil, mediante o Decreto nº 20.109 (SANTOS; BARREIRA, 2008).

Mais adiante, em 1937, através da Lei nº 452, de 5 de junho, foi transformada em Universidade do Brasil a antiga Universidade do Rio de Janeiro. Assim, a EAN passa a integrar esta nova Universidade. Como efeito disso, esta Escola passou a acumular capital científico e social pelo reconhecimento da formação da mulher enfermeira em ambiente universitário (SANTOS; BARREIRA, 2008; FONTE, 2009).

No ano seguinte (1938), Laís Netto Reys foi nomeada diretora da EAN, e buscou desenvolver estratégias de visibilidade da profissão garantindo a presença de pessoas ilustres e autoridades nos eventos sociais da Escola, inclusive contando com o próprio presidente Getúlio Dornelles Vargas (CESÁRIO, 2014; ALMEIDA FILHO, 2004). Assim, Laís Netto dos Reys, para valorizar a profissão de enfermeira na sociedade brasileira, empreendeu alguns

³³A Universidade do Rio de Janeiro foi criada em setembro de 1920, denominada de Universidade do Brasil em 1937. Até então, consistia na agregação de três escolas (Faculdade de Direito, Faculdade de Medicina e Escola Politécnica) (FAUSTO, 2012).

rituais institucionais (formaturas, imposição de insígnias e inaugurações), bem como deu declarações à imprensa sobre o papel da enfermeira na sociedade, além de promover a realização de eventos, com destaque para a 1ª Semana da Enfermeira, que aconteceu em 1940, já em plena Segunda Guerra³⁴. Outra estratégia para obter vantagens institucionais era a prestação de cuidados a pessoas influentes no meio social, o que não ocorrera durante as gestões prévias das diretoras norte-americanas. As alunas da EAN, por indicação dela, prestavam serviços a famílias de prestígio, incluindo a família do presidente Getúlio Vargas (Darcy, 1ª dama; Alzira, filha; e Celina, neta do presidente) (SANTOS; BARREIRA, 2008).

Vale ressaltar também que a EAN foi dirigida por um bom tempo por enfermeiras norte-americanas (1923-1938), as quais defendiam a incorporação de um modelo profissional baseado na observância da hierarquia e disciplina, e em ideais de cunho patriótico, características também perseguidas no campo militar (BARREIRA *et al*, 2011). Em razão disto, estes aspectos reiteram impressões sobre o *habitus* paramilitar incorporado pelas professoras e alunas da própria EAN ao longo de sua história, principalmente pela verificação dessas afinidades, o que remete à ideia da histórica influência das instituições militares na administração de Enfermagem (OLIVEIRA *et al*, 2013b).

A quarta instituição considerada neste estudo é a Escola de Enfermeiras Luiza de Marillac, cuja criação se deu em decorrência do Decreto nº 20.109, de 1931, que considerou a EAN como oficial padrão. Como abordado anteriormente, este decreto pretendia adotar e reproduzir um conjunto de regras e normas, que deveriam unir arte, ciência, ideologia, poder disciplinar e poder estatal, no intuito de enquadrar um arquétipo profissional útil. Contudo, isto contrariava os interesses das irmãs de caridade, da mesma forma que os dos enfermeiros militares (Exército e Polícia Militar), como os de enfermeiras da CVB à época (BEZERRA, BAPTISTA, 2002).

Com a reconfiguração do campo da Enfermagem desenhada a partir desse Decreto, a Igreja Católica passou a tomar algumas providências no sentido de (re)inserir religiosas no sistema formal de Enfermagem. Isto ocorrera devido ao fato do Decreto tornar-se para a Igreja uma espécie de ameaça, o que poderia colocar em risco o prestígio e o poder das Congregações Católicas, uma vez que, tanto na administração dos hospitais como na assistência, as freiras não possuíam diploma oficial de enfermeira (BEZERRA, 2002).

³⁴ Vale lembrar que Laís Netto dos Reys, antes de ser nomeada diretora da EAN em 1938, organizou cursos de emergência para socorro de guerra durante a Revolução Constitucionalista de 1932, em São Paulo (BEZERRA, 2002, p.76).

Esta tentativa de inserir religiosas no sistema formal de ensino de Enfermagem ocorreu pela primeira vez em 1931. Assim, foram incorporadas especificamente na Escola Anna Nery três irmãs de caridade da Companhia Filhas da Caridade, com o objetivo de que estas adquirissem o diploma de “enfermeira padrão”. Todavia, as três irmãs de caridade não concluíram o curso, provavelmente devido às dificuldades de adaptação ao cotidiano da Escola leiga (BEZERRA, BAPTISTA, 2002).

Perante a esse obstáculo, com a promulgação em 26 de dezembro de 1932 do Decreto nº 22.257, que concedia às irmãs de caridade direitos iguais aos das enfermeiras “padrão Anna Nery”, as coisas começaram a mudar. Pelo dispositivo legal, as irmãs de caridade poderiam gozar desses mesmos direitos, desde que elas comprovassem experiência prática de enfermeira de seis anos ou mais (BAPTISTA; BARREIRA, 1997, p.35).

Entretanto, o fato é que, com o Decreto nº 22.257/1932, as irmãs de caridade, que não possuíam este tempo de experiência prática, deveriam conseguir o diploma de enfermeira, mesmo que este decreto tenha permitido que algumas religiosas continuassem a exercer a função de enfermeira nos hospitais (BEZERRA, 2002). Tal situação se agravava, pois, até 1938, apenas cinco irmãs de caridade eram enfermeiras diplomadas no Brasil, todas formadas pela Escola de Enfermagem Carlos Chagas (ALMEIDA FILHO, 2004, p.65).

Continuando a empenhar esforços e vislumbrando a manutenção dos espaços hospitalares já conquistados e o pleno funcionamento de sua Escola de Enfermagem, que estava prestes a ser criada, a Companhia das Filhas da Caridade encaminhou para a EAN um pedido para criação de uma seção de religiosas, com 12 a 15 vagas para irmãs de caridade, na Escola Anna Nery. Meses depois, em 31 de julho de 1939, a diretora da EAN confirmava o ingresso de 12 irmãs no curso de Enfermagem, e enviava uma carta ao cardeal Sebastião Leme da Silveira Cintra confirmando o estudo dessas religiosas numa escola leiga, visto que o Cardeal Leme foi quem autorizou este ingresso (BEZERRA, 2002).

Bezerra (2002, p.128) refere que a posição ocupada por Laís Netto dos Reys, diretora da EAN e de religião católica, conferiu lucros simbólicos sem precedentes para que a Igreja concretizasse a formação de um centro difusor de enfermeiras pautado na doutrina católica. Isto porque, ao assumir esse cargo, d. Laís também se tornou presidente do Conselho de Enfermagem, o que dava a ela a autoridade e poder de indicar as enfermeiras, que iriam inspecionar as Escolas de Enfermagem com vistas à equiparação à Escola Padrão.

Fac-símile imagético nº 10 – Escola de Enfermagem Luiza de Marillac, atualmente Faculdade São Camilo



Localização: www.saocamilo.com.br. Acesso em: 03/03/2015.

Então, em 5 de setembro de 1939, a Escola de Enfermeiras Luiza de Marillac (EELM) foi criada, com o pressuposto de desenvolver estudos e pesquisas, colaborar com instituições privadas e com o poder público, além de inculcar nas alunas uma ideologia que considerava o respeito e o reconhecimento pela pessoa humana, na perspectiva dos princípios da Pastoral da Saúde e da moral cristã. Sua criação facultou a formação de um grupo significativo de enfermeiras, tanto leigas quanto religiosas, regulado pela ideologia cristã, com vistas à ocupação de espaços hospitalares administrados pela Associação São Vicente de Paulo (BEZERRA; BAPTISTA, 2002).

No mesmo ano e mês de criação da Escola de Enfermeiras Luiza de Marillac acontecia na Europa a eclosão da Segunda Guerra Mundial. Com o avanço do conflito, a Enfermagem brasileira passaria a acumular um capital simbólico que se faria servível na intensificação da formação de novas turmas de enfermeiras, enfaticamente no início da década de 1940 (OLIVEIRA *et al*, 2013a, p.644).

Com efeito, em atendimento aos apelos que enalteciam as figuras de enfermeiras nesse processo de militarização da sociedade, as lideranças das Escolas de Enfermagem da Capital Federal, já em 1939, passaram a organizar a formação de um contingente que pudesse ser enquadrado no esforço de guerra. Assim, diversos cursos de esforço de guerra foram criados,

organizados e implementados por estas Escolas, principalmente pelas escolas da Cruz Vermelha Brasileira e Anna Nery. Tal ato colocava em evidência a proatividade de lideranças do campo da Enfermagem no esforço mobilizatório, no sentido de colaborar com a constituição do *front* interno e, pouco tempo à frente, externo também.

Em seus relatórios, como exemplo, Laís Netto dos Reys demonstrava sua preocupação com o possível envolvimento do Brasil na contenda. E, com isso, começou a fazer tentativas de parcerias da EAN com outras instituições, entre elas a CVB, como retrata o trecho a seguir:

Entrevista da Cruz Vermelha

Tendo o Sr. Presidente da Cruz Vermelha, o Sr. General na qual expendia ideias semelhantes às que havíamos apresentado em memorial ao Sr. Presidente da República, procuramos na Cruz Vermelha o seu Presidente e com Ele iniciamos um entendimento para um trabalho em conjunto, em vez de dispersarmos os nossos esforços. Essa combinação continua se fazendo em estudos de lado a lado (UFRJ. EEAN. CD. Relatório Anual da Diretora de Julho 1939).

Na primeira celebração da Semana da Enfermeira ocorrida em 1940, o discurso de Laís Netto dos Reys, já no primeiro dia do evento, demonstrava a necessidade de enfermeiras frente à situação de guerra, em que fez o seguinte apelo:

A Enfermeira na Hora Presente

[...] Que a exemplo de Florence e de Ana Neri, as brasileiras de todos os recantos da Nação demonstrem seu patriotismo, seu amor ao Brasil, seus sentimentos cristãos, procurando as Escolas de Enfermagem, a fim de ali receberem sua formação de profissional, ou de voluntária, para o serviço da Pátria e da sociedade, na mais expressiva prática da caridade cristã – a assistência à dor e a proteção da vida humana. Na hora grave do presente pois, faça-se pelo Brasil toda mulher uma enfermeira (1ª Semana da Enfermeira, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1946, p.25).

Esta celebração, que ocorreu do dia 12 ao dia 20 de maio de 1940, contou também com a cobertura da PRA2 rádio difusora³⁵, que pertencia ao Ministério da Educação e Saúde. No dia de encerramento da 1ª Semana da Enfermeira foi transmitida uma dramatização intitulada “Homenagem a Ana Neri”. No quinto quadro desta dramatização, foi apresentado o tema “Enfermagem de Guerra”, que contou a história de três enfermeiras (Maria Ester, Maria Rita e Luci). A história se passava em uma sala de repouso, na qual uma delas (Luci) descreve para

³⁵ Também conhecida como Rádio Sociedade Do Rio de Janeiro, foi a primeira emissora oficialmente reconhecida no Brasil (em 1923), e propunha-se a reconhecer a cultura erudita, sob uma perspectiva impositiva e dirigista, no momento em que a “indústria cultural” estava florescendo no Brasil. Isto posto, representava o esforço de sobrepor-se aos gêneros populares urbanos e “civilizar” o gosto estético dos ouvintes. Tinha ligação com cientistas, professores, literatos e principalmente com a Associação Brasileira de Educação (GILIOLI, 2008).

as outras um sonho em que esteve com Ana Neri e Florence Nightingale (Apêndice D). Com coberturas radiofônicas e mesmo através de simples roteiros teatrais, algumas estratégias eram levadas a termo no sentido de inculcar a ideia de que se fazia importante a procura dos cursos de enfermeira pelas mulheres brasileiras. O uso de figuras emblemáticas da Enfermagem, que se fizeram notáveis em situações de conflito, e a exploração do atual contexto de guerra serviam para fortalecer a adesão ao pensamento e discurso patriótico e militar. Em última análise, eram estratégias que visavam elaborar e legitimar o poder simbólico da enfermeira naquele contexto e, por extensão, das próprias Escolas de Enfermagem.

No processo de criação de cursos de esforço de guerra nas Escolas de Enfermagem, algumas parcerias surgiram, envolvendo inclusive instituições que não tinham a função de formar enfermeiras especificamente. O próximo recorte retrata o razoável número de voluntárias empenhadas nestes cursos:

Em 1942 havia 222 alunas matriculadas na Escola Anna Nery, no Rio de Janeiro, sendo que 75 (que não eram internas) faziam o "curso de guerra". Em 1942, a Cruz Vermelha Brasileira (que se instalara no país desde 1908), ofereceu 44 cursos de Enfermagem, que formaram cerca de 2.500 voluntárias. O voluntário destas enfermeiras não profissionais conotava sua disposição de servir à pátria. Provavelmente, estas mulheres voluntárias não tinham relação com as tradicionais enfermeiras de caridade, ligadas a ordens religiosas, cujo discurso centrava-se na ajuda ao próximo, mas sem apelo patriótico (CYTRYNOWICZ, 2002, p.106).

Em maio de 1943 foi celebrada a 3ª Semana de Enfermagem, na qual Clara Louise Kieninger, primeira diretora da EAN, questionou se as enfermeiras e mulheres do Brasil estariam "prontas para ombrear com as novas responsabilidades"; isto, após ressaltar feitos de Anna Nery na Guerra do Paraguai, e de Florence Nightingale na Guerra da Criméia (RIZZOTO, 2006).

Imbuídas da “missão” desde o início da Segunda Guerra Mundial em 1939 até a entrada de fato do Brasil no conflito, as lideranças da Enfermagem, como Laís Netto dos Reis e Clara Louise Kieninger³⁶, demonstravam seu empenho tanto para a formação de um quantitativo adequado de enfermeiras para o Brasil, quanto para a capacitação das mesmas, caso fosse necessário os seus serviços no *front* interno ou mesmo externo.

³⁶ É importante destacar a relação de Clara Louise Kieninger com as Forças Armadas, o que se deu desde a Primeira Guerra Mundial, ocasião em que foi recrutada para atuar como enfermeira em hospitais britânicos, exercendo cargo de chefia de Enfermagem em alguns deles. Quando a Primeira Guerra findou, retornou para o seu país, onde passou a atuar como enfermeira civil. Alguns anos depois é que Kieninger foi designada para vir ao Brasil para liderar e organizar o ensino de Enfermagem na capital federal no final de 1922, levado a termo pela Missão Parsons, liderada por Ethel Parsons, ocasião em que foi criada a Escola de Enfermagem do Departamento Nacional de Saúde Pública (KIENINGER, 2005).

A preocupação de se organizar diversos cursos de Enfermagem de Guerra no país e o clamor daquele momento ardiloso guardam certa relação com a seguinte ideia: “Se o *habitat* contribui para fazer o hábito, o hábito contribui também para fazer o *habitat* através dos costumes sociais mais ou menos adequados que estimula o fazer” (BOURDIEU, 2007b, p.165). Ou seja, a conjuntura do Estado Novo e toda a mobilização para a Segunda Guerra no país (*habitat*) estimularam a criação de cursos de Enfermagem de Guerra por essas Escolas de Enfermagem (hábito) e, conseqüentemente, contribuíram para trazer mais do *habitat* (atmosfera de guerra) para o país (e para a prática de Enfermagem), através da construção de um *front* interno.

Não à toa, estas Escolas de Enfermagem foram, ao longo do processo de organização dos cursos para esforço de guerra, tecendo redes de relações, visto que a “existência de uma rede de relação não é um dado natural, nem mesmo um ‘dado social’, ela se constitui por um ato social de instituição” (BOURDIEU, 2008, p.68). Por certo, muita coisa estava em jogo para aquelas Escolas (especialmente a da CVB e Anna Nery), as quais buscavam acumular capital social através de alianças com o governo e militares, e também capital simbólico, pela possibilidade de se fazer ver e se dar a reconhecer como instituições de ensino de socorro de guerra, naquele difícil, mas ao mesmo tempo glorioso momento, além da distinção de construir uma espécie de discurso legítimo sobre a formação de contingentes de mulheres.

Nesta empreitada, a organização de diversos cursos com a finalidade de preparar voluntárias para a prática de Enfermagem de Guerra passou a ser um dos grandes objetivos perseguidos pelas Escolas de Enfermagem da Capital Federal. Dentre os cursos, foram criados o de Voluntárias Socorristas, Socorro de Guerra da Cruz Vermelha Brasileira, Voluntárias de Socorro de Guerra, Primeiros Socorros do Instituto Social, Samaritanas Socorristas, Samaritanas Hospitalares, Socorrista, Socorrista Hospitalar, Voluntárias Samaritanas, de Emergência e de Socorros de Urgência. A análise amiúde destes cursos será alvo de consideração na próxima seção deste estudo.

Ao empenharem-se na organização desses cursos, as Escolas de Enfermagem da Capital Federal também buscavam acumular certos lucros e bens simbólicos. Nesta busca, alguma concorrência entre as Escolas existiu, ainda que não tão explícita pelas fontes acessadas. Contudo, há que se mencionar que todo jogo impõe o uso de certas forças (ocultas e explícitas), que tendem a definir posições, de dominantes e de dominados, e que tendem a desenhar alianças, que podem ou não livrar o dominado de sua posição precária em dado campo ou espaço social e por dado tempo. Nesta luta simbólica, busca-se a imposição

duradoura de seus interesses, de princípios de visão, que também dividem, distinguem, (des)(re)classificam (BOURDIEU, 2007a).

Sobre embate entre as Escolas de Enfermagem da Capital Federal é necessária a menção de que, no período de 1919 a 1925, existiu uma luta entre as três Escolas de Enfermagem localizadas no Capital Federal (exceto a Escola de Enfermeiras Luiza de Marillac, visto que esta somente foi criada em 1939). Esta luta, propriamente simbólica, foi evidenciada através da análise de fotos de enfermeiras formadas pelas Escolas, que eram veiculadas na Revista da Semana. Pela Revista, onde eram apresentados temas contemporâneos, de interesse para as famílias brasileiras, eram proveitosamente divulgadas imagens de enfermeiras de tais Escolas, que mostravam os seus ritos institucionais e representações objetais, o que se constituía em estratégias de divulgação e proclamação de uma identidade da profissão à época (PORTO; SANTOS, 2010; PORTO, 2007).

Diante do exposto, há que se considerar que o princípio do campo se encontra no ininterrupto processo de lutas engendradas por suas estruturas constitutivas, e suas hierarquias consistem em ações e reações de seus agentes. É propriamente nesse jogo de forças, no campo, que o capital é incrementado, acarretando na origem as concorrências advindas das lutas internas (BOURDIEU, 2007a).

Outro ponto a considerar é que, por ocasião da Segunda Guerra, o rompimento de relações do Brasil com os países do Eixo e posteriormente a sua declaração de guerra veio acompanhada da ideia de fazer o país proveitosamente presente na frente de luta, mediante a preparação e envio de um corpo expedicionário aos campos de batalha. Assim, a concretude disso levaria à criação da Força Expedicionária Brasileira, a FEB (OLIVEIRA, 2010).

Em sua constituição, a Força Expedicionária contou com um Serviço de Saúde específico, formado por médicos, dentistas, farmacêuticos, enfermeiros, em que foram incorporados muitos profissionais liberais, que passariam a ser militares da reserva do Exército. De modo improvisado, também foi organizado um grupamento de enfermeiras, que acompanharia os soldados brasileiros no Teatro de Operações, visto que o Exército Brasileiro não possuía uma reserva de enfermeiras em condições de serem mobilizadas para a guerra, como em outros países mais preparados militarmente. Mesmo com o Exército possuindo profissionais de Enfermagem masculinos (amparados pelo Decreto 21.141, de 1932, que dava a eles os mesmos direitos do exercício profissional que outras enfermeiras formadas pela EAN), com alguma competência previamente estruturada e *habitus* militar incorporado, foi criado o Quadro de Enfermeiras da Reserva do Exército em dezembro de 1943, para dar conta de uma suposta pressão do V Exército norte-americano, com quem o Exército Brasileiro iria

se aliar na Itália, o qual tinha seus quadros de Enfermagem exclusivamente composto por mulheres, no posto de oficiais, diferentemente do Brasil (BERNARDES, 2003; OLIVEIRA, 2010).

Assim, foram convocadas para atuarem no Teatro de Operações Europeu 67 voluntárias pelo Exército, das quais seis eram profissionais: três pela Escola Anna Nery [Altamira Pereira Valadares, Nair Paulo de Melo e Olga Mendes], uma [Antonietta Ferreira] pela Escola de Enfermagem da Cruz Vermelha (Rio de Janeiro), uma [Ondina Miranda de Souza] era formada pela Escola Alfredo Pinto, e mais uma [Maria Aparecida França] pela Escola de Enfermagem de São Paulo. Com o Curso de Samaritanas, o Exército aproveitou 16, sendo a grande maioria (42) composta por voluntárias socorristas, cuja formação se dera em torno apenas de três meses. Das três restantes, não foi possível a identificação de sua formação (OLIVEIRA, 2010).

Como o número de enfermeiras profissionais no país era muito pequeno, o Exército acabou por aceitar qualquer diploma de curso de Enfermagem, fosse o de *profissional/diplomada*, cuja duração era de três anos à época, o de *samaritana*, que era considerado uma espécie de supletivo em Enfermagem, que durava um ano, ou o de *voluntária socorrista*, cujo curso durava apenas três meses. No curso específico que seria ministrado pelo Exército, chamado Curso de Emergência de Enfermeiras da Reserva do Exército, é que foram realizados os procedimentos de seleção (inclusive de cor) e aperfeiçoamento específicos para a guerra daquelas voluntárias (CANSANÇÃO, 2003, p.24).

Outrossim, a incorporação de grande número de voluntárias socorristas no grupamento de enfermeiras da FEB revelou a carência de mulheres preparadas para o exercício da Enfermagem de Guerra. Ademais, alguns estudos sobre a História da Enfermagem Brasileira consideram fontes que demonstram mesmo uma grande necessidade de enfermeiras profissionais nessa época, como o trecho a seguir, que revela que

(...) até o final da década de 1940, todas as Escolas de Enfermagem conseguiram formar apenas 1.211 enfermeiras, o que, obviamente, não atendia aos requisitos de assistência à saúde da sociedade brasileira, nem no âmbito da saúde pública, nem na área hospitalar, que começava a intensificar-se no Brasil. Essa realidade colocava em questão a capacidade das Escolas de Enfermagem de formar mão-de-obra qualificada para atender aos serviços de saúde em todo território nacional. Esse total não considera apenas as Escolas de Enfermagem que adotavam o modelo anglo-americano, se assim o fosse, o total de enfermeiros ficaria reduzido a 373 (ALMEIDA FILHO, 2004, p.73).

Há que se mencionar que, com o Estado Novo e a Segunda Guerra, acirraram-se certos conflitos entre as enfermeiras profissionais e as enfermeiras consideradas amadoras, tradicionais, práticas, ou as que trabalhavam sem um curso formal (como muitas irmãs de caridade) (CYTRYNOWIZ, 2002). Com efeito, esta situação foi uma das mais significativas sobre as reações negativas que se abateram sobre a aparição pública das enfermeiras da FEB: a do não reconhecimento pelas enfermeiras profissionais da época, posto que a grande maioria das enfermeiras, cerca de 62,6%, possuíam apenas a formação de voluntária socorrista (OLIVEIRA, 2010). Assim é que a heterogeneidade sobre o capital profissional (de Enfermagem), que pouco tinham posse, não permitiu neste momento, e não permitiria mais tarde, o efetivo reconhecimento da representação do grupamento, e que, ainda, provocaria alguns prejuízos simbólicos futuros (OLIVEIRA, 2010).

No processo seletivo organizado pelo Exército, as exigências iniciais foram: ser brasileira nata, solteira ou viúva sem filhos, ter no mínimo 20 e no máximo 40 anos de idade, possuir diploma de enfermeira ou certificado de curso de samaritana ou voluntária socorrista expedidos por escola de reconhecida idoneidade, ou ainda, ser enfermeira profissional portadora de atestado fornecido pelo estabelecimento em que servia, entre outras condições. Entretanto, dois meses depois, parte das condições foi alterada: mulheres desquitadas passaram a ser também aceitas, a faixa etária mudou para 22 a 45 anos, e foram admitidas mulheres casadas, desde que tivessem consentimento do marido, também era válido o Curso de Socorrista Voluntária de Guerra oferecido pela Escola Anna Nery (OLIVEIRA, 2010).

Por outro lado, a criação do Quadro de Enfermeiras da Reserva da Aeronáutica, em julho de 1944, contou apenas com enfermeiras profissionais formadas pela Escola Anna Nery. Isto se deu devido à aproximação entre o recém-criado Ministério da Aeronáutica e a EAN antes mesmo da criação deste Quadro. Aproximação desta mesma natureza também chegou a ocorrer entre o Exército e a EAN com vistas à organização do Quadro de Enfermeiras da Reserva do Exército, contudo a aliança efetiva não chegou a se dar devido à discordância entre as duas instituições, no que diz respeito ao soldo precário e a não concessão de posto militar às enfermeiras “ananéri” (CESÁRIO, 2014; OLIVEIRA, 2007).

Cesário (2014) pontua que o *status* gozado pela EAN à época, de escola oficial padrão do país, os pontos algo comuns sobre os critérios de admissão na FAB e na Escola, e as amistosas e estratégicas relações prévias entre estas instituições foram fundamentais para que todo o processo de organização do Quadro de Enfermeiras da Reserva da Aeronáutica fosse realizado a contento pela EAN. Neste processo, a diretora Laís Netto dos Reis impôs condições que favorecessem a atuação destacada das alunas egressas da Escola naquele

cenário militar, quando garantiu às seis enfermeiras selecionadas o posto de oficial, uma remuneração que fosse condizente com suas responsabilidades, bem como o gozo de honras e regalias inerentes ao posto assumido, tomando o caso norte-americano como exemplo a ser seguido, neste comenos. Assim, a criação deste Quadro oportunizou a primeira iniciativa de incorporação oficial de mulheres na Força Aérea do país, que foi organizado por uma Escola de Enfermagem, a qual buscava defender uma posição algo sustentada de defesa dos interesses da profissão à época (OLIVEIRA *et al*, 2013b).

Por certo, a história da profissão revela que a participação de enfermeiras em diferentes conflitos bélicos contribuiu para lhes dar visibilidade, através de meios de comunicação, mediante a divulgação da participação da mulher em atividades diferentes daquelas tradicionalmente a ela reservadas, em uma sociedade patriarcal, na qual “[...] a invisibilidade e o silêncio deveriam fazer parte da ordem das coisas” (SANTOS, BARREIRA, 2008). Isto acabaria por render para a Enfermagem certos ganhos simbólicos que influenciariam na representação da atuação e da imagem pública de enfermeiras, quando é reiterado o discurso sobre a função social da profissão e a necessidade de adequado preparo para o seu exercício, a fim de se atender a contento às demandas dramáticas de guerra (OLIVEIRA *et al*, 2013a).

Parte dessas ideias é tratada amiúde na próxima seção deste estudo, em que será realizada a abordagem de como foram organizados os cursos de esforço de guerra voltados para a prática de Enfermagem, as parcerias entre as instituições, os seus conteúdos programáticos, os rituais institucionais realizados e a divulgação midiática, no sentido de serem elucidados os efeitos simbólicos da organização desses cursos pelas Escolas da Capital Federal, no contexto da Segunda Grande Guerra.

4 OS EFEITOS SIMBÓLICOS DA ORGANIZAÇÃO DE CURSOS DE ESFORÇO DE GUERRA PELAS ESCOLAS DE ENFERMAGEM DA CAPITAL FEDERAL, DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

4.1 ASPECTOS GERAIS DOS CURSOS DE ESFORÇO DE GUERRA

Esta quarta seção analisa e discute os efeitos simbólicos da organização de cursos intensivos de esforço de guerra pelas Escolas de Enfermagem da Capital Federal, tratando dos acordos e alianças entre essas Escolas e outras instituições, das ementas das disciplinas desenvolvidas nesses cursos, da duração, dos locais de estágio, da divulgação midiática, dos rituais organizados pelas Escolas por conta do desenvolvimento dos cursos, dentre outros aspectos.

Em geral, praticamente todos os cursos foram identificados a partir do acesso às fichas de estágio ou de inscrição de alunas, e também dos periódicos da época que os noticiaram. O quadro abaixo enumera esses cursos, bem como identifica as instituições responsáveis e as que se fizeram parceiras das Escolas de Enfermagem que os organizaram, além de considerar o ano de início do funcionamento e o número aproximado de alunas inscritas em cada um.

Quadro nº 2 - Cursos de Esforço de Guerra oferecidos pelas Escolas de Enfermagem da Capital Federal brasileira durante a Segunda Guerra Mundial:

	Cursos	Instituição responsável	Instituição parceira	Início do funcionamento	Número de fichas de alunas encontradas
01	Socorro de Guerra Cruz Vermelha Brasileira	CVB	EAN e Exército	1939	66
02	Voluntárias ou Socorro de Guerra ou Voluntárias de Socorro de Guerra	EAN	-	1940	177
03	Primeiros Socorros de Guerra Supletivo ao do Instituto Social	Instituto Social	EAN	1942	51
04	Samaritana Hospitalar	EAN	-	1942	28

05	Samaritanas Socorristas	Legião Brasileira de Assistência	Exército, CVB, EAN	1942	43
06	Voluntárias Socorristas	CVB ou EAN	Escola Luiza de Marillac, Colônia Gustavo Riedel, Caixa Econômica Federal, Serviço de Recenseamento, entre outras	1942	54
07	Socorrista	EAN	-	1942	01
08	Socorrista Hospitalar Supletivo ao Patronato da Gávea	Patronato da Gávea	EAN	1942	25
09	Voluntárias Samaritanas	EAN	-	1942	01
10	Emergência ³⁷	CVB	-	1942	-
11	Socorros de Urgência ³⁸	CVB	Associação Brasileira de Educação	1942	-

Localização: 1) CD.EEAN.UFRJ.Série Socorristas Voluntárias de Guerra (1942-1945). Caixas nº 92, 93, 98 e 99. Fichas de alunas; 2) Revista da Cruz Vermelha Brasileira (julho e agosto de 1943); 3) Jornais A Manhã, A Noite e Diário de Notícias (Biblioteca Nacional).

Neste quadro, a quantidade de fichas apresentadas não reflete com exatidão o número real de alunas que, de fato, participaram e concluíram estes cursos. Como exemplo, de acordo com a relação nominal de alunas inscritas no Curso Socorro de Guerra da Cruz Vermelha, a qual foi localizada no Centro de Documentação da EEAN, constam 199 alunas na turma de março de 1942, em contraste com as 66 fichas encontradas.

Pelo quadro, constata-se o envolvimento de outras instituições no preparo de voluntárias para a guerra (além da CVB e da EAN). São elas: Caixa Econômica Federal, Instituto Social, Legião Brasileira Assistência, Patronato da Gávea e Serviço de Recenseamento. E, principalmente, instituições de formação de enfermeiras, como a Colônia Gustavo Riedel e a Escola Luiza de Marillac. Outrossim, fica evidente certa similaridade dos nomes dos cursos, assim como sua finalidade, que constituía-se, em geral, na formação de voluntárias socorristas.

³⁷ Este curso era destinado a profissionais médicos, enfermeiras diplomadas, assistentes sociais, entre outros, configurando um curso de caráter multidisciplinar, em termos atuais. A única notícia encontrada sobre este curso tratou de uma conferência sobre proteção à criança na guerra, sendo um curso voltado para o Serviço Social na guerra. Em função disso, este curso não foi abordado com detalhes nesta seção, mas foi inserido neste quadro, posto que era voltado para enfermeiras e por se relacionar ao esforço de guerra (A NOITE, 22/10/1942, p.16).

³⁸ Curso fundado pela Associação Brasileira de Educação em cooperação com a CVB. Mais de 5.000 voluntários da Cruz Vermelha se inscreveram neste curso. Foram organizados cursos idênticos a este em todo o país. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 29/05/1942, p.5)

Sobre o curso **Socorro de Guerra da Cruz Vermelha**, que contou com a parceria da Escola Anna Nery e do Exército, cabe um adendo curioso: o curso foi iniciado já em 1939, antes mesmo do Brasil entrar efetivamente no conflito, ou seja, antes de declarar guerra aos países do Eixo (o que se deu somente no ano de 1942³⁹), o que, de certa forma, serve de anúncio da predisposição e empenho dessas instituições no atendimento ao apelo à política de militarização do país. Com efeito, este curso foi criado pela CVB inicialmente para poder atender a demandas da EAN. Já no ano de 1940, durante a 1ª Semana de Enfermagem, foram criados três cursos de extensão universitária na EAN: Curso de Auxiliares de Enfermagem, de Assistentes Sociais e de Voluntárias⁴⁰.

No que diz respeito a este **Curso de Voluntárias** (da EAN), o mesmo tinha caráter extensionista. Conforme o relatório anual da diretora desta Escola, de 1941, este curso funcionou como complemento de educação para moças e senhoras da sociedade, e tinha como finalidade principal prepará-las para “o serviço da Pátria, e torná-las mais úteis à sua família e à sociedade” (ALMEIDA FILHO, 2004, p. 79).

Com as aproximações do Brasil com as causas da Segunda Guerra e com o consequente aumento da mobilização civil, o nome do curso foi modificado pela direção da EAN de “Voluntárias” para de “Socorros de Guerra”⁴¹. Efetivamente, a colaboração da EAN com a CVB para a organização deste curso perpassou ao que se discutia no campo da Educação àquela época, sobre a necessidade de promoção de práticas de caráter extensionista.

Tanto assim que, durante o Governo Provisório de Getúlio Vargas (1930-1934), foram previamente encaminhados três decretos ao Congresso na gestão do ministro da Educação e Saúde Francisco Campos, todos no ano de 1931: o de número 19.850, que criou o Conselho Nacional de Educação (CNE); o 19.851, que estabeleceu o Estatuto das Universidades Brasileiras; e o 19.852, que dispôs sobre a organização das Universidades (ROCHA, 2007). Através desse decreto nº 19.851 foi conferida especial ênfase à Extensão Universitária, delineando-a como uma espécie de “apresentação de soluções para os compromissos sociais e para a propagação de ideias e princípios de interesse nacional”, e não apenas a realização de conferências e cursos com o intuito de difundir conhecimentos (CARBONARI; PEREIRA, 2007). Nesse sentido, guardadas as devidas proporções, a criação de cursos de Enfermagem de Guerra conferia às Escolas de Enfermagem um efeito algo acentuado de legitimação não

³⁹ O “estado de guerra” [contra a Alemanha e a Itália] foi declarado em todo o país no dia 31 de agosto de 1942 pelo presidente Getúlio Vargas através do Decreto nº 10.358, artigos 74 (letra k) e 171 da Constituição Federal. A declaração de guerra do Brasil ao Japão só ocorreu em 1945 (NEVES, 1992, p.66).

⁴⁰ Série As Pioneiras, Ano 1940, Caixa 30a; Sumário das realizações da EAN 1931-1940.

⁴¹ Série As Pioneiras; Ano 1943, Caixa 31.2; Guia das Alunas, março de 1943.

somente no campo da educação, como também nos campos social e político, quando se atrelavam firmemente às causas da Nação.

Ainda sobre o curso de Voluntárias (ou Socorros de Guerra) da EAN, para a cerimônia de entrega de certificados ao grupo que concluiu o curso em 6 de dezembro de 1941 foi procedida a leitura do “Juramento da Voluntária da Escola Anna Nery”. O texto do juramento é apresentado a seguir, onde foram destacados (com grifos) alguns elementos julgados representativos:

Em presença de Deus e desta assembleia,
Sob os símbolos da fé e da Pátria:
Prometo – servir como voluntária
Sempre que for chamada ou necessária,
Na paz ou na guerra, secundando as enfermeiras
Na sua nobre e bela missão.
Prometo – guardar com fidelidade os
Ensinamentos recebidos na formação de
Voluntárias, trabalhando na medida de minhas
Forças, no ambiente em que viver, como sentinela
Da Pátria pelo bem da família,
da sociedade, para maior grandeza do Brasil, pelo valor
sempre crescente de seus filhos.

No corpo do juramento há signos das condições de aquisição do *habitus* de enfermeira (naquele contexto), aonde são ressaltadas ideias que se buscava perpetuar sobre os valores da profissão, e não somente princípios de diferenças acerca das competências pressupostamente adquiridas.

Cabe ressaltar que a conclusão do curso da primeira turma de voluntárias para a guerra se deu no mês de dezembro, junto à Semana da Enfermeira, o que, para Almeida Filho (2004), talvez se justifique por conta da criação do “Dia da Voluntária”, na data da abertura do evento e da criação do juramento da voluntária, o qual apela para o aspecto caritativo e patriótico por parte daquelas que concluíam o referido curso. Subjacente à importância atribuída ao papel da “voluntária”, o juramento deixa claro a demarcação dos limites de sua atuação, quando verbaliza: “na paz ou na guerra, *secundando* as enfermeiras”.

Assim, ao tempo que se buscava capacitar voluntárias para a Enfermagem de Guerra, definiam-se os limites desse serviço pelo discurso contido no próprio juramento, que marcava as distâncias através das tentativas de moldar a competência profissional de grupos distintos (voluntárias enfermeiras *de* voluntárias não enfermeiras).

Outro adendo sobre o Curso de Socorros de Guerra da EAN foram as circunstâncias de sua organização, que reuniu, como anunciado em 13 de março de 1942 pelo Jornal A Manhã, autoridades de diferentes campos:

Auscultando as possíveis necessidades da organização de um amplo Serviço de Cruz Vermelha em nosso país, para atender às necessidades do momento, a Escola de Enfermagem “Ana Neri” convocou todas aquelas que, de 1923 a esta parte, tenham sido diplomadas pelos seus diversos cursos. Essa convocação visou treinar, principalmente as enfermeiras, nos serviços de emergência e socorros de guerra, já tendo se apresentado ao “burcau” presidido pela sra. Rute Barcelos⁴², cerca de duzentos enfermeiras. O seu preparo, porém, exige um curso especial, que foi ontem, à tarde, iniciado sob a presidência do coronel Marques Porto⁴³, estando presente a essa cerimônia, além do diretor da Cruz Vermelha Brasileira, a diretora da Escola Ana Neri [Laís Netto dos Reys], a sra. Isolina Pinheiro⁴⁴ e inúmeras outras pessoas de alta expressão em nossos meios sociais. O flagrante (abaixo) foi colhido pela nossa reportagem durante a abertura desse curso. (A Manhã, 13 de março de 1942, p. 3)

Fac-símile imagético nº 11- Alunas na aula inaugural do curso de Socorro de Guerra



Localização: Jornal A MANHÃ, 13/03/1942, Ano I, nº182, página 03, sem autoria. Disponível em: Hemeroteca Digital, Biblioteca Nacional. Acesso em: 03/05/2014.

⁴² Secretária da EAN àquela época.

⁴³ Chefe do Serviço de Saúde da Força Expedicionária Brasileira durante a Segunda Guerra Mundial (OLIVEIRA, 2007; MALAQUIAS, 2008).

⁴⁴ Coordenadora e assistente técnica do curso de Serviço Social da “Benemérita Associação SOS” com colaboração do Juizado de Menores (RIZZINI, 2007).

O fac-símile imagético nº 11 mostra a participação de várias mulheres na aula inaugural do curso de Socorros de Guerra da EAN. Praticamente todas trajadas distintamente: algumas com uniformes de enfermeiras e touca, e outras com trajas similares aos de religiosas (ao fundo) ou com vestimentas comuns.

Na imagem, a combinação de símbolos (nos modos de vestir) de enfermeira com a de irmã de caridade empenhada e de mulher leiga útil demonstra o acolhimento de referências culturais que, de um modo ou de outro, tendia a alguma homogeneização. A guerra, por pressuposto, implicou-se em vetor não só da profissionalização de enfermeiras, mas também de reunião de distintas concepções ideológicas, e mesmo estéticas. À luz dessa argumentação, o texto imagético parece bom exemplo, a princípio.

Outra notícia do mesmo jornal destacou que, com o curso de Socorros de Guerra, as alunas da EAN estariam em prontidão para apoiarem as Forças Armadas do país, se necessário fosse:

Às alunas da Escola Ana Neri foi ministrada a primeira aula de Serviço de Saúde em tempo de guerra, na sede da Cruz Vermelha Brasileira, em obediência ao dispositivo que determina a generalização dessas noções, a fim de serem consideradas enfermeiras-reservas das Forças Armadas do país. (A Manhã, 17 de março de 1942, p.4).

Em notícia do jornal A Manhã (páginas 3 e 8) do dia 19 de março de 1942, fez-se destaque a outro curso, os de **Emergência** organizados pela Cruz Vermelha. Com o título “A participação da mulher nos serviços auxiliares da guerra”, a matéria tratou da necessidade de mulheres para a guerra, destacando características femininas (ternura) e de essência cristã (devotamento). Tratou ainda da substituição de homens por mulheres nas fábricas e no campo. Entretanto, no mesmo texto foi ratificado que o “grande lugar” da mulher é como enfermeira ou socorrista, conjugando e atrelando o modelo pedagógico adotado pelo Estado Novo para a mulher (de enfermeira) com as estratégias de militarização e dominação masculina da época.

Tal estratégia de inculcação desse modelo pedagógico (reforçado em muito pela reprodução do discurso patriótico e militar) foi muito explorada, principalmente através das solenidades de formatura das turmas dos cursos intensivos de esforço de guerra, onde os paraninfos, geralmente porta-vozes do governo, reiteravam a ideia da emancipação (ainda que controlada) da mulher.

Na perspectiva da dominação masculina, compreendida enquanto violência simbólica, tal situação é revelada através de divisões espaciais entre os espaços masculinos e femininos, e por meio de princípios de divisão e de visão, de classificação e de taxonomias, constituindo

as mulheres como objetos em estado de dependência simbólica, femininas à expectativa masculina e, por extensão, submetidas e subordinadas, geralmente (BOURDIEU, 2003).

A referida notícia também abordou a duração de três meses do curso e as disciplinas ministradas: Socorros de Urgência, Técnica de Enfermagem, Ação de Socorros da Cruz Vermelha em casos de calamidade e guerra, Serviço de Saúde em Campanha, Hospitalização Militar, Transportes Sanitários e Proteção das populações contra bombardeios. Neste curso, não havia condições “fixas” para matrícula, e a seleção era efetuada somente após o desenvolvimento do curso, através de provas. Seu funcionamento se dava em dois dias da semana (nas terças e quintas-feiras). As aulas teóricas iniciavam-se às 18 horas, e as alunas faziam estágio em ambulatórios pela manhã, especialmente em serviços de Ortopedia e Cirurgia.

Ainda, foram pautadas as estatísticas relativas aos cursos de Emergência realizados pelo médico Arthur de Alcântara (diretor do Hospital da Cruz Vermelha Brasileira, e da Escola de Enfermeiras deste mesmo Hospital), mencionando a presença de duas princesas da Casa Real do Brasil (Maria Francisca e Thereza Maria de Orleans e Bragança) e a procura de outras Escolas de Enfermagem, que não dispunham dessa parte complementar de ação de socorros, que era exclusiva da Cruz Vermelha. A imagem abaixo acompanhou a notícia deste curso de Emergência da CVB:

Fac-símile imagético nº 12- “A participação da mulher nos serviços auxiliares da guerra”



Localização: Jornal A MANHÃ, 19/03/1942, Ano I, nº187, página 03, sem autoria. Disponível em: hemerotecadigital.bn.br. Acesso em: 04/05/2014.

Apesar da matéria jornalística não descrever o conteúdo da fotografia (fac-símile jornalístico nº 12), pode-se supor que o homem de pé perante as alunas do curso citado na notícia seja o médico Arthur Alcântara, visto que o registro noticioso trata de uma entrevista com ele sobre os cursos de esforço de guerra para mulheres pertencentes a Cruz Vermelha Brasileira.

Boa parte dos registros noticiosos aqui abordados se fez acompanhada de fotografias. Sobre isso, cabe o ressaltado de que as notícias, quando combinadas com fotos, tendem a produzir certas imagens mentais, favoráveis ou não, especialmente se for considerado o índice de analfabetismo da população brasileira à época; por isso a “necessidade” de se codificar as notícias também pelas imagens. Não obstante, o texto contido nesses periódicos tinha uma concepção mais elitista, um caráter seletivo em sua constituição, dirigido àqueles que consumiam o jornal como veículo de cunho sociocultural. Com efeito, nas sociedades contemporâneas, o conhecimento constitui um princípio de hierarquização social tão importante como a propriedade, pelo que o poder de informar representa um poder enorme. Nesse sentido, os jornalistas e as suas fontes contribuem, conjuntamente, para articular e definir os contornos da sociedade do conhecimento, reproduzindo as estruturas do poder e do saber (SERRANO, 2003).

Mais tarde, exatamente dois dias depois, foi publicada em 21 de março de 1942, em duas páginas (3 e 10) do mesmo jornal A Manhã, uma notícia cujo título foi “Uma modelar e humanitária instituição a serviço do Brasil”, para novamente abordar o curso de Emergência organizado pela Cruz Vermelha Brasileira. Para esta matéria, os jornalistas foram até a sede da instituição com o intuito de entrevistar o secretário geral, Carlos Eugênio Guimarães.

No registro noticioso, o secretário geral referiu a abnegação da mulher brasileira, comunicando o oferecimento “de quase todas as instituições femininas” no auxílio à CVB, e afirmando que “este exemplo de bravura devia ser amplamente divulgado para que todos vissem que o país está em alerta, seguindo as determinações de seu grande Presidente”. O secretário falou ainda que, através do Comitê Internacional de Genebra, a CVB tinha a incumbência de secundar os serviços de saúde em tempo de guerra. Tratou também da necessidade de intensificação dos cursos de Emergência, expondo a ideia de que “os recursos vêm do povo, e voltam ao povo, pela aplicação consciente e honesta nos socorros e auxílios prestados pela Cruz Vermelha.”

A primeira resenha selecionada na busca sobre os cursos teve uma mulher como autora, Maria Madalena Souza Aguiar⁴⁵, no jornal *A Manhã*, registrada no dia 12 de abril de 1942, com o título “Da Mulher fútil à Mulher útil” (página 7). No texto, reiterou-se o apelo patriótico às mulheres. Nesse ínterim beligerante, via imprensa, a opinião pública tomava forma e se demonstrava por meio de resenhas. Possivelmente por conta do jornal em questão pertencer a um órgão oficial do Estado Novo (DIP), a opinião da autora, ao se fazer pública, visou acompanhar o discurso oficial do governo sobre o assunto. *Paripassu*, ao representar as mulheres ou falar pelas mesmas, preenchia-se o que era franqueado de espaço público (androcêntrico) para elas.

Em diversas passagens da resenha, incluindo o próprio título, o conteúdo enfatiza, para além do apelo patriótico, as marcas das características femininas. O recorte abaixo é exemplo:

É chegada a hora de agirmos, cômicas de nossos deveres de cidadã, em todos os setores das nossas atividades femininas. [...] Na família, estimulando e animando os nossos esposos, nossos irmãos e nossos filhos. As mães devem inocular no coração dos filhos [...] (*A Manhã*, 12/04/1942, p.7).

Por certo, é aparente a incorporação da dominação masculina através da reprodução de um texto feminilizado cunhado por um discurso paternalista, demonstrando a divisão dos gêneros, das coisas. Em contrapartida, ao reproduzir este tipo de discurso, a autora da resenha talvez tenha ganhado alguma visibilidade e, com isto, adquirido certos “poderes informais” (PERROT, 2001, p.171), o que evidencia os contrapoderes das mulheres em assenhorear-se de determinados espaços (aqui, os midiáticos), que lhes eram confiados, a fim de conseguirem avançar em suas atuações no campo social.

Na busca pela abstenção do privado e reprodução de certas ideias oficiais, como estratégias próprias de um jogo, as opiniões explicitadas tendem a se configurar muito mais pela impressão produzida nos sentidos, que pela reflexão pura. Por essa via, os jornais referendados tinham (ao que parece) um papel fortalecido mais pela sensibilidade que o momento brutal de guerra referendava do que propriamente pela racionalidade (DOMENACH, 1985; SCHURSTER, 2010, p. 470).

No processo de busca pelas fontes, somente foi possível localizar os programas dos cursos de Emergência da Cruz Vermelha Brasileira, Curso Popular de Primeiros Socorros da Colônia Gustavo Riedel (também chamado de curso de Voluntárias Socorristas, segundo os

⁴⁵ Não foi possível encontrar dados sobre a autora.

Anais da Colônia Gustavo Riedel de 1943), Samaritanas Socorristas e Socorro de Guerra. Contudo, estas fontes apresentaram certa incompletude acerca de informações que melhor viabilizassem a análise de como funcionaram esses cursos, em modo detalhado. Provavelmente, tal situação põe em evidência a emergência com que eles foram elaborados, e a certa pressa para colocá-los logo em prática.

Por conta da quantidade de fichas, que por sua vez não expressa exatamente o número real de alunas formadas, e especialmente pela sua ampla divulgação nos periódicos da época, parece que o Curso de Socorro de Guerra, organizado pela CVB e/ou pela EAN, gozou de maior distinção entre os outros. Pelas fontes, a aproximação da EAN com a CVB fez-se relevante, a fim de levar este curso a termo, conforme revela o trecho a seguir:

Entrevista da Cruz Vermelha

Tendo o Snr. presidente da Cruz Vermelha, o Sr. general na qual expendia ideias semelhantes as que havíamos apresentado em memorial ao Sr. presidente da República, procuramos na Cruz Vermelha o seu Presidente e com Ele iniciamos um entendimento para um trabalho em conjunto, em vez de dispersarmos os nossos esforços. Essa combinação continua se fazendo em estudos de lado a lado (Relatório da Direção da EAN, julho de 1939, grifos nossos).

Como citado acima, a EAN buscava a parceria da CVB, visto que esta instituição gozava de experiência internacional em preparar voluntários e ajudar vítimas de guerra ou de situações de calamidades. No Brasil, a Cruz Vermelha estava subordinada ao Ministério da Guerra, e contava com muitos militares em seu quadro de efetivo. Nesse sentido, há que se referir as aproximações promovidas pela EAN com o campo militar (CESÁRIO, 2014; OLIVEIRA, 2010). Ao que parece, a parceria da EAN com a CVB se fazia vantajosa para ambos os lados. O próximo excerto, que trata da implementação do curso de Socorro de Guerra pela CVB e EAN (em colaboração), endossa mais essa ideia:

Havendo a Cruz Vermelha Brasileira, ao ser declarada guerra, iniciado um movimento de trabalho, em razão do momento presente, a Direção da Escola Ana Néri ofereceu os serviços da Escola para a organização de Curso de Emergência e Socorro de Guerra, o que foi aceita, com satisfação, pelo general Tourinho e Senhora Cacilda Martins⁴⁶, e as Exmas Irmãs da Cruz Vermelha. Organizamos o nosso plano de trabalho, ficando o curso de Emergência dividido em 3 partes, para que neles todos cooperem, e maior harmonia reinasse na colaboração, assentando a parte teórica a cargo dos professores da Escola da Cruz Vermelha Brasileira. Parte técnica e ética, a cargo da Escola Ana Neri. E organização sanitária de campanha a cargo do Corpo de Saúde do Exército. O curso tem ocorrido a contento, sendo

⁴⁶ Protetora e criadora das Enfermeiras do Ar, turma “A” do curso Socorros Urgentes, composto pela aviadora Anésia Pinheiro Machado (A NOITE, 21/05/1942, p.2).

frequentado por grande número de senhoras e senhoritas de nossa melhor sociedade e por grande número, também, de estrangeiras de diferentes nacionalidades. (Relatório da Direção da EAN, setembro de 1939).

Ainda a seguir, a diretora da EAN demonstra contentamento com o decorrer desse Curso de Socorro de Guerra, ressaltando atividades desenvolvidas pelas alunas junto a militares de alta patente do Exército:

e) Curso de Socorro de Guerra da Cruz Vermelha Brasileira

Continua como êxito o curso de Socorros de Guerra que a Escola Ana Neri em colaboração com a Cruz Vermelha Brasileira está dando às senhoras e moças da Sociedade Carioca.

A frequência tem sido animadora e o interesse demonstrado indica bem claro que esse curso corresponde a uma necessidade sentida por todos e que, portanto, deve constituir um curso regular de nosso programa escolar.

f) Excursão à Escola Militar- Vila Militar- Fazenda de Gericinó

As alunas do Curso de Socorro de Guerra foram em excursão, no dia 31 de outubro, à Vila Militar para uma aula no acampamento organizado pelo diretor do Hospital da Cruz Vermelha Brasileira, major Jesuino de Albuquerque. Foram aproveitadas as manobras da Escola Militar, acampada na Fazenda de Gericinó, para as demonstrações do socorro de guerra.

As alunas tiveram uma excelente oportunidade de apreciar e aprender o trabalho do campo de batalha.

Deu a aula, o professor capitão médico Marques Porto.

O general Fiuza, comandante da 1ª Região, ofereceu chocolates às excursionistas, e o general Pedro Cavalcanti, um almoço típico de soldado, que muito agradou. Cativou a todos a maneira gentil como foram acolhidas as alunas do Curso.

No regimento, fez uma saudação de boas vindas o Capitão.

Respondeu agradecendo D. Lais Netto dos Reys, diretora da Escola Ana Neri.

(Relatório da Direção da EEAN, outubro de 1939).

Tais articulações das Escolas de Enfermagem com oficiais do Exército renderiam os lucros galgados, cujos argumentos eram essencialmente pautados num discurso idealizado, patriótico e legitimador de atuação pública da Enfermagem nos tempos de guerra. Dessas manifestações simbólicas, instituições como a CVB e EAN conseguiam acumular capital simbólico e outras disposições, manifestando certa “docilidade” para com as instituições castrenses.

No próximo recorte, D. Laís Netto dos Reys relata sobre as alunas formadas pelo Curso de Socorro de Guerra da Cruz Vermelha, parabenizando o grupo e ressaltando a missão divina da mulher brasileira para com a Pátria:

Às prezadas alunas do Curso de Socorro da Guerra da Cruz Vermelha Brasileira

Parabéns muito afetuosos, com ardentes votos a Deus para que possam todos tirar desse rápido curso que fizeram, com tão louvável interesse e devotamento, um real proveito, fazendo-as conhecer através da missão da enfermeira- que tornou Ana Neri o inolvidável exemplo de mulher do Brasil, a felicidade de fazer sempre o bem- que exige esforços e coragem, mas que engrandece e edifica- do sacrifício que custa mas que compensa, que eleva e dignifica,- de viver para os outros, -de servir a Deus, à Pátria e à Humanidade- única e existência digna de uma grande vida (Relatório da Direção da EEAN, dezembro de 1939).

Dessa aproximação prévia entre a EAN e a CVB é que nasceu a ideia da criação do curso de Socorro de Guerra da Cruz Vermelha em 1939, na qual a EAN colaborou. No caso, o primeiro dos cursos com a finalidade de preparo de voluntárias para a guerra, como dito antes, antes mesmo do Brasil aderir à Segunda Guerra Mundial junto aos países do Bloco dos Aliados.

Esta parceria se configurou como uma oportunidade a maior das alunas e professoras da EAN em adquirir experiência sobre a prática de Enfermagem de Guerra. Com tal iniciativa, passaram a ser organizados outros cursos pela EAN, na tentativa de comungar do processo de formação de mais voluntárias, o que foi reforçado com a criação do curso de **Voluntárias Socorristas**, em 1942.

De todos os cursos, este de Voluntárias Socorristas foi o que apresentou o maior número de alunas. Organizado principalmente pela Cruz Vermelha, o curso contou com várias parcerias, como exposto na Revista da instituição:

Foram iniciados no ano em apreço [1942], 44 cursos de Voluntárias Socorristas, dos quais 17 foram concluídos dentro desse ano. Os 27 restantes continuaram em funcionamento, terminando no corrente ano, em diferentes datas. A Escola [da CVB] realizou 10 desses cursos em sua sede, tendo os outros sido realizados fora da Escola, em colaboração com Sociedades, Ministérios e Escolas diversas... (Revista da Cruz Vermelha Brasileira, agosto de 1943).

No texto em destaque, o ano em apreço é o de 1942, visto que a Revista da CVB (de 1943) registrava fatos ocorridos no ano anterior. Como mencionado, existiram várias instituições colaboradoras e filiais da Cruz Vermelha no território nacional, que trabalharam para a consecução deste curso, por isso também o número expressivo de inscritas.

Quadro nº3 – Curso de Voluntárias Socorristas

Instituições Responsáveis	Instituições Sedes
Cruz Vermelha Brasileira	Postos e Filiais da CVB, Colônia Gustavo Riedel (EEAP) , Banco do Brasil, Clube dos Inapiários, Colégio Pedro II, Colégio Anglo Americano, Colégio Batista, Departamento Nacional do Café, Departamento de Educação dos Serviços Hollerith S/A, Escola Luiza de Marilac , Estrada de Ferro Central do Brasil, Fábrica de Projetis de Artilharia de Andaraí, Fluminense Football Clube, Instituto Lafaiete, Instituto Santa Úrsula, e etc.
Escola Anna Nery	Caixa Econômica Federal e Serviço de Recenseamento

Localização: Revista da Cruz Vermelha Brasileira (1943) e Série Socorristas Voluntárias (1942-1945).

Em ratificação ao número expressivo de instituições colaboradoras, tem-se o seguinte recorte dos Anais da Colônia Gustavo Riedel, que também ressalta o empenho de profissionais que se envolveram com o ensino no curso de Voluntárias Socorristas:

A primeira dama do País, D. Darci Vargas, colocou-se na vanguarda dessa campanha ultra-benemérita e, de acordo com o Ministério da Guerra, foi criando Núcleos, Legiões, Assistências, Organizações de Voluntárias Socorristas.

Professores de altas patentes militares, médicos do Exército e médicos civis, apresentaram-se de pronto na continência prática ao seu país, e prontificaram-se a ministrar os conhecimentos necessários a essas mulheres, não só brasileiras como estrangeiras aqui radicadas, que tiraram horas de seus afazeres domésticos ou de seus divertimentos, para aprenderem as diversas formas utilitárias de defenderem o Brasil, Pátria por excelência, Terra de grandeza territorial e de grandeza de alma (Anais da Colônia Gustavo Riedel, 1943, p.323, v.6).

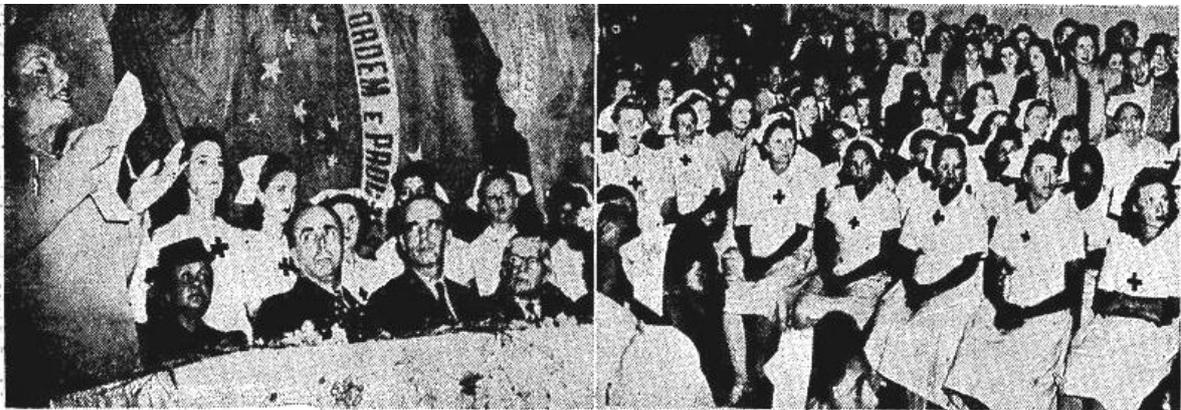
Outrossim, chama a atenção o número expressivo de alunas diplomadas no Curso de Voluntárias Socorristas em relação às alunas diplomadas nos cursos de Enfermagem Profissional e Samaritanas da CVB à época, evidenciando o maior empenho no curso de menor duração, dada muito provavelmente à emergência da situação de guerra. A título de demonstração, o recorte abaixo da Revista da Cruz Vermelha Brasileira apresenta os quantitativos de alunas formadas no ano de 1942:

Escola da Cruz Vermelha Brasileira
 Número de alunas diplomadas, nos vários cursos, no ano de 1942:
 Enfermeiras profissionais: 21
 Samaritanas: 65
 Voluntárias Socorristas: 1.019
 (Revista da Cruz Vermelha Brasileira, agosto de 1943)

Em 29 de setembro de 1942 foi publicada, no jornal A Noite (página 10), a notícia intitulada “Novos cursos de emergência da Cruz Vermelha”. O texto tratou da necessidade de preparo de voluntárias para a guerra, devido ao fato de que algumas instituições solicitaram a permissão da CVB para a criação de novos cursos de emergência. Entre elas, figuraram o Colégio Batista, Externato Pedro II e Banco do Brasil. Além desse fato, na notícia foi apresentado o aumento de quantitativo de mulheres nos cursos da Cruz Vermelha, e a destinação dessas mulheres (enfermeiras, samaritanas e voluntárias) nos diversos estabelecimentos de Saúde do Exército, das quais 200 teriam ficado à disposição da Prefeitura.

O mesmo jornal (A Noite) retratou a instalação deste curso de Voluntárias Socorristas em um dos postos da Cruz Vermelha Brasileira, o Posto 5, localizado no Penha Club. Tal notícia foi registrada no dia 30 de outubro de 1942, na página 08, com o título “Inaugurado o curso de Voluntárias Socorristas da Penha”, a qual apresentava teor festivo. No fac-símile imagético nº13 é percebida a presença de algumas autoridades, como o presidente da CVB à época.

Fac-símile imagético nº13- Curso de Voluntárias Socorristas no Posto nº5 (Penha Club)



Flagrantes colhidos por ocasião da solenidade

Localização: A NOITE, 30/10/1942, Ano XXXII, nº 11036, página 10, sem autoria. Disponível em: hemerotecadigital.bn.br. Acesso em: 22/11/2014.

O fac-símile apresenta a solenidade ocorrida no dia 30 de outubro de 1942 alusiva ao Curso de Voluntárias Socorristas, de um dos postos da CVB. Com a legenda “Flagrantes colhidos por ocasião da solenidade” é mostrada, em duas fotos, a presença de formandas da CVB. No lado esquerdo, ao que parece, está uma professora(?) discursando, de pé, bem como autoridades sentadas à mesa e outras alunas na parte detrás, tendo como pano de fundo a bandeira do Brasil. Na imagem à direita, as alunas apresentam-se sentadas, com as mãos

Como abordado anteriormente, o Curso de Voluntárias Socorristas foi implantado em outras filiais da CVB no país (como em Minas Gerais, Paraíba e Bahia, entre outros Estados da Federação). Ademais, acredita-se, a partir da triangulação de notícias jornalísticas da época e dos anais da Colônia Gustavo Riedel (de 1943), que este curso também foi implantado na Colônia Gustavo Riedel, na qual funcionava a seção feminina da Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto (atual Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, da UNIRIO). Na Colônia, o Curso de Voluntárias Socorristas foi batizado com o nome de “**Curso Popular de Primeiros Socorros**”, conforme essas fontes; e foi realizado de 16 de setembro a 28 de dezembro de 1942, na sede deste manicômio. Ao todo, somaram-se 53 candidatas ao curso, das quais algumas eram alunas da própria Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto, e outras não. As candidatas que não eram alunas desta Escola foram submetidas a um prévio exame clínico e psicológico-vocacional, para averiguação da vocação das candidatas.

As notícias veiculadas pela imprensa que tratavam deste curso na Colônia foram poucas, como a publicação em 23 de outubro de 1942, no jornal Diário de Notícias (página 8). Na realidade, trata-se de um registro noticioso dentro de uma notícia maior, que tinha como título “Cruz Vermelha Brasileira”, a qual informou aspectos sobre o uniforme das samaritanas, a abertura do Curso de Samaritanas Socorristas na Policlínica Botafogo e no Botafogo Futebol Clube, e sobre a festa para arrecadar fundos e donativos para a CVB. No corpo do texto, também se fez destaque à abertura do Curso Popular de Primeiros Socorros na Colônia Gustavo Riedel, o qual seria realizado com o patrocínio da CVB, onde as aulas ocorreriam no anfiteatro da Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto, nos meses de novembro e dezembro de 1942.

Foram localizadas mais três notícias que trataram especificamente deste curso Popular de Primeiros Socorros. No Jornal A Manhã, onde eram publicadas resenhas (inclusive científicas), foram impressas duas resenhas em 18 de novembro de 1942 (página 3) e 10 de fevereiro de 1943 (página 3), ambas escritas pelo mesmo autor (Túlio Chaves⁴⁷). Já o registro noticioso datado de 5 de fevereiro de 1943, do jornal Diário de Notícias (página 11), teve como título “Colônia Gustavo Riedel”, o qual informou brevemente sobre a conclusão do curso e a solenidade, sem maiores detalhes.

Na primeira resenha (de 18 de novembro), o autor tratou da mobilização das Escolas de Enfermagem, do entusiasmo da mulher brasileira pelos assuntos que se referiam à defesa da Pátria, e exaltou as 50 mulheres patriotas que participaram da fundação do curso na Colônia.

⁴⁷ Não foi possível identificar dados sobre este autor.

Já na segunda resenha, este mesmo autor também deu ressaltado ao apelo às mulheres brasileiras ao falar do país ter se aliado às Nações Unidas, tratando da mobilização de mulheres e das Escolas de Enfermagem, e informou sobre a formatura das voluntárias socorristas do curso da Colônia. No texto foi reproduzido o *slogan* “O Brasil precisa de enfermeiras”.

Muito utilizado à época (especialmente pela imprensa), tal *slogan* ratificava a necessidade do país em aumentar o número ainda precário de enfermeiras diplomadas, bem como a necessidade de profissionais para atuar nos *fronts* (interno e externo).

A título de exemplificação, o *slogan* ilustrou a capa do livro de Emília Edméa Dezonne Carvalho, que foi lançado em 1943, cuja imagem fora cedida pela *Colgate Palmolive Peet Co. Ltd.*, num exemplar modo de apropriação do esquema de chamamento/mobilização de mulheres enfermeiras norte-americanas (OLIVEIRA, 2010).

Fac-símile imagético nº 15 – Capa do Livro “O Brasil precisa de enfermeiras”, de Emília Edméa Dezonne Carvalho



Fonte: CARVALHO, Emília Edméa Dezonne. O Brasil precisa de enfermeiras. 3. ed. Rio de Janeiro: Dois irmãos, 1967.

A autora do livro “O Brasil precisa de enfermeiras”, Emilia Edméa Dezonne Carvalho, foi uma aviadora, e também escritora do livro “Náufragos do Ar”, no qual a mesma conta o acidente de avião que sofreu. O livro trata de noções de Anatomia, Fisiologia, Socorros Urgentes (transporte, fraturas, traumatismos, hemorragias, micróbios), Técnica de Curativos, injeções, queimaduras, envenenamento, ataques aéreos – guerra química, asfixia, entre outros como: orientação sobre tratamentos e cuidados com o doente, bem como apresenta o hino da Cruz Vermelha Brasileira e a história da Cruz Vermelha Internacional. Pela leitura, percebe-se que a autora, de quem não se tem maiores detalhes, participou de algum curso de Enfermagem, possivelmente pela CVB.

QUERIDAS COMPANHEIRAS

Falta-me competência para descrever e comentar as aulas – preciosos repositórios de sabedoria e bondade – dos insignes mestres: Dr. Arthur Alcantara e Irmã Margarida.

Anotei-as, porém, e, tanto quanto possível, procurei transmiti-las a vocês, caras colegas, na certeza de que os seus nobres corações – habituados ao sacrifício e à indulgência – perdoarão a minha ousadia, e preencherão com a sua clara inteligência as lacunas que serão encontradas neste desprezioso livro. EDMÉA DEZONNE.

Apesar de ser apresentada a capa da 3ª edição (publicada em 1967), posto que não foi encontrada a primeira edição do livro, que fora lançado no ano 1943, no íterim do conflito, acredita-se que o emprego do título (*slogan*) não tenha sido diferente. Ademais, este mesmo *slogan* também fora utilizado em 1922, no corpo do prospecto de divulgação do curso de enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública (EAN). O texto deste prospecto intitulado “A enfermeira moderna: apelo às moças brasileiras” teve forte caráter patriótico. No recorte é possível distinguir estes traços: “O Brasil precisa de enfermeiras e convida-vos ao desempenho do maior serviço que uma mulher bem prendada e educada pode prestar-assistência inteligente e piedosa aos doentes”. O texto também incorporou argumentos de inspiração religiosa e passagens bíblicas: “Porque eu estava doente e vós me procurastes. Estava na prisão e viestes confortar-me. Porque tudo o que fizestes aos mais humildes dos meus irmãos a mim fizestes”. Provavelmente, este tipo de argumento era reproduzido no sentido de garantir a adesão das famílias das moças que fariam o curso àquela novidade, e de reafirmar laços da Igreja com a profissão de Enfermagem, ainda recente no país (SANTOS, BARREIRA, 2002, p.53-54).

No bojo da Segunda Guerra, o apelo do *slogan* tinha o sentido de comunicar que o Brasil possuía um número reduzido de enfermeiras diplomadas, e também, ao que parece, tinha o sentido de tratar da necessidade de preparar estas diplomadas para as situações de

guerra, em função da natureza das atividades distintas a serem executadas, o que não era alvo de consideração amíúde nos currículos de formação de Enfermagem. Este “novo” alvo constituía-se em preparar enfermeiras (e mulheres voluntárias) para efetivamente atenderem a necessidade do *front* interno, como também do *front* externo, este, a exemplo do que aconteceu no caso das enfermeiras da Força Expedicionária Brasileira do Exército, estudado por Bernardes (2003) e Oliveira (2007, 2010), como também no caso das enfermeiras do 1º Grupo de Caça da Força Aérea Brasileira, tratado por Cesário (2014).

Retomando o Curso Popular de Primeiros Socorros, é importante destacar que, mesmo a Escola de Enfermeiras Alfredo Pinto (Seção Feminina) pertencer neste período à Colônia Gustavo Riedel, esta Escola também fez parte da organização do referido curso, com a participação de suas alunas e também de professores da Escola, como consta no trecho abaixo:

A Escola “Alfredo Pinto” quis mostrar que, como a primeira Escola de Enfermeiras criada no País, não fugia ao toque de clarim da sua Pátria.

Para isso, organizou por iniciativa do Diretor da Colônia “GUSTAVO RIEDEL”, Dr. Ernani Lopes, um Curso Popular de Primeiros Socorros a que ocorreram um número regular de candidatas de fora, e as quais se incluíram também as alunas do 1º ano... (Anais da Colônia Gustavo Riedel, 1943, p.323)

Com efeito, a Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, apesar de focar no cuidado aos “alienados mentais”, também chegou a reorganizar seu curso de enfermeiros e enfermeiras visando prepará-los para a guerra, e organizou o curso de voluntárias socorristas.

Com a reorganização por que passou a Escola, através do Decreto 10.472, de 22 de setembro de 1942 e do Decreto-lei 4.725, de 22 de setembro do mesmo ano, foram mantidos os dois cursos: de Enfermeiros Auxiliares e de Especialização em Serviços Psiquiátricos para Enfermeiros Diplomados. Esse curso de Enfermeiros Auxiliares foi organizado em seis períodos, com duração total de 18 meses, em que, no sexto período, era prevista a disciplina de Serviços de Guerra.

A admissão nos cursos era feita mediante a apresentação de certificados de registro civil, que comprovasse que o candidato teria 17 anos completos, e documento de identidade. Especificamente, o candidato do Curso de Enfermeiros Auxiliares era sujeito a exame de admissão constituído de provas realizadas na própria Escola, de nível correspondente à segunda série ginásial, acrescidas de ciências naturais e físicas, diferentemente do Curso de Especialização em Serviços Psiquiátricos, que só cobrava dos candidatos o diploma de enfermeiro.

Tal configuração da EEAP permaneceu desta forma até o ano de 1949, com a promulgação da Lei 775, conforme ressalta Fonte (2009):

A primeira reformulação do currículo de Enfermagem se deu pelo Decreto 27.426, quando da promulgação da Lei 775, de 06 de agosto de 1949, que passou a regular o ensino de Enfermagem em todo o país, inclusive determinando a exigência de curso secundário ou equivalente como pré-requisito para o ingresso no curso de Enfermagem. Não obstante, a Lei 775/49 determinava que as escolas ainda poderiam receber candidatos que tivessem apenas o certificado do curso ginásial. Isto foi válido por um período de sete anos.

Por outro lado, a Colônia Gustavo Riedel, no Engenho Novo, destacou-se como lugar onde eram aplicados com mais efetividade os princípios da higiene, por meio das atividades de prevenção e profilaxia dos distúrbios mentais, em nível ambulatorial. Além disso, dela fazia parte a Seção Feminina da EEAP, que possibilitava às enfermeiras formadas acrescentar à sua formação um curso de Visitadoras Sociais (AMORIM; BARREIRA, 2006). Na Colônia Gustavo Riedel existiram algumas outras iniciativas relativas ao esforço de guerra, como um curso de Medicina Militar para médicos civis, no Hospital Central do Exército, assim como a formação de algumas enfermeiras da Colônia no curso de Defesa Passiva Antiaérea (de acordo com os Anais da Colônia Gustavo Riedel de 1943). Como fora antes citado, uma iniciativa desta Colônia a ressaltar foi a organização do Curso Popular de Primeiros Socorros (que equivalia ao Curso de Voluntárias Socorristas).

No que diz respeito ao Curso de Voluntária Socorrista organizado pela Caixa Econômica Federal, com o patrocínio da Escola Anna Nery, um dado chamou a atenção: a formação de um aluno do sexo masculino, como consta no recorte abaixo, extraído da Revista da Cruz Vermelha, de julho de 1943:

[...] À tarde do mesmo dia, realizou-se no Auditorium da Associação Brasileira de Imprensa, a solenidade da entrega dos diplomas e distintivos, presidida pelo Sr Carlos Luz⁴⁸. De início, foi cantado o hino da Escola Ana Neri, falando a seguir a oradora oficial, Elza Qiuta Ribeiro, que se referiu às funções da mulher na guerra, fazendo depois o elogio do paraninfo da turma, Sr. Carlos Luz, e do homenageado Sr. Aires Antunes Maciel⁴⁹. Foram então entregues os diplomas e distintivos a 36 voluntárias e um voluntário, sob palmas constantes da assistência. [...] (p.17)

⁴⁸ Presidente da Caixa Econômica Federal do Rio de Janeiro de 1939 até 1946, quando passou a integrar o Conselho Superior das Caixas Econômicas Federais (http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/carlos_luz).

⁴⁹ Médico da Caixa Econômica Federal (Diário Carioca, 27/05/1947, p.6).

A princípio, esta notícia não foi registrada nos jornais selecionados para este estudo (A Manhã, A Noite e Diário de Notícias), sendo localizada apenas na Revista da Cruz Vermelha Brasileira de julho de 1943, a qual retratou a cerimônia que ocorreu em 12 de maio no ano anterior (1942). A notícia ainda incorporou duas fotografias para ilustrar o ocorrido (fac-símile nº 16 e fac-símile nº17).

**Fac-símile imagético nº 16- Curso de Voluntárias Socorristas da Caixa
Econômica Federal**



Localização: Revista da Cruz Vermelha Brasileira, julho de 1943, p.17.

**Fac-símile imagético nº 17- Curso de Voluntárias Socorristas da Caixa
Econômica Federal**



Localização: Revista da Cruz Vermelha Brasileira, julho de 1943, p.17.

Estes fac-símiles ilustraram a cerimônia do curso de Voluntárias Socorristas da Caixa Econômica Federal, que contou com a EEAN como responsável pelo curso. No fac-símile nº 16 estão três voluntárias de pé, uma delas com a bandeira do Brasil em punho. Já no fac-símile nº 17, ao centro da composição fotográfica, tem-se a presença da diretora da EEAN, Laís Netto dos Reys, ladeada por dois homens, provavelmente Carlos Luz, presidente da Caixa Econômica Federal à época e paraninfo da turma, e Aires Antunes Maciel, que foi homenageado, conforme descrito na reportagem da Revista da Cruz Vermelha Brasileira. Além disso, pode-se observar a heterogeneidade dos uniformes das voluntárias (algumas com véu outras com touca), assim como a presença do único homem formado neste curso na Caixa Econômica (quarta pessoa a contar da direita para a esquerda).

Digno de ressaltar aqui é o fato deste curso ter sido organizado por uma instituição que, a princípio, não mantinha relação direta com a área de Saúde, e também o fato de que um homem voluntário teria sido diplomado, o que contraria, de certa forma, a disposição simbólica construída em torno das divisões de tarefas entre homens e mulheres naquela época para a profissão de Enfermagem, ainda mais sendo um curso realizado em parceria com a EEAN, que não admitia a inclusão de homens como alunos desde a sua criação, em sua tentativa de adequação ao modelo nightingaleano.

Apesar do referido curso possuir a Escola Anna Nery como instituição parceira, o título da matéria na Revista da Cruz Vermelha Brasileira (julho de 1943) foi “A Caixa Econômica Federal do Rio de Janeiro leva a sua primeira contribuição às Legiões da CVB”. Há que se

mencionar que a Cruz Vermelha havia implantado o “Serviço Central de Socorros” em 1941, passando a denominar-se de “Comissão Central de Socorros” em 1942. Esta Comissão tinha como finalidade a organização do Serviço de Socorro de Guerra da Cruz Vermelha Brasileira em casos de calamidade e de guerra, o qual funcionou em coordenação com a Secretaria Geral do Órgão Central⁵⁰.

Este curso, que ocorreu na Caixa Econômica Federal (com o apoio da EAN), não foi o único curso intensivo de esforço de guerra a formar homens como socorristas ou enfermeiros-socorristas. A notícia registrada na data de 10 de junho de 1944, em A Noite (página 8), com o título “Novas Voluntárias Socorristas”, além de apresentar um número reduzido de formados (apenas 27) se comparado às outras turmas, também comunicou a presença de dois homens na lista nominal de formados nesta turma:

[...] É a seguinte a relação nominal das novas enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira: Alice Bandeira da Silva, Alice Teixeira dos Santos, Alexina de Lima, Celeste dos Santos, Carmelita do Santos, Dinah Telles da Conceição, Dinah da Conceição da Silva, Dinah de Mello, Elvira Soares Bastos, Eudoxia de Andrade Lima, Eunice Pacheco de Mello, Hilda Marzullo, Hormelia Elcone de Almeida, Ivete Bonfim dos Santos, Ivanir Rezendo, José Fernandes, Barcellos, Jurema Soares de Azevedo, Jurema Vieira da Rocha, Licéa Mathias, Maria Julia, Maria da Glória Vieira da Rocha, Maria dos Santos, Maria Siqueira Campos, Mercedes Pinheiro Guimarães, Orlando Pereira de Oliveira e Relina Marinho (A Noite, 10/06/1944, p.8, grifos nossos).

O “estranhamento” sobre a presença masculina faz nexos com a construção simbólica desenhada especialmente pela EAN (e às Escolas que a ela se equiparavam), cuja estrutura demarcava e reproduzia as divisões constitutivas da ordem social, e definia certos princípios de visão e de divisão do mundo social, segundo distinções redutíveis à oposição entre o masculino e o feminino. Por essa vertente, caberia aos homens, situados do lado exterior, do oficial, do público, do seco, do alto, realizar todos os atos ao mesmo tempo breves, perigosos e espetaculares; e, caberia às mulheres, ao contrário, estando elas situadas do lado de dentro, úmido, baixo, a realização de atos domésticos, ou seja, privados e escondidos, como o próprio cuidado. Notavelmente, a representação do cuidado envolvia uma razão mítica que lhe conformava uma aparência menor, mais caridosa do que necessariamente técnica, se considerarmos os reiterados discursos de lideranças dessas Escolas, quanto os publicados nos jornais aqui mencionados.

⁵⁰ Boletim do Órgão Central nº 24, de 1941; Boletim do Órgão Central nº 09, de 1942.

Outro aspecto a considerar é que o primeiro curso de esforço de guerra organizado para o preparo de socorristas voluntárias foi o de Socorro de Guerra da Cruz Vermelha, que aconteceu com a colaboração da EAN, devido à demanda apresentada por esta Escola. E, em 1940, a mesma implantou tal curso (denominado até 1942 de curso de Voluntárias⁵¹) com o caráter de extensão universitária, mantendo, assim, a colaboração com a CVB. A Cruz Vermelha, por sua vez, criou em 1942 o curso molde de Voluntárias Socorristas, com a mesma finalidade do curso de Socorro de Guerra, ainda mantendo a colaboração com a EAN, que a apoiou ao promover o curso de Voluntárias Socorristas no Serviço de Recenseamento e na Caixa Econômica Federal.

Com efeito, pode-se perceber a razoável quantidade de cursos organizados na Capital Federal, o que demonstra a preocupação com o bom preparo das alunas, a fim de tornar mais bem enquadrada a prática de Enfermagem em situações de guerra, mas também uma provável captação de pessoas interessadas em Enfermagem enquanto prática profissional; pois, um dos problemas experienciados naquela época era o precário número de enfermeiras formadas, agravado pelas poucas Escolas de Enfermagem existentes no país.

Em contrapartida, no âmbito dessa luta propriamente simbólica, um dos mecanismos de persuasão para a captação de mais alunas fora a divulgação dos cursos em alguns periódicos, como: Diário de Notícias, A Manhã, A Noite, Revista da Semana e Revista da Cruz Vermelha Brasileira. Dos cursos relacionados no quadro nº 2, os que foram divulgados nesses periódicos foram os de Socorros de Guerra, Voluntárias Socorristas, Voluntárias Hospitalares ou do Patronato da Gávea e Voluntárias da Defesa Passiva, ocorrendo uma maior divulgação dos dois primeiros.

Como antes exposto, o curso de Voluntárias de Socorro de Guerra foi criado inicialmente para atender as demandas de guerra e, por essa razão, modificou-se seu nome para que ficasse explicitado o caráter do curso (de esforço de guerra). Assim é que foi também organizada uma Associação de Voluntárias da Escola Anna Nery (AVAN).

A fim de tratar de assuntos referentes à cooperação com o esforço de guerra que vem prestando, a Associação de Voluntárias da Escola Ana Neri: realizará uma Assembleia Geral no próximo dia 30, às 18 horas, na sede provisória (Escola Ana Neri), à avenida Rui Barbosa 762, para a qual encarece a presença de todos os sócios e amigos, muitos dos quais tanto se distinguem na ajuda às Forças Expedicionárias, confeccionando trabalhos de utilidade para os soldados (Diário de Notícias, 29/11/1944, p.6).

⁵¹ Em 1946, o curso de Voluntárias de Socorro de Guerra volta a ser denominado apenas de curso de Voluntárias, sendo que o mesmo passa a ter duração de 18 meses, apresentando o mesmo caráter do curso de Samaritanas da Cruz Vermelha Brasileira.

Na matéria jornalística acima do Diário de Notícias foi abordada a cooperação da Associação de Voluntárias da EAN para com o esforço de guerra. Tal notícia teve cunho informativo, e também de evocação de pessoas (sócios e amigos) para a referida assembleia, no intuito de ajudar as Forças Armadas do país em sua participação na Segunda Guerra, o que serviu para anunciar publicamente (mais uma vez) o investimento das voluntárias da EAN em veicular sua adesão àquela causa. Os pontos de discussão pautados pela Assembleia Geral da Associação de Voluntárias da EAN demonstram claramente sua contribuição coletiva ao esforço de guerra, especialmente empenhado pelas Forças Armadas. Também, a promoção do evento evidencia cabalmente o investimento da Associação em produzir espaço para acumulação de capital de instituição, uma vez que esse capital “se adquire essencialmente por estratégias específicas” (BOURDIEU, 2004), como, por exemplo, a participação em reuniões de cunho social/político/acadêmico, em momentos propícios.

Ademais, em diversas cidades brasileiras, grande número de cursos passou a ser implantado, configurando o expressivo esforço da CVB, mas também das instituições que buscaram a sua parceria, o que era constantemente alvo de veiculação jornalística e repercussão social, tomando a mulher enfermeira como uma figura digna de mérito, honra e distinção, com “serventia” naquele contexto.

Acerca dessas instituições responsáveis, a tabela a seguir traz mais alguns dados destes cursos intensivos de esforço de guerra para voluntárias, ressaltando o número de cursos oferecidos por tais instituições:

Tabela nº 2: Instituições responsáveis dos cursos de esforço de guerra ministrados durante o período da Segunda Guerra Mundial na Capital Federal

INSTITUIÇÕES RESPONSÁVEIS	FI	FI%
EAN	05	45,45
Cruz Vermelha Brasileira	04	36,36
Instituto Social	01	9,09
Legião Brasileira de Assistência	01	9,09
Total	11	100

Localização: Subprojeto de pesquisa “Preparação das mulheres brasileiras para a conjuntura da Segunda Guerra Mundial: contribuição da Escola Anna Nery”.

Nesta tabela, dos 11 cursos que foram organizados é possível perceber certa liderança da Escola Anna Nery e da Cruz Vermelha Brasileira, como instituições responsáveis. Os outros dois cursos oferecidos tiveram como instituições responsáveis, o Instituto Social e Legião Brasileira de Assistência; e, mesmo assim, a EAN e a CVB apareceram como

instituições de apoio. Pela tabela, constata-se que a quantidade de parcerias para o preparo de voluntárias para guerra não partiu somente de instituições ligadas à profissão de Enfermagem. A tabela não incluiu a Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto e a Escola de Enfermagem Luiza de Marillac devido ao fato destas duas Escolas de Enfermagem oferecerem o curso, no caso o de Voluntárias Socorristas, como instituições parceiras da Cruz Vermelha, que era a instituição responsável de tal curso de esforço de guerra.

Apesar do número de cursos da EAN ter sido maior, a CVB também participou em alguns como instituição de apoio. Ou melhor, a Cruz Vermelha foi a instituição que, além de ter organizado um maior número de turmas através do Curso de Voluntárias Socorristas em várias instituições e em seus diversos postos, esta entidade norteou outras Escolas na criação dos cursos intensivos de esforço de guerra. Sem dúvida, para garantir a adesão, a instituição CVB buscava dotar o maior número possível de agentes com a mesma visão daquele contexto e do seu povir. Nesse “teatro”, os rituais, (in)conscientemente, dariam maior significado às ações e situações representadas pela imprensa.

4.2 OS RITUAIS DOS CURSOS ORGANIZADOS PELAS ESCOLAS DE ENFERMAGEM (RE)TRATADOS NA IMPRENSA ESCRITA

Como previamente dito, a imprensa escrita tornou notório o preparo de voluntárias e enfermeiras através dos cursos de Enfermagem de Guerra, principalmente quando, neste ínterim, era experienciada uma ditadura, na qual os meios de comunicação sofriam censura e eram utilizados para transmissão das ideias do governo à massa popular.

Durante esta ditadura, a realização de manifestações assim como de solenidades tinha como função essencial sugerir uma impressão de comunhão e unidade coletiva, de gerar estados de tensão emocional, através da propaganda. Por essa via, estes “espetáculos”, realizados com o comparecimento e comprometimento de grandes multidões permitiam anestesiar o senso crítico, e tornar mais permeáveis as mensagens emitidas aos receptores (GARCIA, 1982).

Diante disso, são destacadas nesta subseção algumas notícias que trataram de certos aspectos das solenidades relacionadas aos cursos, visto que era feito um grande e estratégico apelo, principalmente utilizando-se de símbolos e representações objetais, bem como da sistemática presença de autoridades, cujos discursos publicados na imprensa escrita serviam para realizar a propaganda não apenas dos cursos intensivos de esforço de guerra, mas também para reiterar as ocupações e possibilidades de homens e mulheres no espaço público,

assim como a essência feminina inerente à profissão de enfermeira, algumas vezes contraditória ou até mesmo duvidosa.

Estas solenidades (consideradas aqui como ritos ou rituais) podem ser entendidas, nas palavras da antropóloga Martine Segalen, como “um conjunto de atos formalizados, expressivos, portadores de uma dimensão simbólica”. Dessa forma, os rituais constituem uma organização de códigos, emblemas e comportamentos particulares que, devido às demandas estéticas que os envolvem, são produtores de efeitos simbólicos capazes de propiciar ao grupo a proclamação de uma identidade legítima de si, e conceder bens simbólicos aos agentes ou instituições de um determinado grupo (SEGALEN, 2002).

Outrossim, estas solenidades de formatura também podem ser consideradas como uma espécie de tradição inventada que, segundo o historiador Eric Hobsbawn em seu livro “A invenção das tradições”, é entendida como

um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou publicamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam a inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado (HOBSBAWN, 1997, p.9).

Destarte, aproximando da compreensão de que se trata esse fenômeno, a invenção das tradições na Enfermagem pode ser compreendida fundamentalmente como um processo de ritualização e formalização, relacionado ao passado, mesmo que unicamente pela imposição da repetição, uma vez que a “tradição inventada”, na medida do possível, adota a história como recurso legitimador das ações e cimento de coesão grupal (SANTOS, 2004).

Outrossim, os rituais consagram e instituem as diferenças, fazendo mover determinados grupos de um espaço a outro, como do público ao privado, do sagrado ao mundano, ou seja, sancionando ou santificando um estado de coisas, uma nova ordem estabelecida, visto que instituir é consagrar. Por esse motivo, os rituais têm o objetivo de fortalecer os laços sociais entre os indivíduos e o grupo em que estão inseridos, engendrando como efeito uma reafirmação identitária de um grupo social (SEGALEN, 2002).

Nesse sentido, centrou-se a discussão acerca das solenidades (ou ritos) que foram amplamente divulgados pela imprensa escrita, bem como no simbolismo envolto aos cursos de esforço de guerra, os efeitos de lugar e a presença de autoridades políticas e militares como paraninfos e homenageados.

O Dia da Enfermeira (21 de maio), por exemplo, foi uma data aproveitada para noticiar a solenidade dos cursos de esforço de guerra para formação de enfermeiras-socorristas. No

ano de 1942, a comemoração foi publicada nos três periódicos selecionados. No jornal *A Manhã* (página 2), com o título “Como foi comemorado nesta Capital o Dia da Enfermeira”; *A Noite* (páginas 1 e 2), com o título “Prontas para cumprir seu dever”; e no *Diário de Notícias* (páginas 3 e 4), com o título “O dia da Enfermeira”.

Em síntese, as notícias foram muito similares em sua abordagem nesses três jornais, revelando certa homogeneidade no conteúdo e reforçando um discurso apelativo. Contudo, o jornal *A Noite* deu mais destaque à fala do presidente da CVB, o qual fez destaque à abnegação e ao patriotismo da mulher ao fazer parte da Cruz Vermelha Brasileira no esforço de guerra. Em alusão, como manchete na capa do jornal *A Noite*, fez-se o seguinte chamamento:

Voluntárias de Cruz Vermelha!

A gloriosa efeméride que hoje aqui se soleniza, com a pompa e o entusiasmo que saem aureolar as grandes datas nacionais, é daquelas que, de âmbito íntimo e familiar em tempos normais, se transmudam, nos momentos históricos da nacionalidade, em grandes acontecimentos, erigidos que são em símbolos patrióticos a nortear o anseio dos filhos de uma pátria idolatrada (*A NOITE*, 21/05/42, p.2).

Tais discursos construídos, idealizados para produzirem imagens e representações positivas de um dado grupo, têm importância para a subsistência e existência desse mesmo grupo. Principalmente ao manifestarem valorizações de que precisam, com a finalidade de mostrar que sua existência serve para algo. Assim, neste trabalho simbólico, aqueles que se viam como detentores do poder de falar em nome do grupo, esforçavam-se para constituí-lo e consagrá-lo (BOURDIEU, 1996, p.51). Logo, é possível que estas voluntárias tenham mesmo alcançado alguma eficácia nisso, devido às inclinações favoráveis das partícipes e pelas disposições e interesses delas em se reconhecerem mutuamente nesse mesmo projeto de mobilização para a guerra, de defesa da Pátria.

Em outra notícia, desta vez do jornal *Diário de Notícias*, foi utilizada uma fotografia para ilustrar a comemoração do Dia da Enfermeira:

Fac-símile imagético nº18 – O Dia da Enfermeira



Localização: Jornal DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 21/05/1942, Ano XII, nº6002, página 03, sem autoria. Disponível em: hemerotecadigital.bn.br. Acesso em: 10/05/2014.

O fac-símile acima, que ilustra a comemoração do Dia da Enfermeira, apresentou como legenda “Aspecto da solenidade de ontem no Palácio Tiradentes”. Pela postura das formandas, pode-se observar que a fotografia foi tirada no momento do juramento; além disso, há uma bandeira que se assemelha à bandeira da EAN. Novamente pode-se perceber através dos uniformes certa heterogeneidade das alunas (algumas com véu e outras com touca), o que corrobora com a informação do registro noticioso, no qual expõe “Procedeu-se, em seguida, à entrega de certificados simbólicos e de braçais às diplomandas do Curso de Voluntárias Socorristas, organizado pela Cruz Vermelha Brasileira. Receberam também os certificados e braçais as enfermeiras da Escola D. Ana Neri...”.

Essas três notícias sobre o evento incluíram também uma mensagem das formandas para o presidente da República, nos seguintes termos:

Sr. Getulio Vargas.

As mulheres do Brasil, sabendo que nas grandes horas da vida da Pátria “não pode haver lugar para os tímidos e os descrentes”, vêm trazer ao chefe do Estado Nacional, a expressão da sua solidariedade e a afirmação de que estão prontas para cumprir seu dever (Em 21/05/42: A Manhã, p.02; A Noite, p.2; Diário de Notícias, p.3)

Nas notícias dos dias 24 e 25 de agosto de 1942, nos jornais A Noite (página 16) e A Manhã (página 7), respectivamente, foi descrita a formatura de quatro turmas de Voluntárias

Socorristas da Cruz Vermelha Brasileira em cooperação com a Associação Brasileira de Educação (ABE)⁵², no Teatro Municipal.

Com os títulos: “Enfermeiras, Reserva de Exército Nacional” (A Noite), e “Encerram-se hoje as cerimônias comemorativas da Semana de Caxias” (A Manhã), as notícias abordaram o toque de silêncio em memória dos desaparecidos e mortos nos navios torpedeados no litoral do país, a participação do paraninfo, major Arthur Alcântara⁵³, e ainda informou sobre a instalação da Associação Brasileira de Samaritanismo⁵⁴, bem como a ideia da obrigação da CVB em secundar os serviços de uma mobilização total. Nas duas reportagens, foi utilizada a mesma foto apresentada abaixo (**fac-símile nº 19**):

Fac-símile imagético nº19 – Entrega de diplomas



Flagrante da entrega dos diplomas

⁵² Fundada em 1924, a Associação Brasileira de Educação (ABE) realizou intensos debates relativos ao campo da Educação, configurando-se como um importante lugar político e social, com a capacidade de produzir prescrições e referências relacionadas aos mais variados assuntos sobre a escola, e os outros espaços e tempos considerados potencialmente educativos. Entre os anos de 1927 e 1934, ocorreram conferências nacionais realizadas pela ABE, que tiveram como tema principal a Educação Física, usando o *slogan* “Pátria forte quer filhos fortes”. Tal situação expressava a dificuldade encontrada pela ABE para agregar educadores em um momento de grande “tensionamento” institucional e político. Assim, o Estado Novo conferia o estatuto de causa nacional à Educação Física (LINHALES, 2009).

⁵³ Médico e diretor da Escola da Cruz Vermelha Brasileira, major do Exército (jornal A NOITE, 5/12/1940, Ano XXX, nº 10.352, página 09).

⁵⁴ A Associação Brasileira de Samaritanismo foi criada durante a Segunda Guerra, em 1942, uma espécie de Departamento Pessoal da CVB, que tinha como função de coordenar no país o esforço feminino na paz e na guerra (jornal O Imparcial, 31/07/1942, página 03; Diário Carioca, 25/08/1942, página 04). E através deste departamento eram convocadas mulheres nos postos instalados para alistamentos para serviços à pátria, os quais não referiam-se apenas à enfermagem. E este chamamento era constante em notas no jornal Diário de Notícias (jornal Diário de Notícias, 26/08/1942, página 03).

Localização: jornal A NOITE, 24/08/1942, Ano XXXII, nº 10969, página 16; jornal A MANHÃ, 25/08/1942, Ano I, nº 321, página 07. Disponíveis em: hemerotecadigital.bn.br. Acesso em: 11/11/2014.

Sobre a Associação Brasileira de Educação, sabe-se que “foi a caixa de ressonância dos ideais de construção nacional, irradiados, desde os anos 1920, pelas elites intelectuais e políticas do Distrito Federal para outras regiões dos país” (SANTOS; FARIA, 2010, p.24), o que conferia, com a colaboração desta instituição nos cursos, possibilidade de acúmulo de capital social para a Cruz Vermelha Brasileira, de certo modo.

A notícia, reportada no dia 25 de agosto de 1942 no jornal A Manhã, fora também reportada no dia anterior no jornal A Noite, em que se utilizou a mesma fotografia (fac-símile jornalístico nº 10), a qual mostra a entrega de um certificado simbólico a uma aluna. Apesar de ter sido utilizada a mesma fotografia, estas tiveram as legendas diferentes. Enquanto na notícia do dia 24/08/1942 apresentou como legenda “Flagrante da entrega dos diplomas”, a do dia 25/08/1942 apresentou “Flagrante colhido no Teatro Municipal, quando o coronel Paes Leme, comandante do 1º B.C., entregava a senhorita Marina Goulart Xavier o certificado de Voluntária Socorrista da Cruz Vermelha Brasileira”.

Com efeito, a entrega de diplomas em um ritual institucional (concebido aqui como um "ritual de consagração") permitia àquelas voluntárias que elas capitalizassem alguns lucros simbólicos concernentes à sua participação nos cursos intensivos de Enfermagem de Guerra,

uma vez que os rituais institucionais têm efeito de consignação estatutária, os quais demarcam não apenas a passagem de um estado a outro, mas determinam a incorporação de um *habitus* consoante com as expectativas sociais ligadas àquela categoria, pois aquele que é instituído sente-se obrigado a estar de acordo com aquilo que dele se espera, à altura de sua função (OLIVEIRA; SANTOS, 2010).

A respeito disto, vale destacar que o verdadeiro milagre gerado pelos atos de instituição (consagração) situa-se no fato de que eles conseguem fazer crer aos indivíduos consagrados que eles possuem uma justificação para existir, ou melhor, que sua existência presta para algo (BOURDIEU, 1998).

Ademais, as interpretações que podem ser feitas dessas imagens visuais ou mentais nos levam a construção de várias ideias, sejam elas ideias próprias e únicas, ou coletivas e manipuladoras. Ora, cada ser humano tem o direito de imaginar um objeto ou uma situação de acordo com seu ponto de vista, transformando sua interpretação em algo exclusivo, sendo receptor ativo da mensagem transmitida. Por outro lado, também pode ocorrer de imagens induzirem algumas interpretações (imagens manipuladoras). Nesse caso, a imagem

(combinada com a legenda) é recebida devidamente interpretada, pronta, de modo a indicar a direção em que se deve pensar, transformando o receptor da mensagem num receptor passivo (NASCIMENTO; SANTOS; LIMA, 2013, p. 34-5).

No jornal A Manhã, no dia 30 de agosto de 1942, outra matéria foi publicada, na primeira página (e com continuação na página 2), com o título “Fiéis ao grande exemplo de Ana Neri - A festividade de ontem na Escola Ana Neri”. O registro noticioso foi destacado em espaço privilegiado (na capa), o que denota a ideia de que o preparo de mulheres para a guerra era algo de interesse social mesmo. Por certo, as capas, além de cumprir um papel hegemônico na construção da visualidade dos jornais, também refletem e mostram condensadamente o todo, como também a tipografia, de forma a tentar atrair o leitor e fazer com que ele escolha determinado jornal a outro (SILVA, 2008).

A notícia conferiu destaque ao ritual. Além disso, outro aspecto deste registro é que a notícia ganhou destaque pelo tamanho da página em relação ao tamanho das letras que compuseram o título da matéria, configurando-se como um formato utilizado para dar ênfase especial à notícia, que já se encontrava na capa. O próprio título “Fiéis ao grande exemplo de Ana Neri” reporta a missão daquelas voluntárias aos apelos de guerra, quando recupera o exemplo daquela personagem construída no contexto da Guerra do Paraguai. Outrossim, apresenta como outra estratégia o uso da fotografia:

Fac-símile imagético nº 20- Fiéis o grande exemplo de Ana Neri

Fiéis ao grande exemplo de Ana Neri



Localização: Jornal A MANHÃ, 30/08/1942, Ano II, n.362, página 01, sem autoria. Disponível em: hemerotecadigital.bn.br. Acesso em: 04/05/2014.

O fac-símile acima, da notícia do dia 30/08/1942 publicada no jornal A Manhã, mostra parte das alunas presentes na solenidade de entrega de certificados às voluntárias do curso de Socorro de Guerra da EAN. A imagem mostra utilização do véu por estas mulheres voluntárias, apesar da notícia informar que era um conjunto de “touca simbólica”.

Posto isto, um dado grupo (e aqui se destacamos membros das Escolas de Enfermagem da Capital Federal) tende a se dotar dos meios que lhes permitam perpetuar-se para além da finitude dos agentes individuais em que ele se encarna. Para isso, instala-se um verdadeiro aparato de mecanismos, tais como a simbolização e a representação. Assim, os jornais, para além de serem veículos de cunho sociocultural, também conferiam alguma legitimação por tornar público o reconhecimento social destas instituições.

Sobre o conteúdo, mais uma vez trata-se de um registro sobre o curso de Socorros de Guerra, que trouxe exatamente aspectos sobre a solenidade de entrega de certificados de conclusão de curso às 80 voluntárias. E, apesar de não haver um autor explicitado da matéria, é aparente a sua posição em relação ao “valor” daquela situação, como se fez constar no fim da notícia.

Ainda, cabe ressaltar que aquele rito institucional, ocorrido no espaço físico daquela que era considerada a escola oficial padrão do país à época (EAN), tende a gerar o que Bourdieu (2004, p.38) denomina de efeito de lugar, que pode ser explicado como uma técnica de objetivação bastante poderosa, com a condição que se saiba ler a relação construída entre a estrutura do sistema das posições constitutivas do espaço de um campo e a estrutura social. Por essa via, o efeito de lugar pode ser considerado um dos elementos simbólicos para garantir poder e prestígio tanto aos agentes sociais (pelo sentimento de pertença), quanto àquela Escola.

Comportando-se como apoio à linguagem escrita, a fotografia que acompanhou a reportagem teve o valor de dar efetividade à comunicação ressaltada, comunicando, inclusive, os sentimentos das coisas que se desejou explorar (LEITE, 1993). Assim, a pressuposição de que “Ana Neri” seria o exemplo a ser seguido com fidelidade, anuncia a herança cultural daquelas formadas, consagrando sua identidade social e contribuindo para a reprodução de uma moral que visasse à transmissão de valores, virtudes e competências.

Outra formatura realizada em 1º de dezembro de 1942 foi noticiada nos três jornais (A Manhã, A Noite, Diário de Notícias), a qual obteve grande destaque na primeira página do jornal A Noite, de 2 dezembro de 1942, com o seguinte título “Serão chamadas pelo rufar dos tambores e pelo toque dos clarins”. Neste jornal, deu-se enorme destaque para as autoridades presentes, principalmente para o paraninfo da turma, o ministro da Guerra (aliado político de Getúlio Vargas), general Eurico Gaspar Dutra. Seu discurso foi publicado na íntegra no jornal A Noite, assim como na Revista da Cruz Vermelha de julho de 1943 (páginas 6 e 7) que, como dito antes, publicava acontecimentos do ano anterior, geralmente. Do discurso, destacou-se o seguinte trecho, pelo motivo desta parte ter sido direcionada especificamente às socorristas:

Senhoras socorristas – O vosso gesto de extremada gentileza convidando-me a paraninfar a solenidade de vossa formatura, em traduzindo um sentimento de fidalguia e apreço, encerra um sentido mais amplo e uma significação mais profunda – rendeis homenagem ao próprio Exército Brasileiro. Há muito de simbolismo e muito de compreensão nessa atitude. Reserva que sois das Forças Armadas, coadjuvantes imediatas dos serviços de Saúde e Pronto Socorro, procurastes as mãos amigas de vossos futuros chefes, para receber a consagração na carreira a que vos conduziu o amor ao Brasil e à sua gente.

[...] Não é apenas o socorro material que suaviza o sofrimento. Não é apenas a presteza do auxílio que ameniza a dor. Não é apenas a medicação que afasta e domina o mal. Há muito mais ainda. Há o conforto moral de vossa presença, o amparo, algo que fala à nossa sensibilidade e muito que diz ao nosso coração. Esta é a vossa grande e inigualável força, a vossa secreta e misteriosa providência, a vossa maior e melhor contribuição. Nós vos compreendemos, pois, senhoras socorristas, e ao penetrardes nas fileiras

dos que devem partir lutando pela sobrevivência da Pátria, estendemos as nossas mãos calejadas no manejo das armas que destroem, para apertar as vossas, que apenas conhecem as armas da bondade, da doçura e da mansidão [...] (A NOITE, 02/12/1942, p.1 e 6; Revista da Cruz Vermelha, julho 1943, p.6-7).

Pode-se perceber no emblemático discurso do ministro da Guerra o que Bourdieu (1998) chamou de “garantia de delegação”; isto é, sua fala é legitimada a partir do momento em que assume afinidade com o discurso estatal. E, por meio do “poder delegado” (BOURDIEU, 1998, p.85), sua narração assume caráter testemunhal, dentre tantos outros que se articula aos ideias do Estado (SCHURSTER, 2010, p. 459).

Sobre este ritual, a Revista da Cruz Vermelha publicou em 1943 apenas o discurso do ministro, acompanhada da foto dele e das alunas formandas, como mostra o **fac-símile nº 21**:

Fac-símile imagético nº 21 – Ministro da Guerra entregando certificados



Localização: Jornal DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 02/12/1942, AnoXIII, nº6168,página 3. Disponível em: hemerotecadigital.bn.br. Acesso em: 11/11/2014.

No fac-símile imagético da notícia do dia 02 de dezembro de 1942, do periódico Diário de Notícia, constou a seguinte legenda: “Dois flagrantes da solenidade, vendo-se o ministro da Guerra fazendo entrega do diploma a uma samaritana e parte das jovens que concluíram o curso”. Apesar da legenda ser autoexplicativa, pode-se observar a presença do ministro na

foto acima e o aglomerado de voluntárias; além disso, grande parte dessas voluntárias utilizam a touca na composição de seu uniforme.

A presença das autoridades no texto imagético é ratificada com seus nomes ou seus títulos na legenda, constituindo um dos aspectos necessários à legitimação do ritual, visto que evidencia o poder às autoridades presentes, sendo políticos, militares, religiosos ou representantes leigos reconhecidos de poder relativo ao rito. Nessa óptica, captou-se que o rito transmitiu por meio de imagens veiculadas nas páginas dos periódicos, o efeito de rito de passagem (SEGALEN, 2002, p.161).

Destarte, as autoridades masculinas presentes nas solenidades nos remete à ideia de que “a ordem social funciona como uma máquina simbólica que ratifica a dominação masculina” (BOURDIEU, 2003, p. 18), pois os ritos institucionais “tendem a integrar as oposições propriamente sociais, como por exemplo entre o masculino e o feminino, o que representa uma maneira bastante eficaz de naturalizá-las” (BOURDIEU, 1998, p.98).

Já no jornal que fazia oposição ao Governo Vargas, Diário de Notícias, foi feita a divulgação da solenidade com o título “Diplomadas 420 novas socorristas da Cruz Vermelha Brasileira”, no mesmo dia da notícia anterior (02/12/1942). A descrição da cerimônia e da presença de autoridades foi descrita de modo similar. Contudo, não foi publicado o discurso do paraninfo, ministro da Guerra. O que bem se mostrou foi uma fotografia (fac-símile nº 22), que mostrava mulheres em marcha como “soldados da Cruz Vermelha Brasileira”, conferindo visibilidade tanto para as diplomadas socorristas quanto para a instituição na qual funciona o referido curso, no caso, a CVB.

Fac-símile imagético nº 22 – Soldados da Cruz Vermelha Brasileira



Localização: Revista da Cruz Vermelha Brasileira, julho de 1943, página 7.

Para esta fotografia, incluiu-se a legenda “Enfermeiras e samaritanas socorristas em desfile, em dia de festa nacional”. A foto comunica a adesão de enfermeiras às estratégias do regime (de inspiração nazifascista) do Estado Novo, colocando-as em forma e em marcha, chamando-as de “soldados”, e representando-as como afeitas às causas do governo. Por certo, tais festas

legitimam o governo, dão-lhe sustentação e divulgam a coesão social. Mas, elas também divulgam determinado modelo de sociedade cultivado por elas, expõem ideias e valores que, espera-se, sejam abraçados pela população. (...) As cerimônias e os eventos elaborados no mundo de ditaduras buscavam provocar, nas consciências do seu público ouvinte, “o sentido da força e da fé do movimento”, pois “a liturgia foi desde o início um aspecto fundamental da política de massa fascista” (SOUSA NETO, 2010, p.421,423).

No periódico *A Manhã* foi publicada, três dias depois (em 5 de dezembro de 1942), matéria com título “As enfermeiras socorristas” (página 04), onde foi incluso, logo no começo da notícia, um trecho do discurso do paraninfo Eurico Gaspar Dutra. Foi dado destaque ao ministro e ao seu discurso, tratando pouco da cerimonia em si. A abordagem algo apelativa, de exaltação nacionalista, é destaca no seguinte trecho:

A população civil segue com emoção o espetáculo de devotamento que representa essa multiplicação de socorristas. Mais forte e naturalmente mais intenso é o sentimento que experimenta o soldado em face da voluntária mobilização da mulher para socorrê-lo no campo de batalha.

Foram as diversas gamas desse sentimento que, como militar e homem de Estado, o ministro da Guerra reuniu na sua oração do Teatro Municipal, e que tão bem significam a gratidão do combatente à generosa reserva feminina que o acompanha às linhas de fogo (A Manhã, 05/12/42, p.04).

Ao que parece, a Revista da Cruz Vermelha Brasileira buscou conferir mais importância e ênfase à fala do Ministro do que propriamente ao acontecimento em si. Talvez, isso possa ser entendido pelo efeito da dominação do homem sobre a mulher que, nas palavras de Bourdieu, são as “divisões objetivadas que se estabelecem entre as posições sociais (e seus ocupantes, preferencialmente femininos e masculinos: enfermeiras/médicos, patrões/intelectuais; “soldados”/gerais etc.)” (BOURDIEU, 2003, p.125). Aliás, a imagem do paraninfo emprestou distinção àquele evento, que consagrava mulheres (antes, com ocupações privadas) em “outras” mulheres (agora, com ocupações públicas e deveres a cumprir).

Ainda no mesmo mês, exatamente no dia 9 de dezembro de 1942, aconteceu outra formatura. Publicada no jornal A Manhã com o título “Cruz Vermelha Brasileira” (página 7), a matéria registrou a solenidade de diplomação de enfermeiras-socorristas, que concluíram o curso na Associação de Educação, na Associação Cristã de Moços e na Associação Cristã Feminina.

O que chama a atenção neste registro foi a escolha da primeira dama à época, Darcy Vargas, para ser a paraninfa da turma. Até onde se conseguiu avançar na busca de fontes para este estudo, Darcy Vargas foi a única mulher a paraninfar uma turma desses cursos de esforço de guerra. Para além da sua posição de esposa do presidente da República, o que lhe conferia posição social destacada, sua indicação talvez seja justificada pelo histórico seu de engajamento no esforço de guerra ao criar a Legião Brasileira de Assistência, entidade que organizou outros cursos, como o de Samaritanas Socorristas.

Contudo e *a priori*, coube a Darcy Vargas utilizar de sua posição de primeira-dama e de sua figura honrada de mulher pública, mesmo porque “o campo da política, sobretudo, é uma reserva de caça masculina”, onde não se convém (a princípio) uma mulher se meter (PERROT, 2005, p.375). A propósito, a família tem inclinação a funcionar como um espaço em que se constituem as competências julgadas necessárias em determinado momento, ou seja, como um mercado que, por suas determinações negativas ou positivas, controla o desempenho, desestimulando o que não é “aceitável”, ou fortalecendo o que é, votando ao desfalecimento gradual as disposições desprovidas de valor (BOURDIEU, 2007a). Ou seja,

Darcy Vargas, apesar de utilizar de sua posição privilegiada de primeira-dama, estava também cumprindo o papel de unidade familiar, da família Vargas.

Fac-símile imagético nº23– Foto das formandas com Darcy Vargas e Maria Isolina Pinheiro



Localização: Jornal A MANHÃ; 09/12/1942, Ano II, nº411, página 07, sem autoria. Disponível em: hemerotecadigital.bn.br. Acesso em: 15/11/2014.

Na imagem acima, veiculada pelo jornal A Manhã no dia 09 de dezembro de 1942, pode-se observar, além das enfermeiras socorristas concluintes, apresentando na composição de seus uniformes a touca e o símbolo da cruz (vermelha) na altura do tórax, tem-se ao centro, no primeiro plano, duas mulheres sem o uniforme: a primeira dama Darcy Vargas (à esquerda) e Maria Isolina Pinheiro (à direita)⁵⁵, também homenageada neste evento. Na imagem, chama a atenção o uso da cruz no uniforme das concludentes do curso, uma das marcas simbólicas estéticas que foram apropriadas pela Enfermagem. O símbolo da cruz e sua representação visual (seja em uniformes, bandeiras, lonas de hospitais), de marcante e emblemática evidência, demarca a institucionalização da Cruz Vermelha, (inter)nacionalmente. Ao longo do tempo (e especialmente durante a Segunda Guerra), muitas instituições foram apropriando o símbolo aos seus uniformes, como as próprias Forças

⁵⁵ Produziu diversos trabalhos sobre Serviço Social. Ela era educadora e militou no Movimento Escola Nova pela democratização do ensino, defendendo, no movimento, o Ensino de Serviço Social. Fundou em 1944 a Escola Técnica de Serviço Social Cecy Dodsworth (GERBER, 2009). Atuou também na CVB, e produziu o livro “Samaritanismo: objetivos e atividades da Cruz Vermelha”, de 1942.

Armadas brasileiras, além de hospitais e Escolas de Enfermagem (BARBOSA; PORTO, 2006; OLIVEIRA, 2010).

Na busca de reproduzir movimento similar ao da CVB, a EAN apoiou outras instituições; assim, fiscalizou o curso ocorrido no Patronato Operário da Gávea. Isto é abordado na notícia publicada no jornal Diário de Notícias do dia 16 de dezembro de 1942, que foi assim intitulada “Uma festa no Patronato Operário da Gávea” (página 6).

Fac-símile imagético nº 24- Uma festa no Patronato Operário da Gávea



Localização: Jornal DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 16/12/1942, Ano XII, n. 6.180, página 6, sem autoria. Disponível em: hemerotecadigital.bn.br. Acesso em: 05/05/2014.

O fac-símile se refere a uma festa ocorrida em razão da conclusão do Curso de Enfermeiras Voluntárias Hospitalares do Patronato da Gávea, que teve a fiscalização da EAN. Nesta matéria está descrita a lista nominal das formandas. Apesar do Patronato não pertencer à Universidade do Brasil, fez-se presente o reitor desta instituição à época, Raul Leitão da Cunha. No fac-símile pode-se observar a presença de três homens sentados, nos quais um destes era o referido Reitor (ao centro). Também é notada uma mulher com trajés diferentes dos uniformes, possivelmente seria a diretora da EEAN, Laís Netto dos Reys, ao lado do Reitor.

O autor desta matéria, assim como das outras tratadas neste estudo, também não foi identificado. Apesar disso, é reiterada e notável a apropriação por eles do “espírito” do jornal. Nesta notícia, logo em seu primeiro parágrafo, é constatada a impressão e posição do periódico em relação ao evento registrado, quando busca tocar nas qualidades patrióticas e de

generosidade daquelas enfermeiras, as quais os leitores também precisavam reproduzir: “Uma festa interessantemente expressiva, pelo seu sentido simultaneamente humano, generoso e patriótico...”.

Ademais, pela representação da matéria veiculada, a presença em espaço público de enfermeiras, para inclusive arrecadar fundos para aquela instituição, e para participarem das demandas de guerra ao lado das Forças Armadas, pode ser entendida como uma das formas da economia das trocas simbólicas.

Sobre a imagem que acompanhou a notícia, trata-se de ilustração de uma espécie de rito institucional, o qual, na óptica de Bourdieu (2006) e em complemento as considerações já tecidas a este respeito, tem a função de imposição, por meio de competência técnica e social, sendo um ato de magia social. Nesse sentido, a enfermeira voluntária hospitalar, ao receber o certificado das mãos do reitor da Universidade do Brasil, tinha garantida a autorização formal para atuar em situação de guerra, o que dava certa legitimidade à sua competência, traduzindo-se esta situação em eficácia simbólica de transmissão autorizada, que, inclusive, apropria o trabalho feminino em cenário de guerra, *a priori*, masculino (BOURDIEU, 2006). Tal adendo é preciso ser considerado, visto que o Patronato da Gávea⁵⁶ não pertencia a esta Universidade, e não se constituía em instituição de cunho educativo.

Em 10 de fevereiro de 1943, a solenidade no Departamento Nacional de Café foi registrada no Diário de Notícias (página 03), com o título “Curso de Enfermeiras Socorristas do DNC”. Maior destaque se deu sobre o discurso do paraninfo Jaime Fernandes Guedes, presidente do Departamento Nacional de Café, que felicitou as formandas e comentou sobre a história da Cruz Vermelha Internacional, do qual se destacou o recorte abaixo:

A mulher brasileira, por sua vez, tem dado, em todos os tempos e em todas as oportunidades, as mais sobejas provas de coragem, dedicação, pertinácia, bondade e patriotismo, ainda agora, fiel à sua tradição, ela acorre aos postos da Cruz Vermelha e da Defesa Passiva, no patriótico afã de trazer a sua contribuição pessoal, como senão bastante dar à Pátria um tesouro de incomensurável valor: os filhos, os maridos, os irmãos e os noivos (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 10/02/1942, p.03).

No dia 3 de março de 1943, no jornal A Noite, com o título “A solenidade de hoje no Teatro Municipal” (página 07), foi noticiada a solenidade que iria acontecer ainda naquele dia. Por apresentar uma solenidade que aconteceria no fim da noite deste dia, teve o tamanho

⁵⁶ O Patronato Operário da Gávea foi fundado em 1929, com o objetivo de prestar assistência social às comunidades carentes (http://patronatoog.blogspot.com.br/p/historico_22.html).

reduzido, se comparada às outras aqui analisadas. Entretanto, foi conferido destaque para o paraninfo da turma, o presidente Getúlio Vargas.

No dia seguinte, 4 de março de 1943, registrou-se a mesma solenidade, na página 4 do Diário de Notícias, cujo título foi “Voluntárias Socorristas da C.V.B.”. A notícia informou a participação do expressivo número de 1.280 formandas, além da presença de várias autoridades, inclusive o representante do Presidente da República, sem mencionar quem seria o paraninfo e seu discurso. A reportagem finaliza com a menção de diversas entidades particulares e “oficiais”, que organizaram o curso de Voluntárias Socorristas com o patrocínio da CVB, dentre estas a Escola Luiza de Marillac.

Indubitavelmente, a participação do representante do presidente da República na solenidade também tinha o efeito de aprovar coletivamente suas elaborações e ideias. Na busca pela unidade nacional, instituições como a CVB atuavam como mediadoras entre dirigentes do Estado e a população, produzindo e divulgando ideias favoráveis ao governo de Vargas e às suas políticas e até mesmo à sua pessoa. Tal prática deveria produzir adesão e consenso. No governo do Estado Novo, a ideologia política reeditou práticas autoritárias já conhecidas e tradicionais e ao mesmo tempo inaugurou outras mais modernas, no âmbito das quais a propaganda e a educação assumiram lugar de destaque (OLIVEIRA, 1982).

Já em maio de 1943, na Revista da Cruz Vermelha Brasileira, o dia da enfermeira foi noticiado em maio de 1944 (como dito, a Revista da CVB noticiava fatos do ano anterior), com a relação das formandas, em que se fez inclusa a seguinte foto (página 5):

Fac-símile imagético nº 25 – Nova Turma de Enfermeiras Socorristas no Dia da Enfermeira



Localização: REVISTA DA CRUZ VERMELHA, maio de 1944, p.5.

No fac-símile se tem duas imagens justapostas com a legenda “Nova turma de enfermeiras socorristas”. Na primeira imagem, pode-se observar a presença de samaritanas e socorristas da CVB já formadas (sentadas à frente e com traje de gala ou com uniformes militares do Exército ou da Defesa Passiva), e as que estavam a se formar na presente solenidade (posicionadas nas escadas com o uniforme branco e touca). Na outra imagem está registrada a solenidade, onde se vê uma aluna cumprimentando um membro da mesa composta por autoridades, e recebendo o certificado simbólico.

Outra notícia que retratou o curso de Voluntárias Socorristas em outras instituições (com a permissão da CVB) foi a registrada no jornal Diário de Notícias, no dia 12 de setembro de 1943, com o título “O encerramento do Curso de Socorristas do Ministério da

Justiça” (página 3), na qual é descrita a cerimônia de formatura, com a presença de autoridades. Também apresentou o uso da imagem como recurso, conforme consta no fac-símile nº 26.

Fac-símile imagético nº26 – Curso de Voluntárias Socorristas do Ministério da Justiça



Localização: Jornal DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 12/09/1943, número 6407, AnoXIV, página 03. Disponível em: hemerotecadigital.bn.br. Acesso em: 13/11/2014

No jornal Diário de Notícias, de caráter oposicionista ao governo, não houve a transcrição nesta notícia do discurso do paraninfo, ministro da Justiça Marcondes Filho, como ocorreu na notícia deste mesmo dia, 12 de setembro de 1943, no jornal A Noite (página 4), com o título “O encerramento do Curso das Socorristas do Ministério da Justiça”. Na imagem acima, tem-se voluntárias socorristas prestando o juramento, como indicado pela legenda. O discurso do Ministro foi publicado no Jornal A Noite, em uma grande porção do corpo dessa matéria jornalística. Do discurso, está recortado o seguinte trecho:

O vosso curso encaminha para o esforço de guerra do Brasil as imensas reservas, morais e cívicas, a consciência dos valores, as saudáveis inspirações domésticas, o senso do equilíbrio, de ponderação, a coragem das abnegações, o sentimento elementar da ordem, a instintiva e material capacidade de dedicação que constituem os sublimes atributos da própria vocação da mulher brasileira.

[...] É com esses títulos, que hoje vos reunis, para sagração desta cerimônia cívica. Com essa intuição feminina, que se torna mais sábia na hora do perigo, a mulher brasileira já não se conforma em repetir neste

instante dramático do mundo, os heroísmos ascéticos dos sacrifícios sofridos como mãe, esposa, irmã ou filha. Inspirando-se no modelo das gloriosas mulheres, que em todas as frentes dessa guerra total, desencadeada pela barbárie contra as bases mesmas da sociedade cristã, estão combatendo ativamente pela restauração dos valores ameaçados, compreendem que o Brasil necessita de seus desvelos e da sua coragem, como elementos positivos de salvação e de luta, e já não se contentam em oferecer no honroso holocausto dos entes queridos, as mais íntimas células de si mesmas. Por isso, transformam-se em guardiãs da cidade, adestram-se nos manejos dos engenhos defensivos, instruem-se nas organizações da defesa, alistando-se na branca legião das enfermeiras e das socorristas. [...] (A NOITE, 12/09/43, p.04).

Deste trecho, o paraninfo reproduz imaginários do trabalho das enfermeiras de guerra, revestido de características femininas/feminilizadas, o que reforça a condição particular às enfermeiras mulheres. Assim, ao que se pressupõe, “essas são representações do imaginário privado reproduzidas na palavra pública, que alimentam mesmo a dominação masculina” (OLIVEIRA, 2010). O discurso também transloca a mulher guardiã do lar para a enfermeira socorrista guardiã da cidade, remetendo à incorporação e preparo de mulheres para a constituição do *front* interno.

Outra notícia, registrada no jornal A Noite em 20 de outubro de 1943 (página 2), e intitulada “Novas voluntárias socorristas da Cruz Vermelha”, descreveu a solenidade conferindo grande pompa ao paraninfo Salgado Filho, ministro à época da recém-criada Força Aérea Brasileira. Eis um trecho:

Desejaria trazer-vos, com a expressão do meu reconhecimento pela honraria que me conferistes, algo que pudesse expressar bem o que sinto, o que penso, o que julgo do vosso nobre encargo, infelizmente, orem, os afazeres que restringem a minha liberdade de ação me impossibilitam de dizer quanto eu vos quereria dizer, para demonstrar a sublimidade do vosso gesto, trocando a comodidade dos vossos lares, o aconchego das vossas famílias, enfim, tudo aquilo que vos traz na vida o sossego e o conforto, para vos dedicardes com carinho e com afeição, ao mister de levar o vosso socorro àqueles que sofrem, que padecem.

Não encontro na vida nada mais nobre que o amor ao próximo. Deixastes a vossa tranquilidade para mitigar a dor dos feridos, que precisam de vosso carinho. Porque o médico que vai socorrer um doente, por mais nobre seja sua profissão, ou por mais sábio que ele seja, não poderá transmitir ao que sofre o que vós outras, mulheres, podeis fazê-lo, com o vosso desvelo, a palavra de conforto, o olhar suave e carinhoso, mitigando o padecimento com a palavra consoladora. A mulher tem, nos seus encargos, tudo aquilo que faz a vida feliz. Ela é que educa e suaviza. Sem a mulher, que seria a vida? Uma sucessão de agruras, padecimento, ausência de idealismo, porque é ela que, tudo nos traz esta peregrinação pela terra. Se não fosse a esperança do dia de amanhã, com ela ao nosso lado, sofrendo ou sorrindo, que seria de nossa existência? [...] (A NOITE, 20/10/43, p.02).

A nomeação de ministros, presidentes das entidades que ofereceram os cursos, e da primeira dama da República como paraninfos das voluntárias desses cursos possibilitou que estas viessem a capitalizar alguns lucros simbólicos. Por certo, o prestígio dos agentes depende do seu capital simbólico, isto é, do reconhecimento, institucionalizado ou não, que recebem de um grupo ou de um porta voz autorizado, para falar em nome desse grupo.

A imagem da enfermeira, ao ser veiculada em jornais de razoável circulação na Capital Federal, pode ter promovido a reprodução da crença simbólica nas instituições que representava, quando apropriou, para isso, a destacada presença de homens influentes, que acumulavam determinados cargos de autoridade e poder. Ou seja, com a aquiescência dos mesmos, a figura feminina teve o seu respaldo naquelas destacadas ocasiões de celebração. Tal situação algo se coaduna com o que Porto (2007, p.146-7) refere, ao tratar da dominação masculina no processo de profissionalização da Enfermagem:

Considero que, em diversos momentos, os ritos institucionais, com suas representações objetais, foram repletos da presença ou da inspiração de situações masculinas. Por outro lado, as enfermeiras souberam capitalizar, nesta dominação, os ganhos simbólicos no campo da Saúde, conquistando, aos poucos, prestígio e poder para o espaço social da profissão.

A mediação pela imposição aos sentidos da imagem de realidade, aprisionada pelo domínio do campo da representação e do imaginário produzido, mediante o emprego de estratégias discursivas (persuasivas, informativas e na forma de entretenimento), legitima o poder nesta esfera. Enfim, por todos os que se posicionam como emissores de mensagens (reis, ditadores, chefes, diretores, generais e líderes), porta-vozes autorizados a falarem em nome da ordem, gozam, por sua vez, da legitimidade do coletivo, e o fazem pela manipulação dos discursos, das imagens validadas socialmente, e pelas operações semióticas de justaposição de valores a signos e símbolos. Disso, um exemplo bom foi o caso do presidente Getúlio Vargas e o regime do seu Estado Novo.

Em relação aos discursos, estes não se expressam simplesmente ao serem compreendidos, absorvidos, visto que são também signos de riqueza de autoridade, mas também estão destinados a serem acreditados, apreciados, avaliados e obedecidos. A legitimidade do poder de fazer-criar é conferida aos falantes e pelos que escutam, e não por manifestação de apenas palavras em si.

Assim, as voluntárias formadas pelas Escolas de Enfermagem da Capital Federal, ao tempo que serviram de emblema para a reprodução da crença simbólica das instituições, que se envolveram no esforço de guerra, como representantes da ideia motriz da Pátria-Mãe,

também contribuíram para o reconhecimento dessas Escolas, no sentido de fazer enxergar a credibilidade e manutenção de ideais depositados pela sociedade, com sua função de mediadora de interesses privados, públicos e institucionais.

Em síntese, notícias como as veiculadas na imprensa faziam aumentar a crença simbólica das Escolas de Enfermagem, especialmente da Cruz Vermelha Brasileira, inclusive pela sua sistemática repetição em diferentes periódicos. Por entre as linhas das notícias jornalísticas, muito provavelmente persistia uma espécie de luta simbólica, que fazia concorrer as Escolas de Enfermagem da Capital, no sentido de sacralizar sua existência em diversos campos, o que se pôs em evidência desde a década de 1920 (PORTO; SANTOS, 2006).

Aliás, o poder das palavras não reside nas próprias palavras, mas nas condições dadas às palavras ao se criar determinada crença (BOURDIEU, 2004). O entendimento, nesse sentido, é que a notícia sistematicamente reiterada nos diferentes jornais potencializava o círculo da crença, por meio da representação do código de expressão “Cruz Vermelha Brasileira” na construção do título das matérias, por exemplo, o que era facilitado pelo capital simbólico acumulado em função de sua credibilidade social e atenção às ações humanitárias desenvolvidas (PORTO; SANTOS, 2006).

Esta circulação e produção de um conjunto de mensagens criadas ao sabor de motivações políticas e socioeconômicas são geralmente confiadas à mídia. E, continuamente, a mesma é inculcada enquanto instância produtora de impressão de uma realidade, que se faz em detrimento de outras enriquecedoras e mais elaboradas, como as que decorrem em criações naturais da percepção individual. A mídia transfigura-se na contemporaneidade em centro da gravitação do poder, isto na condição de veículos produtores, responsabilizando-se de delinear o mar flutuante das opiniões, formando a “imagem total”, o que, sem dúvida, foi tomado como estratégia para o Estado Novo, via seu Departamento de Imprensa e Propaganda.

A última notícia que retratou os cursos se deu no jornal A Noite, de 21 de maio de 1944 (página 8). Com o título “Nova Turma de Enfermeiras-Socorristas da Cruz Vermelha Brasileira”, tratou-se de uma notícia pequena, se comparada as do ano de 1942. Sem muito destaque, o texto apenas registrou a colação das enfermeiras-socorristas, e publicou a lista nominal das concludentes. Provavelmente, o aumento da oferta de cursos intensivos de Enfermagem de Guerra nos anos de 1942 e 1943 tenha se dado com mais ênfase por conta da pressão popular, devido ao torpedeamento dos navios brasileiros, e pelo crescimento da

pressão política interna e externa, nestes anos. Nos anos seguintes (1944 e 1945), não foram encontradas mais notícias sobre a organização de novos cursos na Capital Federal.

Provavelmente, as solenidades organizadas foram utilizadas como estratégia, funcionando como uma espécie de vitrine do que deveria ser visto (e por extensão, feito) pelos leitores (população). Esses rituais tiveram muitas funções e produziram muitos efeitos, entre os quais o efeito simbólico de transmitir ao público uma imagem homogeneamente respeitável do grupo de enfermeiras e, por via de consequência, dar visibilidade e ‘status’ àquela ainda nova profissão (SANTOS, 2004).

Outrossim, os jornalistas têm “óculos especiais”, pois estes veem certos aspectos e não outros, e veem o que veem de certa maneira. Eles exercem uma escolha e construção do que é selecionado, e o princípio desta seleção, geralmente, é a procura pelo que é espetacular, sensacional (BOURDIEU, 1997, p.25). Talvez, pelo não tão simples fato de as turmas da Cruz Vermelha Brasileira apresentarem autoridades do campo político e militar como seus paraninfos, isto pode ter sido o elemento “sensacional” para o jornalismo submetido/subordinado ao Governo. Talvez, por isso, os cursos de voluntárias socorristas receberam tanta visibilidade, como se constatou, inclusive, da disposição espacial das reportagens nas páginas dos jornais.

Sobre isso, outro aspecto também a considerar é que a exposição do poder emanado das autoridades que comandavam aquelas formaturas renova o sentimento inculcado e instituído em posicionar essas mulheres como personagens sociais periféricas, pois, quanto mais acentuados são os símbolos da masculinidade, mais as atividades tendem para o ritual e a codificação, e mais as mulheres são delas excluídas (OLIVEIRA, SANTOS, 2010).

As “representações em coisas”, ou melhor, as estratégias de manipulação simbólica, como a invenção de rituais, emblemas, atos públicos, hinos, discursos e declarações à imprensa, almejavam determinar a impressão que os outros deveriam ter. Procuravam-se manifestações sociais e representações mentais, de acordo com as propriedades expostas. Por certo, nesses anos de guerra, o que estava em jogo era a intenção de impor uma visão legítima, através da luta pelo monopólio de fazer ver, dar e conhecer, e de se fazer reconhecer (BOURDIEU, 2006, p.112).

A fotografia nestes jornais também foi muito utilizada como estratégia de fazer ver e crer. Aliás, as massas tendem a poder pensar e ser influenciadas através de imagens (LÊ BOM, 1895). Em geral, as imagens têm o poder de amedrontá-las, e de transformar as causas de suas ações (SANTAELLA; NÖTH, 1999, p.195).

Em suma, as solenidades (rituais) são tidas como uma linguagem eficaz, que necessita de certo número de gestos, objetos, operações e palavras, e ainda, de uma espécie de transcendência, atuando na realidade social. Ademais, esses rituais devem estar apoiados em símbolos reconhecidos pela sociedade. À vista disso, para que essas solenidades de formatura dos cursos de Enfermagem de Guerra viessem a ser realizadas como um rito, foi preciso a adoção de algumas normas, posto que os ritos exigem geralmente uma forma, uma rotina, uma certa linha de conduta, que dita aos agentes como eles devem agir diante daquilo que é sagrado (SEGALEN, 2002). Por isto, pode-se perceber pela homogeneidade das notícias em si, que estas solenidades apresentavam as mesmas características, como a presença de autoridades como paraninfos, o juramento, a utilização do uniforme de enfermeira, entre outros, configurando, de fato, um ritual, uma tradição inventada.

4.3 AS CARACTERÍSTICAS DOS CURSOS INTENSIVOS DE ESFORÇO DE GUERRA

Da caracterização mais amíúde dos cursos organizados pelas Escolas de Enfermagem da Capital Federal, apenas os cursos Samaritanas Socorristas, Popular de Primeiros Socorros, Socorros de Urgência e Voluntárias de Socorro de Guerra foram considerados de forma pormenorizada neste estudo. Isto se deu por conta da relativa escassez de informações sobre as características específicas de cada curso, posto que foram encontrados dados mais satisfatórios apenas destes quatro cursos mencionados. Nesse sentido, estruturou-se o quadro abaixo, que trata de alguns pormenores que caracterizam e contrastam dois dos cursos dos quais se encontrou o conteúdo programático:

Quadro nº4 - Características dos cursos de Samaritanas Socorristas e Voluntárias de Socorro de Guerra:

	CURSOS	
	Samaritanas Socorristas	Voluntárias de Socorro de Guerra
Instituição	Legião Brasileira de Assistência (responsável), Exército, CVB e EAN.	Escola Anna Nery.

Finalidade	Preparo de samaritanas socorristas para eventualidades da atual situação (de declaração de guerra) do país.	Não abordada no programa.
Tipo	Teórico e prático	Teórico e prático
Carga horária(total)	40h, sendo 36h para o programa “Samaritanas Socorristas” e o restante utilizado a critério dos diretores do Curso, para repetição de pontos considerados de maior importância e palestras correlatos ao programa geral.	110 horas, dividido em 45 horas de prática hospitalar e 65 horas de teoria.
Crítérios de avaliação	Concessão do título de Samaritana Socorrista às alunas aprovadas nas matérias do programa, em exame prático oral, ao qual só poderia concorrer aquelas que tivessem frequência integral ou, no máximo, dez faltas justificadas.	Não abordados no programa.
Conteúdo programático	Dividido em 14 pontos:1) Histórico, importância social e os limites dos socorros médicos de urgência pelos samaritanos. Organização internacional da Cruz Vermelha; 2) Contusões e feridas; 3) Fraturas, luxações e entorses; 4) Hemorragias, sintomas gerais e locais. Tratamento de urgência. Choque traumático; 5) Queimaduras; local e geral; 6) Asfixias; sintomas, tratamento; 7) Envenenamento por agentes mais frequentes; 8) Feridas venenosas; 9) Noções de organização e funcionamento do Serviço de Saúde em campanha; 10) Ataques aéreos; possibilidades da guerra moderna, defesa ativa e passiva; 11) Gases de guerra, classificações sobre o ponto de vista militar e ações no organismo; 12) Gases de guerra, identificação de gases e sintomatologia; 13) Gases de guerra, tratamento; 14) Simulação.	Anatomia, Microbiologia, Higiene, Ética, Técnica, Patologia Médica, Patologia Cirúrgica, Serviço Sanitário de Campanha e Técnica de Enfermagem em Primeiros Socorros. O conteúdo é alterado em setembro de 1942 para: Parte Teórica - Anatomia e Fisiologia, Microbiologia, Higiene e Moléstias Transmissíveis, Saúde Pública e Puericultura, Serviço Sanitário de Campanha, Alimentação, Ética, Técnica de Enfermagem, e Prática Hospitalar.
Local de Estágio	Não abordado no programa	Hospital Miguel Couto
Alunas aproveitadas pelo Exército para atuação no Serviço de Saúde da FEB	Não houve nenhuma aluna aproveitada.	Lúcia Osório

Localização: CD.EEAN.UFRJ. Série Socorristas Voluntárias de Guerra (1942-1945). Ficha de alunas.

Cabe a menção de que, no que tange ao Curso de Socorros de Guerra, uma aluna por ele formada foi aproveitada pelo Serviço de Saúde da Força Expedicionária Brasileira, a fim de

integrar o Quadro de Enfermeiras da Reserva do Exército. Trata-se de Lúcia Osório, nascida em 1921, natural do Rio de Janeiro, sobrinha-neta do general Osório, patrono da Arma de Cavalaria, a qual ingressou na Força Expedicionária com o diploma de Samaritana (CANSANÇÃO, 2003), apesar de ter sido encontrada a ficha de sua inscrição no curso de Socorro de Guerra da EAN (Anexo B). O fato de pertencer a uma família de militares provavelmente tenha influenciado a decisão de Lúcia Osório em se colocar à disposição do Exército. Com efeito, o *habitus* primário tende a influenciar determinantemente na apropriação de certas posições, como a que foi ocupada por esta enfermeira (BERNARDES, 2003; OLIVEIRA, 2007).

Da análise do programa desses dois cursos, não foi possível tomar ciência de maiores detalhes acerca do período de funcionamento, bibliografia indicada, local de realização das aulas, bem como do corpo docente (exceto o das disciplinas de Ética, que ficou a cargo da diretora da EAN, Laís Netto dos Reys, e de Técnica de Enfermagem em Primeiros Socorros, pelas professoras Zaíra Cintra Vidal⁵⁷ e Aurora Afonso Costa⁵⁸).

Não obstante, com a mudança do conteúdo programático do curso de Voluntárias de Socorro de Guerra em setembro de 1942, subtraiu-se a disciplina de Técnica de Enfermagem em Primeiros Socorros, o que, a princípio, seria fundamental para a formação prática da socorrista. Além disso, o curso passou a focar na prática hospitalar e também de saúde pública, começando a configurar-se como curso “básico” ou “intensivo” de Enfermagem, e não estritamente como um curso de socorro.

Sobre outro aspecto, cabe a ressalva de que o primeiro programa de voluntariado no Brasil foi implantado em 1942, para responder à realidade social agravada pelas contingências da participação do país na Segunda Guerra Mundial, o que também é ressaltado no trecho a seguir:

Tal programa veio responder aos interesses do Estado capitalista de não revelar seus mecanismos de exclusão social, e com uma estratégia de controlar os movimentos reivindicatórios que poderiam surgir da população, que crescia muito nas cidades desta época.

A Legião Brasileira da Assistência (LBA) também criada em 1942 (liderada pela primeira dama Darcy Sarmiento Vargas) foi o órgão

⁵⁷ Foi uma enfermeira que, ao iniciar sua carreira docente na EAN, prestou relevantes serviços ao desenvolvimento da Enfermagem brasileira, formando enfermeiras. Exerceu funções de presidente e editora na atual Associação Brasileira de Enfermagem. Foi uma das pioneiras. Destacou-se também como autora das primeiras obras nacionais de Enfermagem, e foi fundadora da Escola de Enfermagem Rachel Haddock Lobo, atual Faculdade de Enfermagem da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (CALDAS, 1998).

⁵⁸ Fez parte da Classe de 1927 da EAN. Participou do programa americano “*Foreign Operations Administration*” subordinado ao Departamento de Defesa dos Estados Unidos da América em 14 de dezembro de 1954, época em que Aurora esteve nos Estados Unidos (SILVA, VALENTE, 2010).

responsável pelas ações de assistência social, contando com a presença do voluntariado através do Programa Nacional do Voluntariado (PRONAF). Em sua fundamentação teórica, tinha o voluntário doador como referência. A justificativa primeira para a criação da LBA e do programa de voluntários era o auxílio aos brasileiros da Segunda Guerra, porém, o que se analisa é que, por trás disto, estava o Plano do Governo Federal - Getúlio Vargas, em desenvolver a assistência social (ARAÚJO, 2008, p.192).

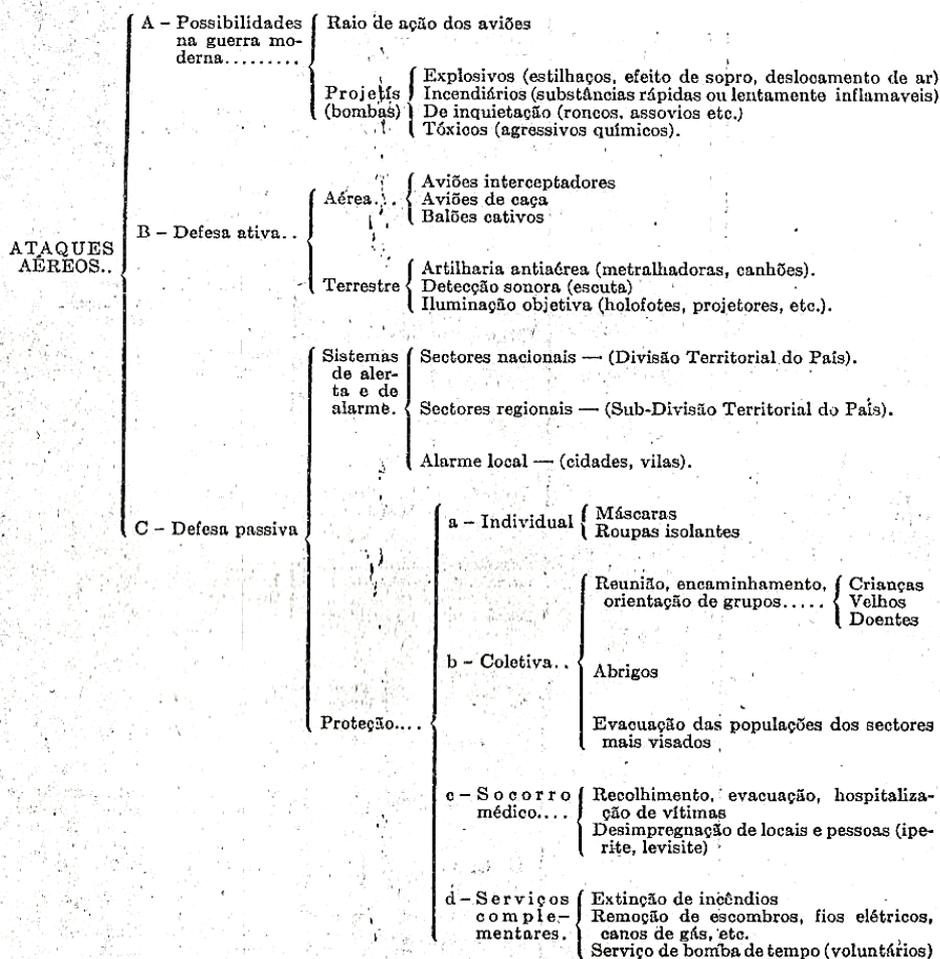
Há indicações de que o intuito do governo, de criação da Instituição Nacional de Assistência Social, foi mais relacionado ao estado de pobreza em que se encontravam os centros urbanos do que o atendimento das necessidades apresentadas pelas famílias dos combatentes, o que, de certa forma, evitaria as possíveis formas de manifestação de desagravo a ele, e as tensões entre as classes sociais, sendo também um motivo para aumentar sua popularidade (PROVENZI, 2008).

Teoricamente, este programa de voluntariado liderado pela primeira dama Darcy Sarmiento Vargas tinha caráter solidário, e menos político, sendo bem marcado pelo catolicismo herdado dos portugueses, pelos princípios básicos de moralidade, como manifestação de um espírito nobre. A Legião Brasileira de Assistência, apesar de ser laica em sua origem, também se sedimentaria em princípios humanitários, como os de caridade e benemerência, originados das instituições filantrópicas privadas, praticando, com estas, a subsidiariedade, através de pagamentos de contratos e de convênios, como contrapartida aos serviços que executavam (ARAÚJO, 2008, p.195). Com efeito, a Legião Brasileira de Assistência daria provas de co-participação no processo de militarização da sociedade e de incorporação de mulheres enfermeiras às causas patrióticas, como será ainda tratado mais adiante.

Já o curso de Samaritanas Socorristas foi organizado para o preparo de socorristas, nos moldes de preparação da Cruz Vermelha Internacional. Além disso, o curso de Samaritanas Socorristas, através do seu conteúdo programático, visava formar socorristas para atuarem no *front* interno brasileiro, vista a preocupação nas disciplinas de ataques aéreos e gases de guerra, por exemplo.

Fac-símile imagético nº 27 - Quadro nº 10 com o Programa do curso de Samaritanas Socorristas

QUADRO N. 10



Localização: Livro do Programa do Curso de Samaritanas Socorristas, Série As Pioneiras, Caixa 35, Cedoc/EEAN.

O fac-símile acima trata de uma espécie de classificação de elementos, os quais deveriam ser considerados para o caso de resposta a ataques aéreos. Aliás, a defesa antiaérea constituía-se em uma das grandes preocupações do país durante a guerra. O trecho a seguir retrata um pouco disso, através das palavras do coronel de Exército Orozimbo Pereira, chefe da Defesa Passiva Antiaérea naquele contexto:

O Brasil, “no conjunto das nações sul-americanas é, sem a menor dúvida, o mais ameaçado” porque, “dadas - a atitude assumida pelo Brasil, no concerto das Nações Americanas em face da agressão nipônica aos Estados Unidos e - o modo de agir característico das potências do Eixo, não será para estranhar que, mais hoje, mais amanhã, qualquer manifestação agressiva contra o nosso território seja levada a efeito - quer pela Alemanha e Itália, quer pelo Japão, ou quer por essas três potências ao mesmo tempo” (PEREIRA, 1942).

Durante a Segunda Guerra Mundial, o coronel Orozimbo Martins Pereira foi responsável pela criação de um livro para a defesa passiva civil anti-aérea da população brasileira. No livro, ele explicitou aspectos sobre a importância do Brasil em se preparar efetivamente para um Serviço de Defesa Civil voltado para a guerra, atestando que o país nunca teve razões para temer agressões bélicas, sempre mantendo uma postura beligerante.

Em seus argumentos sobre os perigos que ameaçavam a população civil, o coronel apontou os ataques aéreos como os de mais graves consequências, materiais e morais; e que, frente a isto, era preciso organizar não só uma defesa ativa antiaérea, mas também uma defesa passiva antiaérea, que precisaria incluir abrigos coletivos, aparelhos de alerta, estocagem de máscaras de gás, desinfecção e vigilância interna de cidades, extinção de incêndios, instrução da população, exercícios de alerta, além de serviços de alerta, pronto-socorro médico-cirúrgico e organização de *blackout* (CYTRYNOWICZ, 2002).

No que diz respeito à organização desses exercícios de *blackout*, em que se fez partícipes enfermeiras e voluntárias, está o trecho a seguir, escrito por Laís Netto dos Reys, que bem retrata o êxito havido da Legião Brasileira, que tinha como mentora a primeira dama, Sra. Darcy Vargas:

A LEGIÃO BRASILEIRA

A BLACK OUT DE 6 DO CORRENTE

O exercício do “Black Out” realizado a 6, 7 e 8 deste mês, sob os auspícios da Legião Brasileira de Assistência, e a competente direção do coronel Orozimbo Pereira, chefe da Defesa Passiva Anti-Aérea, foi uma afirmação confortadora e entusiástica do valor do povo brasileiro.

Além de toda expectativa, foi o sucesso desse primeiro “black out” do Rio de Janeiro. Enfermeiras diplomadas, Samaritanas, Voluntárias, Socorristas, Voluntárias da Defesa Passiva, da Cruz Vermelha Brasileira, da Prefeitura, da Escola Técnica de Serviço Social e da Escola Anna Nery da Universidade do Brasil, na mais decidida prontidão, demonstraram que a Pátria pode contar com a mulher brasileira.

Não houve silêncio ao chamado para servir. As convocadas, na sua totalidade, responderam “presente”. E no trabalho, noite a fio, não houve defecção, nem esmorecimento. Um só pensamento unia todas: Servir mais e melhor o Brasil nessa hora de necessidade.

Acompanhavam as enfermeiras e voluntárias as da Defesa Passiva, dirigindo-lhes os trabalhos, o Corpo Médico da Prefeitura do Distrito Federal, sob a competente direção do Sr. Secretário de Saúde e Assistência, coronel Jesuino de Albuquerque.

Todas incansáveis nos seus postos.

Os bombeiros e os escoteiros, e ainda as bombeirinhas do Centro Proletário da Gávea. Todos os soldados que faziam de feridos, concorrendo com seu contingente de cooperação para o brilho do exercício.

O Sr. coronel diretor da Defesa Passiva Anti-Aérea está, pois, de parabéns, em face dos resultados de sua bem organizada demonstração.

E a Sr^a Darcy Vargas, a grande animadora deste movimento e a idealizadora da Legião Brasileira, deve estar a estas horas sentindo a recompensa de suas canseiras por essas noites de dedicação e patriotismo, constatando todo o feliz sucesso do “Black Out” que acaba de ser realizado, e que é uma promessa alentadora do que será dentro em breve a “Legião Brasileira de Assistência”.

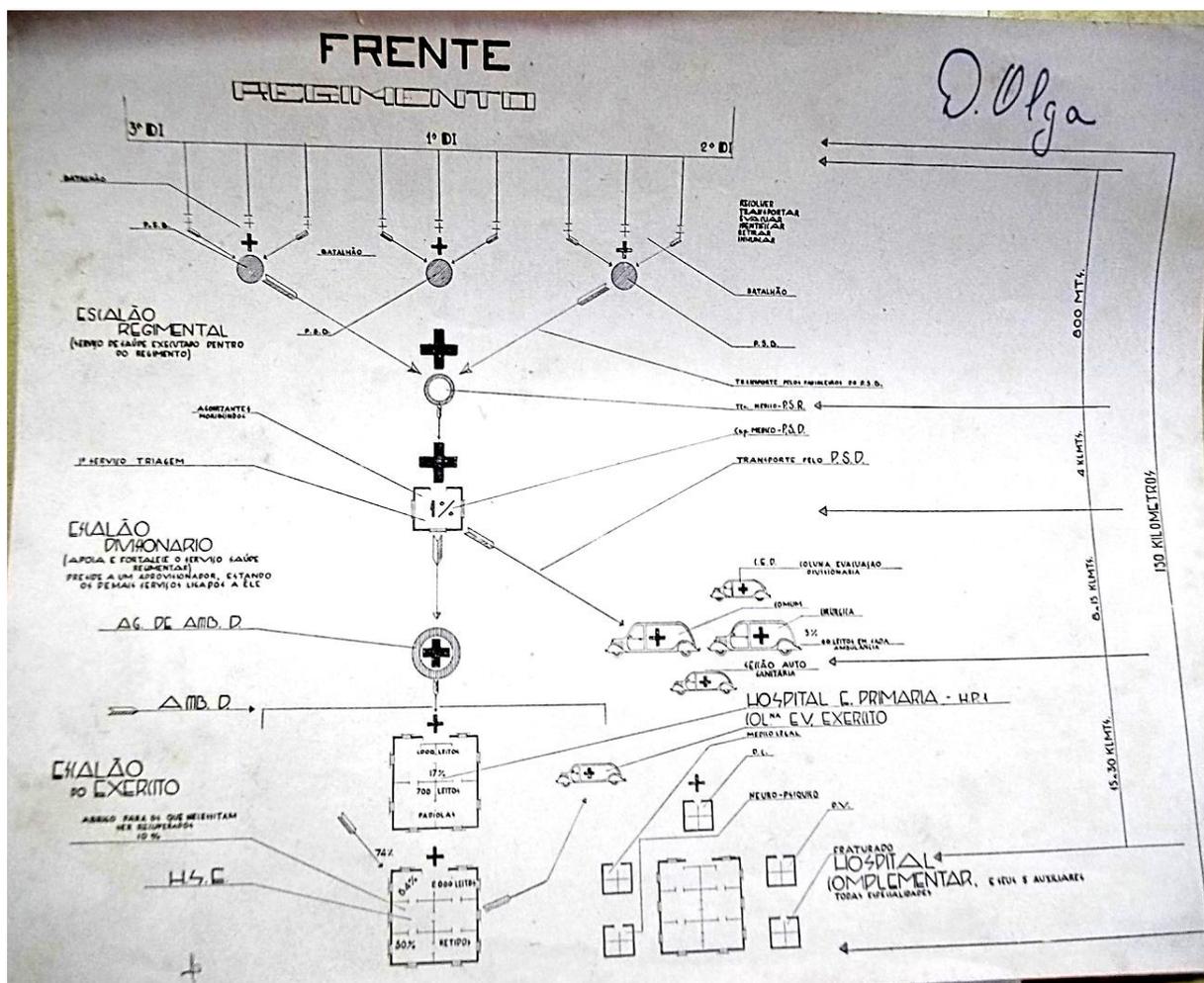
Rio de Janeiro, 11 de setembro de 1942 (Caixa Gabinete da Direção da EEAN, 1938/1950, Cedoc/EEAN).

Sobre este exercício/simulação (*blackout*), sabe-se que as orientações para o escurecimento foram as mesmas adotadas pelo *Office of Civilian Defense*, dos Estados Unidos. As orientações foram divulgadas no “*Handbook of Civilian Defense*”, com o subtítulo “O que todos os americanos patriotas devem fazer para ajudar os Estados Unidos a ganharem a guerra”. Essas orientações foram traduzidas e divulgadas pela secretaria da Diretoria Regional do S.P.D.A.A. (Sistema de Proteção Contra Descargas Atmosféricas) do Rio Grande do Norte (PEDREIRA, 2010, p.401).

Para o adequado desenvolvimento da defesa antiaérea era necessária uma montagem de triagem padrão, a fim de se responder aos ataques aéreos, que se diziam inevitáveis, a qual levasse em consideração a dimensão da guerra. Indubitavelmente, como retratou Cesário (2014), a Segunda Guerra Mundial constituiu-se em um momento de grande aplicação do avião como máquina de combate. Bom exemplo disso foi o ataque aéreo japonês à base norte-americana de Pearl Harbor, no Hawai. Enquanto isso, no Brasil, não havia contingentes de enfermeiras preparadas para essa demanda, nem tampouco hospitais e clínicas em suficiência, o que, de certa forma, tinha relação com a urbanização recente, mas pouco planejada do país, que se iniciou com mais afinco justamente nesta época. Tal aspecto bem conforma uma das características da “guerra total”, cujos ataques aéreos desenvolvidos enquanto tática visam à aniquilação total do inimigo, especificamente de sua retaguarda (população civil e fábricas).

Na tentativa de explicitar um pouco o processo de triagem regimental de vítimas de ataques aéreos, está o fac-símile abaixo, que foi encontrado no corpo do livro do Programa do Curso de Samaritanas Socorristas:

**Fac-símile imagético nº 28 – “Frente de regimento” do Programa de Samaritanas
Socorristas**



Localização: Livro do Programa do Curso de Samaritanas Socorristas, Série As Pioneiras, Caixa 35, Cedoc/EEAN.

Antes de pormenorizar a figura acima, é interessante mencionar a assinatura no canto superior direito, que pode ser da professora Olga Salinas Lacorte, chefe da Divisão de Ensino da EAN à época.

A figura mostra as divisões dos escalões, a frente do regimento e os hospitais. Percebe-se que há uma grande, senão total dependência do Exército na organização e operacionalização desta triagem. De qualquer forma, ao se fazer constante no corpo do livro dirigido para samaritanas, evidencia-se aqui uma tentativa de enquadramento daquelas alunas voluntárias às rotinas militares. Mesmo porque, à época, o Serviço de Saúde das Forças Armadas funcionava precariamente, e na dependência de Escolas de Enfermagem, como no caso da recém-criada Força Aérea Brasileira, que precisou do suporte de alunas e professoras da EAN para constituir o seu Serviço de Enfermagem e, mais tarde, apoiar a Força na formação do Quadro de Enfermeiras da Reserva da Aeronáutica que, a exemplo das enfermeiras do Exército (da Força Expedicionária Brasileira), também seguiria para o *front*

italiano, estas, para apoiar de saúde o pessoal do 1º Grupo de Caca (OLIVEIRA *et al*, 2013b; CESÁRIO, 2014).

Sobre a organização e funcionamento do Serviço de Saúde em Campanha, tem-se o fac-símile abaixo, que também constou no livro do Programa do Curso de Samaritanas Socorristas:

Fac-símile imagético nº 29 - Noções de organização e funcionamento do Serviço de Saúde em Campanha, do Programa de Samaritanas Socorristas

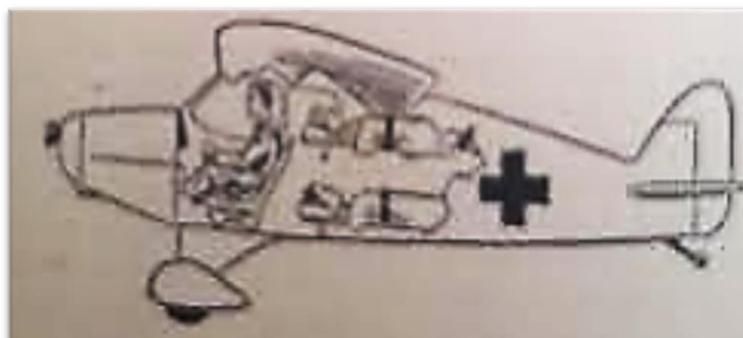
QUADRO Nº 9

NOCÕES DE ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO DO SERVIÇO DE SAÚDE EM CAMPANHA	A - Objetivos do S. S. em caso de emergência	Medidas de higiene e profilaxia Recolhimento, primeiro socorro, evacuação, triagem e hospitalização dos doentes, feridos e gasados. Preparação e emprego do pessoal sanitário Preparação e emprego do material sanitário Identificação e inumação dos mortos
	B - Os tres grandes principios de organização e funcionamento.....	Evacuação { Linhas de evacuação Meios de transporte de evacuação Triagem .. { Classificação dos evacuados..... Hospitali- / Localização dos centros hospitalares zação.... { Missão
	C - Funcionamento do S.S. em campanha	Escalão regimental..... Escalão divisionário..... Escalão exército..... Escalão retaguarda, interior
	D - Materiais sanitário de campanha e sua utilização.....	A - Técnico.... { De cirurgia De medicina De especialidades De higiene De farmácia B - De hospitalização..... { Roupas, utensílios, acessórios de hospitalização. C - De abrigo.... { Barracas, pavilhões, etc. D - De administração... { Expediente, contabilidade, arquivos, etc. E - De rancho... { Viveres, dietas, preparação e distribuição de alimentos. F - De iluminação G - De transporte { Do pessoal { Padiolas, carrinhos porta-padiolas, artolas, liteiras, cargueiros, viaturas técnicas, embarcações, aviões, transportes sanitários. e do material..... H - De acondicionamento { Pacotes, carteiras, bolsas, mochilas, alforjes, canastras, sacos etc.
	Pelo modo de evacuação... { A pé Sentado Deitado	
	Pela vigência do tratamento... { 1ª, 2ª, 3ª e 4ª Urgências	
	Destino dos evacuados	
	Esquema geral Simbólico	

Localização: Livro do Programa do Curso de Samaritanas Socorristas, Série As Pioneiras, Caixa 35, Cedoc/EEAN.

Entre outros aspectos, é demonstrada na ilustração acima a preocupação com a evacuação e meios de transporte. No livro “O Brasil precisa de enfermeiras”, de Edméa Dezzone, há ilustrações de ambulâncias para transporte, como a do avião-ambulância (página 45 do livro) (fac-símile nº 30).

Fac-símile imagético nº 30 – Avião ambulância



Localização: CARVALHO, Emilia Edméa Dezone. O Brasil precisa de enfermeiras. 3. ed. Rio de Janeiro: Dois Irmãos.1967.

É interessante salientar que a prática de triagem surgiu especialmente por conta das exigências das guerras. Os documentos sobre essa prática datam de períodos antigos, onde os sistemas eram projetados para distribuir cuidados de saúde a guerreiros feridos, de maneira coordenada. No início do século XVIII, cirurgiões militares desenvolveram e implementaram as primeiras regras de triagem de batalha no Ocidente. A maioria dos estudiosos atribui o primeiro sistema de triagem formal de batalha ao cirurgião militar francês barão Dominique-Jean-Larrey, que reconheceu a necessidade de avaliar e categorizar rapidamente os soldados feridos durante as batalhas, que exigiam cuidados mais imediatos, tratando e evacuando, ao invés de esperar horas ou dias para tratá-los (INSERSON; MOSKOP, 2007).

Na página 188 do livro “Manual da Socorrista de Guerra” (1943), de Raul Briquet⁵⁹, é demonstrado, através de fotos, como fazer a classificação de acordo com os sinais convencionais, que devem ser feitos na frente do ferido, segundo o que foi encontrado ou executado. O autor indica: “H” para hemorragia, “Q” para queimadura, “M” para aplicação de morfina, “X” para ferimento do tórax ou abdome (como demonstrado no **fac-símile nº 29**), “A-T” para aplicação de antitetânico e “T.12,15” para aplicação do que se assemelha ao que é mostrado no longa-metragem “Pearl Harbor”, que mostra enfermeiras aplicando torniquetes de acordo com o (12h15min). A realização desse procedimento foi bem explorada no filme, que mostra a triagem de vítimas durante ataque aéreo japonês às bases norte-americanas, no Hawaii.

Fac-símile imagético nº 31 – Ferimento de tórax ou abdome

⁵⁹ Catedrático da Universidade de São Paulo, diretor geral dos Cursos de Enfermagem e Socorros de Guerra da IIª Região Militar (São Paulo).



Localização: Briquet, Raul. Manual da Socorrista de Guerra. Revista dos tribunais. São Paulo, 1943.

Outro curso do qual foi encontrada a ementa foi o Popular de Primeiros Socorros da Colônia Gustavo Riedel (Quadro nº 4), nos Anais da Colônia Gustavo Riedel. O quadro a seguir trata deste primeiro curso realizado em 1942, e que contou com 53 alunas:

Quadro nº 5- Curso Popular de Primeiros Socorros da Colônia Gustavo Riedel

Matéria/Disciplina
<p>Pontos da Parte Teórica: 1) Importância do socorro médico de urgência, conduta em presença de um ferido ou doente; 2) Contusões e feridas, profilaxia do tétano; 3) Feridas envenenadas e seu tratamento de urgência; 4) Hemorragias e seu tratamento de urgência; 5) Fraturas; 6) Queimaduras, seu tratamento de urgência; 7) Acidentes produzidos pela eletricidade, asfixia, afogamento e soterramento, gases tóxicos, uso da máscara contra gases; 8) Vertigens, lipotimias e síncope, insolação, vômitos, dor, cólicas, corpos estranhos, conduta em cada caso; 9) Envenenamento, seu tratamento de urgência, material de medicamentos para uma caixa de primeiro socorro; 10) Ataques convulsivos; 11) Higiene pessoal, alimentação; 12) Banho, vestuário e quarto do lactante e do pré-escolar normal.</p> <p>Pontos da Parte Prática: 1) Levantamento e transporte de doentes e feridos; 2) Esterilização de emergência (flambagem); 3) Confecção de ataduras; 4) Peças de curativos e primeiro curativo; 5) Garrote e sua técnica; 6) Aparelhos de imobilização provisória; 7) Manobras de respiração artificial (Laborde, Sylvester⁶⁰); 8) Principais técnicas de aplicação de ataduras (capelino, espica de mão etc⁶¹);</p>

⁶⁰Manobra Laborde: À época, não havia aspiradores. As secreções orofaríngeas eram removidas apenas com pinças e gases. Em casos de obstrução respiratória, que estava sempre presente, em maior ou menor grau, usava-se um fórceps para tracionar ritmicamente a língua e ativar a respiração (REIS JUNIOR, 2009). Manobra de Sylvester: Consistia em deitar o doente no chão, e ajoelhar-se atrás da cabeça. De preferência, coloca-se a cabeça

9) Técnica da aplicação de compressas quentes, frias e termóforo (aparelho que produz calor ou material revestido que conserva esse calor); 10) Principais proteções aos doentes com ataques convulsivos; 11) Técnicas de injeções subcutâneas, intramusculares e endovenosas

Localização: Anais da Colônia Gustavo Riedel, 1943.

Pelos dados apresentados no quadro relacionados ao conteúdo do curso, nota-se que houve um preparo voltado especificamente para os cuidados emergenciais (trauma), o que era mesmo de se esperar, por conta do contexto de guerra e também pela atenção que se passou a dar à época aos ataques aéreos. Não obstante, um aspecto importante não fora considerado. Mesmo a instituição (Colônia Gustavo Riedel) deste curso estar voltada à época para a área da Psiquiatria, esta não foi incorporada ao programa, até pelo fato do curso (Voluntárias Socorristas) ter sido molde/realizado pela Cruz Vermelha Brasileira.

Esta situação se observou em todos os conteúdos programáticos dos cursos que se conseguiu acessar: a não previsão de ensino de cuidados psiquiátricos voltados para os efeitos da guerra. Isto posto, na pesquisa de Koeller (2010), por exemplo, é tratado o despreparo e o descaso com o cuidado psicológico dos militares, que batalharam no Teatro de Operações Europeu. Com efeito, essa situação tendeu a agravar a saúde mental/psíquica de muitos dos soldados brasileiros, que aturam no *front* externo. O autor atesta que

uma neurose de guerra identificada em um soldado ou oficial pode representar muito mais que uma simples fragilidade pessoal de um determinado indivíduo. Ela pode representar, além do despreparo psicológico de um soldado diante da maior atrocidade que o homem já pode criar, a Segunda Guerra Mundial, a falta de comando e organização do comando militar que conduziu os febianos até a Itália; a falta de capacidade do Brasil em montar um corpo expedicionário capaz de enfrentar a realidade da guerra na Europa e todas as suas consequências; representar a busca pelo comando do Exército em negar suas falhas, transferindo a culpa para os “desajustados sociais” que “conseguiram facilmente” passar pelas comissões selecionadas (KOELLER, 2010, p.936).

Na tentativa de driblar o problema das neuroses de guerra, uma das medidas utilizadas era a recomendação da instrução de guerra que, segundo o Comitê Suthborough em 1922, consistia em instrução que deveria ser ministrada da melhor forma possível, buscando evitar

de jeito que fique mais baixa. O doente deverá permanecer em decúbito dorsal. Segurar os braços do doente à altura do cotovelo. No primeiro tempo, elevá-los para cima da cabeça. No segundo tempo, voltar-los até o tórax, comprimindo-o. Os movimentos devem ser ritmados, acompanhando, se possível, a própria respiração da enfermeira ou médico. Durante 15 a 18 minutos, faz-se esta manobra, e se preciso, durante horas (CARVALHO, 1967).

⁶¹Espica é a bandagem em forma de oito, com um dos laços maior que o outro; capelino é a bandagem para cabeça ou para cotos de amputação.

que os homens viessem a sofrer neuroses, onde “a elevação da moral seria o objetivo mais importante da instrução militar” (KELLET, 1987 *apud* ANRENFELDT, 1958, p.198). Nesse sentido, é válido considerar que qualquer que seja a ênfase posta na instrução ministrada no quartel, seja em exercícios condicionados, seja na ambientação de combate, o soldado só aprende realmente o seu mister praticando, ou seja, em combate (KELLET, 1987).

Uma das enfermeiras formadas pela Cruz Vermelha Brasileira no Curso de Samaritanas explica que, com a organização apressada na seleção de cidadãos voluntários para fazerem parte da Força Expedicionária Brasileira, bem como pela falta de tempo adequado para o preparo para a guerra, além da realização deficiente das inspeções de saúde, tudo isso fez com que baixassem de bordo diretamente para o hospital na Itália por volta de 300 homens, com as enfermidades mais diversas, tais como coqueluche, sarampo, varicela, catapora e sexualmente transmissíveis, principalmente a blenorragia, antes mesmo de participarem de qualquer combate (CANSANÇÃO, 1987, p.54). Alguns homens até chegaram a apresentar doenças graves, confirmando a ideia de que os exames médicos brasileiros não foram adequados, expondo a fragilidade estrutural do serviço médico da Força Expedicionária. Apenas após o estabelecimento dos hospitais de campanha, sob a assistência de enfermagem, odontológica, médica e farmacêutica, a situação desses soldados passou a melhorar (VALADARES, 2001, p.81). Assim, para além dos problemas de ordem psíquica, debilmente tratados no preparo frágil de voluntárias, a guerra oportunizou o diagnóstico da precariedade de saúde em que viviam muitos brasileiros.

Ademais, apesar de toda a urgência envolta à situação do conflito, que condicionou o preparo apressado e por vezes improvisado de voluntárias para a prática de Enfermagem de Guerra, deixando a desejar na incorporação de disciplinas e conteúdos mais operativos, os cursos, de certa forma, tiveram comprovada a sua eficácia simbólica. Como efeito de demonstração disso, tem-se a notícia a seguir, publicada no dia 22 de julho de 1944, no jornal Diário de Notícias (página 2):

Despachos do Conselho Nacional do Trabalho:

No processo em que a CAP (Caixa de Aposentadoria e Pensão) de Serviços Públicos de Minas Gerais solicita o encaminhamento ao ministro do Trabalho do pedido de autorização para nomear interinamente Juraci Camargo para o cargo de 2^a enfermeira, o diretor do Departamento de Previdência Social exarou o seguinte despacho: “Trata-se de provimento de cargo para cujo exercício é exigida a prova de habilitação legal. Para esse efeito, apresentou a candidata o certificado de “voluntária-socorrista” expedido pela Cruz Vermelha Brasileira. Esse certificado confere à candidata o direito de prestar “primeiros socorros”, em tempo de Paz e Guerra. Não é, portanto, o diploma de “enfermeira”, que lhe habilite para o

exercício legal da profissão, como bem esclarece o ofício n. 549, de 6 do corrente, do Serviço Nacional de Fiscalização da Medicina. Nestas condições, não poderá ser encaminhado o pedido da CAP (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 22/07/1944, p.2).

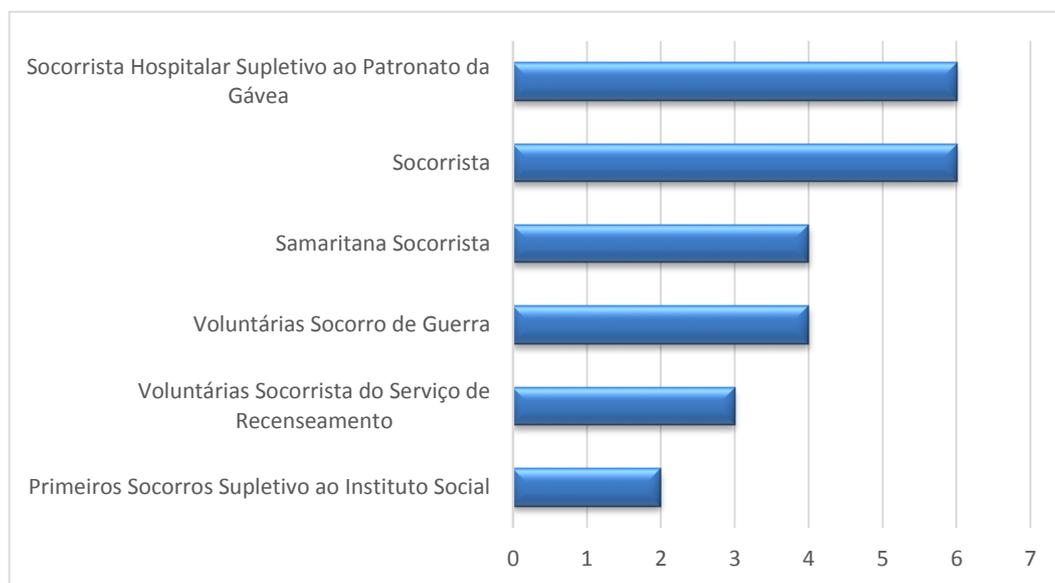
Neste recorte, pode-se constatar a relativa eficácia do curso de Voluntária Socorrista, uma vez que esta voluntária formada pelo curso teve a capacidade de passar em um concurso para o cargo de enfermeiro e, ao que parece, chegou a concorrer com outras enfermeiras profissionais. Outro aspecto destacado refere-se ao exercício legal da profissão de enfermeira, relacionado à posse de diploma, o que não chegou a ocorrer com cautela e precisão no caso das “enfermeiras” que acompanharam os cidadãos soldados da Força Expedicionária Brasileira (OLIVEIRA, 2010). Pelo menos, o trecho em destaque consegue ratificar certo cuidado (no âmbito do Conselho Nacional do Trabalho à época) com a identidade das linhas de competência entre enfermeiras e não enfermeiras, o que fazia nexos com a luta havida no campo da Enfermagem para a consagração de uma identidade legítima de enfermeira no campo social. Naquele contexto, o título de “enfermeira” passou a se tornar ainda mais “inflacionado” com a profusão de diversos cursos, inclusive esses de que trata o presente estudo. Comumente, todas eram ditas e consideradas “enfermeiras”.

Existiu também outro curso para voluntárias da Cruz Vermelha com o nome “Curso Socorros de Urgência”. Este curso foi noticiado pelo Diário de Notícias, de 29 de maio de 1942. A matéria intitulada “Preparando voluntários para os serviços da Cruz Vermelha” (página 5) comunicou sobre a inscrição de 5.000 voluntários em todo Brasil, sobre a duração do curso (três meses e 24 dias de aula, num total de 48 aulas, sendo duas por dia), e ainda sobre a fundação deste curso na Associação Brasileira de Educação, que teria despertado interesse entre a “classe feminina”.

Entre as matérias e disciplinas que este curso contemplou estiveram: Serviço Social; Noções elementares de Anatomia e Fisiologia; Socorros de Urgência; Serviços de Saúde em Campanha; Comissão de Socorros e sua organização; Técnica de Enfermagem (Zaíra Cintra Vidal).

Passando para a análise do tempo dispensado para a realização propriamente dita dos cursos de Enfermagem de Guerra, o gráfico abaixo demonstra aproximadamente a duração em meses de alguns, visto que somente algumas fichas de alunas inscritas continham o período de início e conclusão do curso (pelas mesmas).

Gráfico nº1- Duração dos cursos de esforço de guerra em meses



Localização: CD.EEAN.UFRJ.Série Socorristas Voluntárias de Guerra (1942-1945).

Este gráfico foi construído através das informações contidas nas fichas das alunas dos cursos de Primeiros Socorros Supletivo ao do Instituto Social, Samaritana Socorrista, Socorrista Hospitalar Supletivo ao Patronato da Gávea, Socorro de Guerra, Voluntária Socorrista do Serviço de Recenseamento, Voluntárias e Socorristas. Ademais, não foi possível a identificação do número exato de turmas existentes em cada curso, bem como não foi encontrado o período de recesso ou pausa para a retomada dos cursos. Sabe-se que o curso de Socorro de Guerra era um dos que aconteciam no turno da manhã e tarde.

Pela indicação do gráfico, a duração dos cursos foi consideravelmente variada (em meses). Outrossim, observa-se em comum o curto período e, assim, justificam-se como cursos intensivos, com uma variação de no mínimo dois e no máximo seis meses, oferecendo apenas o conteúdo considerado essencial (*a priori*) àquele momento.

Outro ponto a tratar é que, a partir do “jogo de espelhos” da história comparada conforme mencionado por Farias e Castro (2010), o observador pode captar certas singularidades e, ao mesmo tempo, as semelhanças e as diferenças históricas. Não foi intenção deste estudo necessariamente, mas cabe (mesmo que a título de provocação de novos estudos) um breve ressaltado sobre alguns aspectos da experiência brasileira em face da experiência norte-americana, no que tange ao processo de formação das mulheres voluntárias para a prática de Enfermagem de Guerra.

Um ponto similar do que ocorreu no Brasil em relação ao que ocorreu nos Estados Unidos da América foi a criação de um programa, que tinha a finalidade de treinar auxiliares de Enfermagem, com o intuito de aumentar os serviços de Enfermagem nos hospitais, nas clínicas e no setor da saúde pública. No treinamento dessas “auxiliares de Enfermagem”, o governo dos Estados Unidos contou com a Cruz Vermelha Norte-americana, com a Defesa Civil e com Escolas de Enfermagem. Milhares de mulheres foram assim treinadas, como é representado na imagem do fac-símile imagético nº 32, que foi incorporada à Revista da Cruz Vermelha Brasileira (KALISCH, KALISCH, 1978). No Brasil, aconteceu situação parecida, a qual envolveu a Cruz Vermelha Brasileira, a Defesa Passiva Antiaérea (atual Defesa Civil), a Legião Brasileira de Assistência e as Escolas de Enfermagem, preparando voluntárias de Enfermagem de guerra para o *front* interno e externo.

Fac-símile imagético nº 32 – Enfermeiras Voluntárias nos Estados Unidos



Localização: Revista da Cruz Vermelha, fevereiro de 1944, página 17.

Em acompanhamento a esta fotografia esteve uma nota, que dizia “Jovens voluntárias enfermeiras, depois de um período de treinamento, receberam seus distintivos. Os Estados Unidos estão aumentando o número de enfermeiras voluntárias, das quais saem as grandes auxiliares do Corpo de Emergência Médico, que atua nas frentes de luta”.

Nos Estados Unidos, a mobilização de enfermeiras para a Segunda Guerra começou a se adensar ainda mais após o ataque a *Pearl Harbor* pelos japoneses. Naquele país, todas as

filiais militares não contavam com um número adequado de enfermeiras. Assim, para suprir a demanda da guerra, foram realizadas algumas iniciativas pelo governo, que levaram à aprovação do *Labor* em 1941. Por essa lei federal passou-se a fornecer fundos para as Escolas de Enfermagem daquele país, a fim de organizar cursos de atualização em práticas modernas para enfermeiras aposentadas, criar cursos em campos especiais para Enfermagem, e facilitar a inscrição e aumentar o número de estudantes de Enfermagem. Contudo, a preocupação continuou a crescer, devido ao quantitativo ainda precário de enfermeiras. Assim, foram feitos outros esforços para suprir essa demanda. Para reforçar ainda mais o número de enfermeiras militares disponíveis para o esforço de guerra, foi aprovado na Câmara e Senado o Ato de Bolton (*The Bolton Act*) em 1943, que estipulou o custo total da educação em Enfermagem, aplicando recursos diretamente em Escolas de Enfermagem (LAMBERT; LAMBERT, 2005).

O Ato de Bolton foi um projeto apresentado ao Congresso dos Estados Unidos por Frances Payne Bolton (primeira mulher eleita ao Congresso de Ohio e educadora em Enfermagem), que estabeleceu o Corpo de Enfermeiras Cadetes (*The Cadet Nurse Corps*), visando persuadir as mais jovens a juntar-se às fileiras da profissão de Enfermagem, concedendo bolsas de estudos para candidatas qualificadas em troca de prestação de serviços militares ou outros (federal, governamentais e essencialmente civis), durante a Segunda Guerra Mundial. Pelo Ato também eram fornecidos fundos para Escolas de Enfermagem credenciadas pelo Estado (WILLEVER; PARASCANDOLA, 1994).

Ao contrário dos cursos de esforço de guerra intensivos organizados na Capital brasileira, a Lei de Bolton de 1943 explicitava que este investimento em cursos para esforço de guerra não poderia ser feito de maneira apressada, como ressalta o seguinte trecho: “Tornou-se evidente durante 1942 que enfermeiras não poderiam ser treinadas rápido o suficiente, para atender à demanda crescente das populações civis e militares.” (THE BOLTON ACT, 1943).

Também houve a criação de uma Divisão de Enfermagem na Força Aérea, em setembro de 1942, na qual as enfermeiras profissionais deveriam servir no máximo seis meses na unidade hospitalar da Força Aérea Norte-americana do Exército, antes de tentar admissão na Escola de Enfermagem do Ar. Além disso, havia outros requisitos (altura, peso e idade entre 21 e 36 anos) para a admissão. O curso durava quatro semanas, e passou em novembro de 1943 para oito semanas, e todas as mulheres eram voluntárias (KALISCH, KALISCH, 1978).

Assim, também foram implantadas várias leis nos Estados Unidos, a fim de que viesse a ocorrer o efetivo envio de enfermeiras para o Teatro de Operações, antes mesmo deste país

aderir à guerra. De certo, isto demonstrava a preocupação e previsão de autoridades políticas, como o próprio presidente norte-americano Franklin Roosevelt, vislumbrando as enfermeiras como essenciais para este conflito, através de aparato legal e investindo financeiramente em seu treinamento. O que tinha de semelhante ao caso brasileiro, contudo, era o uso social da mídia para influenciar a adesão das mulheres (OLIVEIRA, 2010).

Ainda, deve-se levar em consideração a diferença cultural e social, bem como o desenvolvimento econômico entre os dois países. Um vivia uma democracia, enquanto outro uma ditadura. Um fez da guerra a possibilidade de alimentar a sua indústria e comércio, tornando-a uma guerra de esbanjamento, o outro sofreu bastante com a escassez de itens essenciais.

Tais menções ao caso norte-americano (ainda que pontuais) são consideráveis, se tomarmos como referência a apropriação pelas Escolas de Enfermagem brasileiras de modelos e práticas desenvolvidas pela Enfermagem dos Estados Unidos, especialmente promovidas no bojo da Missão Parsons, como tratado por Sauthier (1996) e Santos (1998) e, inclusive, no contexto da Segunda Guerra Mundial, como tratado por Oliveira (2010).

Ampliar o debate histórico e sociológico sobre os aspectos aqui tratados, especialmente no que diz respeito à aplicação da Enfermagem em situações e cenários de caos, foi uma das preocupações da presente pesquisa. Não se optou por fazer um estudo de cunho histórico-social descolado das necessidades do momento presente, mas um estudo que pudesse fazer refletir e enxergar melhor (pelo menos para esta autora) os desafios que ainda temos que enfrentar no momento presente.

Para o bem e avanço da humanidade, precisamos ainda mais entender os efeitos deletérios das guerras, de tudo o que há de ruim que existe por detrás de um conflito, de construirmos discursos de pacificação mesmo. Contudo, precisamos estar preparados para tais situações, o que implica reconhecermos primeiramente o quanto as dificuldades passadas precisam ser suplantadas.

Por certo, a capacitação de profissionais para o cuidado de Enfermagem (e de Saúde) durante as situações de caos ainda é um problema, digno de amplo debate, se consideradas as estruturas atuais dos currículos de formação na área, por exemplo. Ou seja, ainda não existe no país programas de treinamento intensivo centrados nisso, seja em termos de Enfermagem civil ou militar (WYND, 2006). Estamos atrasados!

De fato, a experiência da Segunda Guerra Mundial contribuiu, em alguns países (como nos Estados Unidos) para a compreensão da saúde e cuidado humano e da resposta a emergências. Não à toa, muitas Teorias de Enfermagem se desenvolveram no pós-guerra

(GOBBIE; QURESHI, 2006). Outrossim, a prática da Enfermagem Militar passou a ganhar mais *status*, especialmente por conta de sua exposição aos avanços na área da Saúde estimulados pelos tempos de guerra, como o uso da penicilina, de técnicas de triagem e evacuação, de resposta a ataques aéreos, de atendimento avançado ao trauma. Esta prévia contribuiria para que a prática de Enfermagem Militar alcançasse patamares elevados, no que tange aos cuidados mais sofisticados no atendimento de emergência civil, por exemplo, unidades MASH⁶² e a "hora de ouro" para o rápido atendimento em trauma e emergência, traduzidos para regionalização a nível civil de sistemas pré-hospitalares e de trauma (KING; JATOI, 2005).

Além de tudo, a eclosão da Segunda Guerra provocou a aproximação das sufragistas da Europa e dos Estados Unidos às lideranças da Enfermagem em torno das demandas do campo, e também para promover postos na hierarquia militar (ARMENY, 2003, p.17-29). Em contrapartida, no Brasil, os aparentes ganhos advindos da militarização da sociedade (e da própria Enfermagem) tiveram resultados dúbios para as novas profissionais, pois não se fez previsão de que mulheres enfermeiras viessem a ocupar postos militares no pós-guerra imediato, fazendo valer uma ideologia militar-patriarcal que pouco privilegiava o papel da mulher. De fato,

é justamente no períodos de guerra que os movimentos feministas são interrompidos. Além disso, a guerra acaba intensificando e reforçando as identidades do homem e da mulher – e, principalmente após o conflito, a construção do que é “feminino” surge através dos discursos da maternidade – desencadeados pela queda demográfica causada pela guerra (MELO, 2010, p. 865-866).

Aliada a este fato, a propaganda no período getulista do Estado Novo, utilizada como estratégia, teve como finalidade a persuasão das classes subalternas de que a ideologia dominante correspondia aos interesses gerais da “nação” e aos seus interesses. Vislumbrava também a reprodução da subordinação ao Estado, assim como aos interesses do capital, indiretamente. Essa subordinação se concretizaria por meio da submissão passiva na participação efetiva através do trabalho, configurando uma mobilização econômica, e nas decisões governamentais, configurando uma desmobilização política (GARCIA, 1982). Ainda sobre a propaganda no Estado Novo, García (1982) aponta que havia “a necessidade de obter a adesão das classes subalternas à ideologia, o que exigia sua prévia elaboração, de molde a ocultar sua vinculação com os interesses do capital e torná-la persuasiva”.

⁶² Sigla em inglês de *Mobile Army Surgical Hospital*, que significa Hospital Cirúrgico Móvel do Exército.

Por esse motivo, a propaganda e a imprensa (escrita) tornaram-se armas recorrentes do Estado para facilitar o funcionamento de suas instituições, em grandes proporções. Impressionar e convencer são as duas principais armas da propaganda, que no regime autoritário tem em seus aspectos a união das ideologias com a política, de uma política em movimento, a fim de converter a vontade das massas e de grupos (DOMENACH, 1955).

Isto é, a imprensa, seja ela de oposição ao governo ou coligada a ele, ofereceu meios para a difusão de seus ideais estadonovistas (SCHURSTER, 2010, p. 471). E, ainda atualmente, a mídia jornalística prossegue com a (o)missão e seleção de notícias, de acordo com seus interesses ou de interesses de terceiros, com o objetivo de utilizá-las como estratégia de manipulação da opinião pública, configurando a população como “massa de manobra”.

De acordo com Mouilland e Porto (2002), “a informação é o que é possível e o que é legítimo mostrar, mas também o que devemos saber, o que está marcado para ser percebido”. Assim, a notícia arquitetada pela imprensa é responsável pelo que os cidadãos devem ler e devem fazer (SCHURSTER, 2010, p. 471). Além disso,

o momento vivido exigiu a “conscientização” de um cidadão solícito, pronto a auxiliar o Estado em suas investidas no conflito. As diversas campanhas que surgiram apontam a necessidade de doação integral à causa. O cidadão brasileiro civil é levado ao *front* por outros meios, luta com outras armas, mas o inimigo é o mesmo (SCHURSTER, 2010, p.501).

Por fim, o capital simbólico que as Escolas de Enfermagem da Capital Federal brasileira buscaram acumular foi definido muito em função das suas necessidades de materialização do reconhecimento que julgavam devido a elas mesmas, o que foi determinado pela sua prontidão e participação ativa na organização de cursos intensivos voltados para guerra. Pode-se dizer que, àquela época, no campo da Enfermagem, o que estava em jogo eram também os monopólios de sua competência (capacidade de falar e de agir legitimamente, isto é, de maneira autorizada e com autoridade) e de sua autoridade científica (capacidade técnica e poder social), que são socialmente consentidos a uma determinada instituição ou agentes (BOURDIEU, 2004).

E, estas instituições, que se encontravam inseridas no campo da Enfermagem, possuíam um conjunto comum de interesses indispensáveis, ou seja, “[...] tudo o que está ligado à existência mesma do campo. Isto leva à construção de uma cumplicidade objetiva, que permanece subjacente a todos os conflitos e antagonismos existentes” (SOBRINHO, 2002, p.51). Essa cumplicidade não se expressou formalmente, mas de forma consentida e tácita por todas as Escolas de Enfermagem. Assim, apesar das relações entre os agentes integrantes do

campo da Enfermagem serem permeadas de cooperação, nelas coexistiram também o conflito e as disputas pela autoridade, para falar e agir em nome do campo. Isto é, apesar da cooperação entre as instituições para a criação e organização destes cursos intensivos, havia nas “entrelinhas” a forte presença da luta pelo poder simbólico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decurso do regime ditatorial do Estado Novo (1937-1945), no bojo da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o presidente Getúlio Dornelles Vargas vinculou o Exército ao sistema educacional do país através do desenvolvimento de um projeto de segurança nacional, que buscou, através de uma política estratégica de mobilização controlada, empreender a militarização da sociedade brasileira.

A eclosão da Segunda Guerra Mundial, e o forçoso estreitamento de relações entre Brasil e Estados Unidos, capitalizadas pelo Pan-Americanismo e pela Política de Boa Vizinhança, constituíram-se em ocasião sobremaneira oportuna para mobilizar a população, e uni-la com ideais cívicos nacionalistas em torno das Forças Armadas.

Perante a este fato, construiu-se a cultura “meninos escoteiros e meninas enfermeiras”, e desenvolveu-se, por conseguinte, a conclamação e enaltecimento de mulheres enfermeiras na moldagem de uma imagem pública favorável: da enfermeira tomada como símbolo da Mãe-Pátria. Assim, o governo brasileiro passou a adotar estratégias de constituição de um *front* interno, que previa a mobilização de mulheres para, como enfermeiras, formarem uma reserva que seria aproveitada nos cuidados às vítimas de guerra, na ocasião de possíveis ataques ao território brasileiro.

Diante do reduzido quantitativo de enfermeiras profissionais existentes à época no país, a dificuldade de equiparação das Escolas de Enfermagem com o “Padrão Anna Nery” e a grande necessidade de mulheres atuarem como enfermeiras na possibilidade de ataques ao território e de convocação destas para as Forças Armadas brasileiras, iniciaram-se a organização de diversos cursos intensivos de Enfermagem de guerra pelo país.

Nessa atmosfera de guerra e de forte apelo patriótico, as Escolas de Enfermagem da Capital Federal da época (Cruz Vermelha Brasileira, Escola Anna Nery, Escola de Enfermagem Alfredo Pinto e Escola de Enfermeiras Luiza de Marillac) começaram a demonstrar preocupações com o possível envolvimento do Brasil na contenda, e a desenhar parcerias entre elas ou com outras instituições (que não de Enfermagem) para, assim, treinarem mulheres voluntárias para a prática de Enfermagem de Guerra.

Estas parcerias foram empreendidas no sentido de se preparar mulheres através da realização de cursos intensivos. Outrossim, evidenciou-se uma luta propriamente simbólica entre estas escolas, para a obtenção de destaque e distinção no preparo destas voluntárias para a Segunda Guerra Mundial e, por extensão, para a conquista de poder e prestígio institucional. Tal luta pode ser entendida aqui como uma forma de classificação, que converge para a

definição da identidade, ou seja, uma relação de forças materiais e simbólicas entre os envolvidos que tem como estratégia arbitrária a imposição.

Ao todo, foi contabilizado um total de 11 cursos intensivos de esforço de guerra organizados por estas Escolas. Esta razoável quantidade de cursos oferecidos evidencia o empenho destas Escolas de Enfermagem no contexto de guerra, assim como das instituições parceiras no atendimento também da política de militarização da sociedade, experienciada no bojo do Estado Novo, o que traduz certas apropriações do campo militar ao *habitus* da enfermeira: de prontidão, abnegação, de alerta e de marcha.

Com efeito, essa mobilização de mulheres como voluntárias (enfermeiras-socorristas), neste contexto, pode ser considerada como uma ruptura do discurso paternalista, que afirmava ser no lar o lugar da mulher. Desta forma, a mobilização, via militarização da sociedade, adensada durante os anos de Segunda Guerra, serviu para elucidar os moldes da metáfora da Pátria-Mãe, a qual promoveu a transposição dos valores imagéticos da vocação feminilizante da mulher no seio familiar para o recrutamento dessas voluntárias, a fim de atuarem nos *fronts* interno e externo (OLIVEIRA, 2010).

Como estratégia para captação de um número alto de alunas, foi realizada ampla divulgação dos cursos em alguns periódicos daquela época, como: Diário de Notícias, A Noite e A Manhã, os quais se constituíram em objeto de análise neste estudo. O curso de Voluntárias Socorristas confirmou-se como o que obteve maior número de inscritas. Muitas vezes encadeado ao chamamento para estes cursos, conjugou-se o discurso patriótico em diversas notícias, o que promovia a inculcação do processo de militarização social, inclusive através da imprensa escrita. Os “furos jornalísticos” tendiam à homogeneização, incorporando ideias do Estado Novo, e reificando e atrelando a imagem da mulher com a Enfermagem.

Com o exercício de aproximação com os conceitos e noções da Teoria do Mundo Social de Pierre Bourdieu, delineou-se a ideia de que as notícias tratadas neste estudo, que foram veiculadas pela imprensa escrita (via Departamento de Imprensa e Propaganda) da época, oportunizaram o empoderamento simbólico das Escolas de Enfermagem, que estiveram empenhadas na criação e organização de cursos de Enfermagem de Guerra, como também regalaram certos lucros simbólicos para aquelas mulheres voluntárias, que se mostraram publicamente empenhadas em reproduzir o discurso militar/patriótico.

Em geral, estas notícias foram veiculadas de modo verossímil, na tentativa de influenciar o leitor na formação de sua opinião, atributo conferido mesmo à imprensa, especialmente daquele recorte temporal. Aliás, o contexto ardiloso de guerra se fez propício no sentido de sensibilizar e fazer inculcar certos aspectos e ideias. De antemão, é necessário

considerar que o discurso jornalístico é mesmo tido como um espaço de produção de sentido, na medida em que ele aponta as suas opiniões e opera um posicionamento pré-definido.

Operou-se, no processamento da análise das fontes jornalísticas, a percepção da imprensa como um meio de comunicação capaz de gerar e fixar representações acerca de fatos, pessoas, espaços e datas, e também como um lugar de memória, espécie de enciclopédia do cotidiano de uma dada sociedade. O desafio, aqui, residiu mesmo no fato de tentar compreender como foram constituídas, neste contexto pretérito, as representações e a visibilidade dos cursos de Enfermagem de guerra.

Com efeito, a imprensa daquele recorte temporal foi um importante veículo de formação e manipulação de opiniões, assim como atualmente se dá com a indústria televisiva, guardadas as devidas proporções. Entre as publicações veiculadas e permitidas pelo Departamento de Imprensa e Propaganda, destacavam-se as que faziam alusão às comemorações cívicas, que exploravam o patriotismo, e exaltavam a memória cívica, de onde emergem uma de suas principais personagens: a enfermeira, o que, amiúde, endossa os esquemas pedagógicos construídos por Getúlio Vargas durante o Estado Novo.

Assim, tais registros noticiosos, apesar de serem apresentados nos periódicos de modos distintos, deram visibilidade a esses cursos intensivos de esforço de guerra, obtendo, como consequência, considerável número de voluntárias inscritas. Outro aspecto é que a visibilidade conquistada pelas Escolas de Enfermagem na imprensa escrita da época, no movimento de noticiar seus cursos, evidenciou não só a cooperação entre elas mesmas, mas também a luta simbólica, como bem demonstraram outros estudos realizados em outros recortes temporais, como o de Porto (2007).

Indubitavelmente, a Cruz Vermelha Brasileira, durante esse ínterim, agiu de modo destacado no preparo de voluntárias, atuando essencialmente como norteadora destes cursos, mesmo quando a Escola Anna Nery era responsável, em vez da Cruz Vermelha (como os cursos de Voluntárias Socorristas na Caixa Econômica Federal e no Serviço de Recenseamento). Isto devido também à sua experiência prévia adquirida, e pelo fato de ter sido uma instituição essencialmente criada para atender às demandas de guerra. No Brasil, foi criada para atender as necessidades da Primeira Guerra Mundial, quando também organizou cursos de preparo de voluntárias, inclusive.

Também, pode-se inferir que tais cursos de esforço de guerra obtiveram, de algum modo, certa eficácia simbólica, pois a maioria das mulheres formadas no curso de Voluntárias Socorristas, organizado pela Cruz Vermelha Brasileira, fez parte do Quadro de Enfermeiras

da Reserva do Exército, da Força Expedicionária Brasileira, que atuou no Teatro de Operações Europeu.

Lucros também para a Escola de Enfermagem Anna Nery que, como instituição de educação complementar integrada à Universidade do Brasil (atualmente Universidade Federal do Rio de Janeiro), àquela época, já estabelecera planos para práticas extensionistas, o que fora previamente previsto no Decreto nº 19.851, de 1931, que tratou do ensino superior e da organização técnica e administrativa das universidades brasileiras. Com o término da Segunda Guerra, passou a ser de fato uma unidade de ensino superior da atual UFRJ, via Lei 8.393, de 17 de dezembro de 1945.

Pôde-se perceber também que ocorreu um movimento homogêneo de mobilização de mulheres, como no caso da reformulação das disciplinas da Escola de Enfermeiras Alfredo Pinto, que estabeleceu em 1943 a disciplina de Serviços de Guerra, via aparato legal, o que denota a preocupação desta outra Escola com o preparo de mulheres para a guerra, de forma permanente, semelhante ao preparo de enfermeiras para atendimento às demandas de guerra nos Estados Unidos. Da mesma forma, aconteceu a realização de cursos de voluntárias, organizado pela Cruz Vermelha Internacional em outros países, como verificado no caso norte-americano.

Da análise que fizemos a partir da reunião e acesso das fontes históricas, que retrataram a participação das Escolas de Enfermagem neste movimento de mobilização para a Segunda Guerra Mundial, através da organização dos cursos, provavelmente, a participação da Escola de Enfermagem Luiza de Marillac tenha sido limitada, primeiramente devido a sua criação ter ocorrido somente em 1939 (no contexto de eclosão da Segunda Guerra), e seu processo de organização e estruturação durante esse íterim (início da década de 1940). Também deve-se levar em consideração que o *habitus* religioso considera padrões e condutas distintos das outras três Escolas de Enfermagem, os quais não preveem necessariamente se fazer ver publicamente, como em imagens nas reportagens jornalísticas. Assim, acredita-se que tais características possam ter definido menor número de registros noticiosos sobre esta Escola, sendo necessária uma investigação mais amíúde sobre este aspecto.

Enfim, da análise dos cursos oferecidos pelas Escolas de Enfermagem da Capital Federal do país durante a Segunda Guerra Mundial fica explícito o seu destacado envolvimento, no sentido de minorar os efeitos dramáticos que geralmente encerram as situações de conflito militar. Nesse processo, centenas de brasileiras obtiveram a possibilidade de darem uma contribuição original e sem par na história do país, dada a particularidade do contexto histórico por elas bem vivido.

Como ponto de reflexão e reconsideração, a partir da apresentação dos dados aqui reunidos, fica a dúvida sobre como estamos de fato preparados para, no momento presente, intervirmos em situações de caos. Assim, repensarmos a prática da profissão, no que se refere a este ponto, é uma tarefa necessária e tomada aqui como relevante. Outro ponto a considerar é a aplicabilidade da prática voluntária, no sentido de se superar eficazmente certos obstáculos, complementando as práticas sociais. Sobre isso, a experiência passada pelo Brasil, durante a Segunda Grande Guerra, parece um bom exemplo.

Também foi observado que a mobilização daquelas mulheres franqueou às mesmas a transposição das fronteiras entre o mundo privado e o mundo público, o que as incorporou ao mundo do trabalho e a campos consagrados antes somente aos homens, como o militar.

De fato, o período do Estado Novo contribuiu para valorizar a profissão de enfermeira. Com o envolvimento direto do Brasil na Segunda Guerra Mundial, isso foi intensificado sobremaneira, especialmente através da difusão da informação em jornais e revistas da época. No final das contas, essa estratégia de manipulação simbólica garantiu o acúmulo de alguns lucros para a profissão, principalmente no que diz respeito ao aumento de sua visibilidade e reconhecimento de sua necessidade em momentos de caos.

REFERÊNCIAS

FONTES HISTÓRICAS

Arquivo Setorial da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, UNIRIO (Rio de Janeiro):

UNIRIO. EEAP. Arquivo Setorial. **Anais da Colônia Gustavo Riedel**. v.6, 1943.

Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro):

A MANHÃ. **Iniciado ontem o curso de Emergência e Socorro de Guerra na Escola Ana Neri**. nº182, ano 1, 13 mar.1942, p.3.

A MANHÃ. **Pequenas notas**. nº 185 , ano 1, 17 mar.1942, p.4.

A MANHÃ. **A participação da mulher nos serviços auxiliares da guerra**. nº 187, ano 1, 19 mar.1942, p.3,8.

A MANHÃ. **Uma modelar e humanitária instituição a serviço do Brasil**. nº 189, ano 1, 21 mar.1942, p.3,10.

A MANHÃ. **Da mulher fútil a mulher útil**. nº 207, ano 1, 12 abr.1942, p.7.

A MANHÃ. **Como foi comemorado nesta capital o “Dia da Enfermeira”**. nº 230, ano 1, 21 maio 1942, p.2.

A MANHÃ. **Encerram-se hoje as cerimônias comemorativas da Semana de Caxias**. nº 321, ano 1, 25 ago.1942, p.7.

A MANHÃ. **Fiéis ao grande exemplo de Ana Neri/A festividade de ontem na Escola Ana Neri**. nº 362, ano 2, 30 ago.1942, p.1-2.

A MANHÃ. **Resenha Científica/Socorristas**. nº 393, ano 2, 18 nov.1942, p 3.

A MANHÃ. **As enfermeiras socorristas**. nº408, ano 2, 5 dez 1942, p.4.

A MANHÃ. **Cruz Vermelha Brasileira**. nº411, ano 2, 9 dez 1942, p.7.

A MANHÃ. **Resenha Científica/O Brasil precisa de Enfermeiras**. nº 453, ano 2, 10 fev 1943, p.2.

A NOITE. **Prontas para cumprir seu dever/Entrega de certificados**. nº10874, ano 31, 21 maio 1942, p.2.

A NOITE. **Enfermeiras, Reserva de Exército Nacional**. nº 10.969, ano 32, 24 ago.1942, p.16.

A NOITE. **Novos cursos de emergência da Cruz Vermelha**. nº 11.005, ano 32, 29 set.1942, p.10.

A NOITE. **Inaugurado o curso de Voluntárias Socorristas da Penha.** nº 11.036, ano 32, 30 out.1942,p.10.

A NOITE. **Serão chamadas pelo rufar dos tambores e pelo toque dos clarins.** nº 11.068, ano 32, 2 dez 1942, p.1,6.

A NOITE. **A solenidade de hoje no Teatro Municipal.** nº 11.157, ano 32, 3 mar.1943, p.7.

A NOITE. **O encerramento do Curso das Socorristas do Ministério da Justiça.** nº 11.346, ano 33, 12 set.1943, p.4.

A NOITE. **Novas voluntárias socorristas da Cruz Vermelha.** nº 11384, ano 33, 20 out.1943, p.2.

A NOITE. **Nova Turma de Enfermeiras/Socorristas da Cruz Vermelha Brasileira.** nº 11.591, ano 33, 21 maio 1944, p.8.

A NOITE. **Novas Voluntárias Socorristas.** nº 11.611, ano 33,10 jun.1944, p.8.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. **O dia da Enfermeira/As comemorações realizadas ontem nesta capital.** nº 6.002, ano 12, 21 maio 1942, p.3-4.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. **Cruz Vermelha Brasileira.** nº 6.135, ano 13, 23 out.1942, p.8.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. **Diplomadas 420 novas socorristas da Cruz Vermelha Brasileira/A cerimonia cívica de ontem no Teatro Municipal.** nº 6.168, ano 13, 2 dez.1942, p.3.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. **Uma festa no Patronato Operário da Gávea.** nº 6.180, ano 12,16 dez 1942, p.6.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. **Curso de Enfermeiras Socorristas do DNC/O discurso do sr. Jaime Fernandes Guedes na solenidade realizada ontem na A.B.I.** nº 6.226, ano 13, 10 fev 1943, p.3.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. **Voluntárias socorristas da C.V.B./A solenidade de ontem no Teatro Municipal.** nº 6.245, ano 13, 4 mar.1943, p.4.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. **O encerramento do Curso de Socorristas do Ministério da Justiça.** nº 6.407, ano 14, 12 set.1943, p.3.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. **Despachos do Conselho Nacional do Trabalho.** nº 6.671, ano 15, 22 jul.1944, p.2.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. **Associação de Voluntárias da Escola “Ana Néri”.** nº 6.781, ano15, 29 nov.1944, p.6.

REVISTA DA CRUZ VERMELHA BRASILEIRA. **Soldados da Cruz Vermelha Brasileira.** jul. 1943, p.7.

REVISTA DA CRUZ VERMELHA BRASILEIRA. **A Caixa Econômica Federal do Rio de Janeiro leva a sua primeira contribuição às Legiões da CVB.** jul. 1943, p.17.

REVISTA DA CRUZ VERMELHA BRASILEIRA. **Escola da Cruz Vermelha Brasileira.** ago. 1943

REVISTA DA CRUZ VERMELHA BRASILEIRA. **Contra capa.** Ago.1943.

REVISTA DA CRUZ VERMELHA BRASILEIRA. **Enfermeiras Voluntárias.** fev. 1944, p.17.

REVISTA DA CRUZ VERMELHA BRASILEIRA. **Nova turma de Enfermeiras Socorristas.** mai.1944. p.5.

Centro de Documentação Escola de Enfermagem Anna Nery, UFRJ (Rio de Janeiro):

UFRJ. EEAN. CD. **Caixa do Gabinete da Direção da Escola de Enfermagem Anna Nery.** 1938/1950

UFRJ. EEAN.CD. **Programa do curso de Samaritanas Socorristas.** Série As Pioneiras. Caixa 35. 1943

UFRJ. EEAN.CD. **Relatório Anual da Diretora,** jul. 1939.

UFRJ. EEAN.CD. **Relatório Anual da Diretora,** set. 1939.

UFRJ. EEAN.CD. **Relatório Anual da Diretora,** out. 1939.

UFRJ. EEAN. CD. **Série Socorristas Voluntárias de Guerra (1942- 1945).** Caixa 92.

UFRJ. EEAN. CD. **Série Socorristas Voluntárias de Guerra (1942- 1945).** Caixa 93.

UFRJ. EEAN. CD. **Série Socorristas Voluntárias de Guerra (1942- 1945).** Caixa 98.

UFRJ. EEAN. CD. **Série Socorristas Voluntárias de Guerra (1942- 1945).** Caixa 99.

Outros documentos oficiais:

BRASIL. **Decreto nº10. 472, de 22 de setembro de 1942.** Aprova o regulamento da Escola de Enfermeiros Alfredo Pinto.

_____. **Decreto nº 10.358, de 31 de agosto de 1942.** Declara o estado de guerra em todo território nacional.

BRASIL. **Decreto nº19.851, de 11 de abril de 1931.** Estatuto das Universidades Brasileiras.

_____. **Decreto-Lei nº4.725, de 22 de setembro de 1937.** Reorganiza a Escola Profissional de Enfermeiros criada pelo decreto n. 791, de 27 de setembro de 1890, e dá outras providências.

_____. **Decreto-Lei nº8.393, de 17 de dezembro de 1945.** Concede autonomia, administrativa financeira, didática e disciplinar, à Universidade do Brasil, e dá outras providências.

_____. **Lei nº452, de 5 de julho de 1937.** Organiza a Universidade do Brasil.

_____. **Lei nº 775, de 6 de agosto de 1949.** Dispõe sobre o ensino de enfermagem no país e dá outras providências.

_____. Ministério da Guerra. **Decreto-Lei nº 6.097, de 13 de dezembro de 1943.** Publicado no Diário Oficial da União nº 290, de 15 de dezembro de 1943. Transcrito no Boletim do Exército nº 51, de 13 de dezembro de 1943 (p. 4.478). Dispõe sobre a criação do Quadro de Enfermeiras da Reserva do Exército Brasileiro.

UNITED STATES. **The Bolton Act, de 15 de junho de 1943.** Introduced. United States Cadet Nurse Corps.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABUD, Katia Maria. Formação da alma e do caráter nacional: Ensino de História na Era Vargas. **Rev. bras.Hist.** São Paulo, v.18,n16.1998.

AHRENFELDT, Robert Henry. **Psychiatry in the British Army in the Second World War.** London: Routledgeand Kegan Paul Ltd, 1958.

ALMEIDA FILHO, Antônio José de. **A Escola Anna Nery no “front” do campo de educação e o (re)alinhamento de posições de poder (1931-1949).** Tese (Doutorado em Enfermagem)-Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2004.

AMORIM, Wellington Mendonça de. **A reconfiguração da primeira Escola de Enfermagem brasileira: A Missão de Maria Castro Pamphiro (1937-1949).**Tese (Doutorado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2004

AMORIM, Wellington Mendonça de; BARREIRA, Ieda de Alencar. As circunstâncias do processo de reconfiguração da Escola Profissional de Assistência a Psicopatas do Distrito Federal. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem.** n.10, v.2.2006.

ARAÚJO, Jairo Melo. **O voluntariado na contramão dos direitos sociais.**São Paulo: Cortez, 2008.

ARMENY, Susan. **Organized nurses, women philanthropists, and the intellectual bases for cooperation among women, 1898-1920.** In: Lagemann, Ellen C. (Ed.). *Nursing history: new perspectives, new possibilities.* North Tarrytown: Rockefeller Archive Center; New York: Teachers College Press. p.13-45. 1983

ARNOLD, Edmund C. **Tipografia y diagramado para periódicos.** Nova York, Mergenthaler Linotype Company, 1965.

BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. *In:* PINSKY, Carla Bassanezi(org). **Fontes históricas.** 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008.

BAPTISTA, Suely de Souza; BARREIRA, Ieda de Alencar. Docentes e estudantes no processo de mudança do ensino de enfermagem no Brasil. **Texto contexto-enferm.** Florianópolis, v.8, n.1, p.57-79, jan/abr.1999.

BAPTISTA, Suely de Souza; BARREIRA, Ieda de Alencar. Condições de surgimento das escolas de enfermagem brasileiras. **Rev. Alternativa Enferm.** v.1,n.2. p.4-16, mai.1997.

BARBOSA, Jefferson Rodrigues. **Integralismo e ideologia autocrática chauvinista regressiva: crítica aos herdeiros do sigma.** Tese (Doutorado em Ciências Sociais)-Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília. 2012.

BARBOSA, Ana Claudia de Souza; PORTO, Fernando Rocha. A Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira na Imprensa Escrita. **Revista Latino-Americana de Enfermagem (USP. Ribeirão Preto. Impresso)**, v. 10, p. 90-94, 2006.

BARREIRA, Ieda de Alencar. A reconfiguração da prática da enfermagem em meados do século 20. **Texto e contexto enferm.** Florianópolis. v.14, n.4. out/dez.2005.

BARREIRA, Ieda de Alencar; BAPTISTA, Suely de Souza; SAUTHIER, Jussara; SANTOS, Tânia Cristina Franco; APERIBENSE, Pacita Geovana Gama de Souza; PERES, Maria Angélica de Almeida; OLIVEIRA, Alexandre Barbosa; ALMEIDA FILHO, Antonio José de. Primeira República: A implantação da enfermagem laica e seus desdobramentos (1889-1930). *In*: BORENSTEIN, Miriam Susskind; PADILHA, Maria Itayra; SANTOS, Iraci dos. **Enfermagem: História de uma profissão.** São Paulo: Editora Difusão Paulista, 2011.

BARROS, José D'Assunção. A história social: seus significados e seus caminhos. **Revista LPH.** Minas Gerais. nº15, 2005. Disponível em: <http://nupeh.webs.com/Historia%20Social.%20UFOP,%202005.pdf>. Acesso em: 10 de janeiro de 2015.

BARROS, José D'Assunção. **O Campo da História – Especialidades e Abordagens.** Petrópolis: Vozes, 2004.

BERNARDES, Margarida Maria Rocha. **O grupamento feminino de Enfermagem do Exército na Força Expedicionária Brasileira durante 2ª Guerra Mundial: uma abordagem sob o olhar fotográfico (1942-1945).** Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Faculdade de Enfermagem, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2003.

BESSA, Marina do Nascimento; AMORIM, Wellington Mendonça de. Aspectos da formação Profissional na escola de enfermagem Alfredo Pinto (1943-1949). **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, abr. 2006.

BEZERRA, Maria Regina Marques. **A Enfermagem e a aliança da Igreja com o Estado: Escola de Enfermeiras Luiza de Marillac.** Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2002.

BEZERRA, Maria Regina Marques; BAPTISTA, Suely de Souza. A criação da Escola de Enfermeiras Luiza de Marillac: estratégia para a manutenção do poder da igreja católica nos espaços hospitalares. **Esc. Anna Nery.** Rio de Janeiro, v.6, n.2, ago. 2002.

BOTELHO, José Francisco; LACERDA, Ricardo. Veja como era o cotidiano do Brasil durante a Segunda Guerra Mundial. **Aventuras na História.** 2012. Disponível em: <http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/veja-como-era-cotidiano-brasil-durante-segunda-guerra-mundial-729408.shtml>. Acesso em: 22 fev. 2014.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento.** São Paulo: Edusp, 2007a.

_____. **A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer.** 2. ed. São Paulo: Edusp, 1998.

_____. **A Produção da Crença** - Contribuição Para Uma Economia dos Bens Simbólicos - 2ª Edição. 2004.

_____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. **Dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand. Brasil. 2003.

_____. **A miséria do mundo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007b.

_____. **Escritos de educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

_____. **O poder simbólico**. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

_____. **Razões e práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papyrus, 1996.

_____. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BURKE, Peter. **A escrita da História**. São Paulo. Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

BRIQUET, Raul. **Manual da Socorrista de Guerra**. Revista dos tribunais. São Paulo, 1943.

CALDAS, Nalva Pereira. Zaíra Cintra Vidal: uma vida consagrada à enfermagem e à saúde do povo. **Rev.Enferm. UERJ**. Rio de Janeiro: v.6, n.2, p.435-440, 1998.

CAMPOS, Maria Cristina S. de Souza. **A associação da fotografia aos relatos orais na reconstrução histórico-sociológica da memória familiar**: reflexões sobre a pesquisa sociológica. São Paulo: Centro de Estudos Rurais e Urbanos, 1992.

CAMPOS, Paulo Fernando de Souza; MONTANARI, Patrícia Martins. História social da enfermagem. In: CIANCIARULHO, T.(Coord.). **Pesquisa em História da Enfermagem**. Barueri: Manole, 2011.

CANSANÇÃO, Elza. **E foi assim que a cobra fumou**. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1987.

CANSANÇÃO, Elza. **Um! Dois! Esquerda! Direita! Acertem o passo!** Maceió: Cian, 2003.

CARBONARI, Maria Elisa Ehrhardt; PEREIRA, Adriana Camargo. A extensão universitária no Brasil, do assistencialismo à sustentabilidade. **Revista de Educação**. Itatiba: v. 10, n. 10, p. 23-28, 2007.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 2013.

CARVALHO, Emília Edméa Dezonne. **O Brasil precisa de Enfermeiras**. Rio de Janeiro: Dois irmãos, 1967.

CARVALHO, José Murilo de. Vargas e os militares: Aprendiz de feiticeiro. In: D'ARAÚJO, Maria Celina. **As Instituições brasileiras na era Vargas**. Rio de Janeiro: UERJ/FGV, 1999, p.55-81.

CARVALHO NETO, Paulo de. **Morrer pelo Brasil**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1995.

CELLARD, André. A análise documental. *In*: POUPART, Jean; DESLAURIERS, Jean-Pierre; GROULX, Lionel H.; LAPARRIÈRE, Anne; MAYER, Robert; PIRES, Álvaro. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008.

CESÁRIO, Mariane Bonfante. **Filhas altivas dos ares: A atuação de enfermeiras do primeiro grupo de caça da Força Aérea Brasileira na Segunda Guerra Mundial**. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2014.

CHARTIER, Roger. **História cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1988.

COSTA, Mariete Pinheiro da. **O Parlamento e os Soldados da Borracha no limiar da Segunda Guerra Mundial**. Monografia (especialização) - Centro de Formação, Treinamento e Aperfeiçoamento da Câmara dos Deputados, Curso de Especialização em Instituições e Processos Políticos do Legislativo, 2007.

CYTRYNOWICZ, Roney. **Guerra sem Guerra: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial**. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

DAVID, Hadassa Ester; CAETANO, Márcia. O modelo norte-americano de rádio no Brasil: A disseminação das técnicas jornalísticas durante a Segunda Guerra Mundial. **Rev. Iniciacom**. São Paulo, v.4, n.1. 2012.

DOMENACH, Jean M. **A Propaganda Política**. São Paulo. Difusão Européia do Livro. 1955

DUARTE, António Paulo. A visão da “Guerra Total” no pensamento militar. **Nação e Defesa**. n.112, v.3, p.33-50, 2005.

FAUSTO, Bóris. **História do Brasil**. 14.ed. São Paulo: Edusp; 2012.

FERRAZ, Francisco César Alves. **Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005

FONSECA, Elaine Franco Ribero; PORTO, Fernando Rocha. Fac-símile na pesquisa em História da Enfermagem obstétrica: inauguração da capela Pró-Matre (1923). **R. pesq.: cuid. fundam. [online]**. v.2, n.4, out/dez. 2010.

FONTE, Aline Silva da. **A Escola de Enfermagem Anna Nery e a nova ordem do campo da educação em enfermagem (1949-1961)**. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem Anna Nery - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2009.

GARCIA, Nelson Jahr. **Estado Novo: ideologia e propaganda política – a legitimação do Estado autoritário perante as classes subalternas**. São Paulo: Loyola, 1982.

GEBBIE, Kristine Moore; QURESHI, Kristine A. A Historical challenge: Nurses and Emergencies. **The online Journal of Issues in Nursing**. v.11,n.3.2006.

GERBER, Maria Luiza Lorenzini. **A Formação dos assistentes sociais em Santa Catarina: Um estudo sobre o primeiro curso de Serviço Social do estado(1958-1983)**. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina. 2009.

GILIOLI, Renato de Sousa Porto. **Educação e cultura no rádio brasileiro: concepções de radioescola em Roquette-Pinto**. Tese (Doutorado em) – Universidade de São Paulo, São Paulo. 2008.

GURAN, Milton. **Linguagem fotográfica e informação**. Rio de Janeiro: Gama Filho, 1999.

HAYES, Robert. **Nação Armada: a mística militar brasileira**. Rio de Janeiro: BibliEx.1991.

HOBBSAWN, Eric. **A Era dos Extremos: o breve século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBBSAWN, Eric. **Introdução: A Invenção das Tradições**. In: HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence. A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1997.

ISERSON, Kenneth; MOSKOP, John. Triage in Medicine, Part I: Concept, History, and Types. **Annals of Emergency Medicine**. v. 49, n.3.2007.

KALISCH, Philip A.; KALISCH, Beatrice J. **The Advance of American Nursing**. Estados Unidos: Little, Brown and Company Boston, 1978.

KIENINGER, Clara Louise. **IchDien- The compelling memories of Clara Louise Kieninger: a woman whose life style made her a true humanitarian**. 2 ed. Summit University Press, 2005.

KING, Booker; JATOI, Ismalil. The mobile Army surgical hospital (MASH): A military and surgical legacy. **Journal of The National Medical Association**, v.97, n.5, p. 648-56.2005

KELLET, Anthony. **Motivação para o combate: O comportamento do soldado na luta**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1987.

KOELLER, Kleber Figueiredo Gonçalves. **A atuação do Estado brasileiro através da clínica médica-psiquiátrica na Força Expedicionária Brasileira (1943-1945)**. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SCHURSTER, Karl; LAPSKY, Igor; CABRAL, Ricardo; FERRER, Jorge. O Brasil e a Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2010.

LAMBERT, Vickie; LAMBERT, Clinton. **The Evolution of nursing education and practice in United States**. DALY, John; SPEEDY, Sandra; JACKSON, Debra; LAMBERT, Vickie; LAMBERT, Clinton. In: Professional nursing: Concepts, issues, and challenges. Estados Unidos: Springer Publishing Company. 2005.

LE BON, Gustave. **Psychologie des foules**. 25 ed. Paris: F. Alacan, 1919.

LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de família**. Leituras da fotografia histórica. São Paulo (SP): EDUSP; 1993.

LENHARO, Alcir. **Sacralização da política**. São Paulo: Ed. Campus / Papirus. 1989.

LINHALES, MeilyAssbú. Militares e educadores na Associação Brasileira de Educação: circulação de interesses em torno de um projeto para a educação física nacional (1933-1935). **Educ. rev.**, Curitiba, n. 33, 2009.

LUCA, Tania Regina de. A grande imprensa na primeira metade do século XX. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. **História da Imprensa no Brasil**. 2.ed.. São Paulo, editora Contexto. 2013.

MARCHEZINI, Victor. Dos desastres da natureza à natureza dos desastres. In: VALENCIO, Norma; SIENA, Mariana; MARCHEZINI, Victor; GONÇALVES, Juliano Costa (orgs.). **Sociologia dos desastres – construção, interfaces e perspectivas no Brasil**. São Carlos: RiMa, 2009.

MAGARINOS, Domingos. Nacionalização do Brasil e personalização do brasileiro. **Nação Armada**. Rio de Janeiro, n. 9, p.70-72, ago.1940.

MALAQUIAS, Patrícia Pires. **A preparação e organização do serviço de saúde da Força Expedicionária Brasileira para a Segunda Guerra Mundial**. Monografia (Especialização em Aplicações Complementares às Ciências Militares). Escola de Saúde do Exército-Exército, Rio de Janeiro. 2008.

MARCUSSI, Elaine. **A visibilidade da criação da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Enfermagem)-Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2012.

MECONE, Maria Cristina da Cruz; FREITAS, Genival Fernandes. Representações da Enfermagem na imprensa da Cruz Vermelha (1942-1945). **Texto e Contexto Enferm**. Florianópolis. v.4, n.18, p.741-9.2009.

MELLO, Ana Claudia de Rezende Costa Dutra. **As mulheres e as relações de gênero na Segunda Guerra Mundial**. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SCHURSTER, Karl; LAPSKY, Igor; CABRAL, Ricardo; FERRER, Jorge. O Brasil e a Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2010.

MESQUITA, Silvana de Queiroz Nery. **A política cultural norte-americana no Brasil: o caso do OCIAA e o papel das Seleções Reader's Digest 1940-1946**. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2002.

MONTEIRO, Vitor José da Rocha. **Do “Exército de sombras” ao “Soldado-cidadão”**: Saúde, recrutamento militar e identidade nacional na Revista Nação Armada (1939-1947). Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro. 2010.

MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio D. **O Jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

NASCIMENTO, Yanna Cristina Moraes Lira; SANTOS, Regina Maria dos; LIMA, Edinilce Firmino Tenório. **A Imagem construída no cinema, transmitida na TV**. In: SANTOS, Regina Maria dos; NASCIMENTO, Yanna Cristina Moraes Lira. *Imagens do Enfermeiro: Filmes, TV e o Mundo Real*. Maceió: EDUFAL, 2013.

NECES, Marcus Vinicius. **A heróica e desprezada batalha da borracha**. História Viva, edição 8 -Junho 2004. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/a_heroica_e_desprezada_batalha_da_borracha_imprimir.html>. Acesso em: 4 de maio de 2014.

NEVES, Luis Felipe da Silva. **A Força Expedicionária Brasileira: uma perspectiva histórica**. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 1992.

OGUISSO, Taka; DUTRA, Vanderli de Oliveira; CAMPOS, Paulo Fernando de Souza. **Cruz Vermelha Brasileira Filial do Estado de São Paulo: “formação em tempos de paz”**. 1.ed. Barueri, São Paulo. Manole/Minha Editora. 2009.

OLIVEIRA, Alexandre Barbosa de. **Signos do esquecimento: Os efeitos simbólicos da participação das enfermeiras da força expedicionária brasileira na Segunda Guerra Mundial(1943-1945)**. Dissertação (Mestrado em Enfermagem)- Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2007.

OLIVEIRA, Alexandre Barbosa de; SANTOS, Tânia Cristina Franco; PADILHA, Maria Itayra Coelho de Souza; OLIVEIRA, Angélica Ribeiro Pinto de; PERES, Maria Angélica Almeida; CESÁRIO, Mariane Bonfante. No front dos sexos: a marcha de enfermeiras brasileiras para a conquista do serviço militar. **Rev. Eletr. de Enf.**[online]v.15, n. 3. p.638-47. jul/set.2013a.

OLIVEIRA, Alexandre Barbosa de; CESÁRIO, Mariane Bonfante; SANTOS, Tânia Cristina Franco; ORICHIO, Ana Paula Carvalho; ABREU, Marcleide Silva de Azevedo. **Enfermeiras Diplomadas para a Força Aérea Brasileira: A organização de um quadro militar para a Segunda Guerra Mundial**. **Texto e Contexto Enferm.** Florianópolis. v.22, n.3,p.593-602, jul/set. 2013b.

OLIVEIRA, Alexandre Barbosa de; SANTOS, Tânia Cristina Franco. Condecorações de guerra como investidura de bens simbólicos às ex-enfermeirasfebianas. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, Mar. 2010

OLIVEIRA, Alexandre Barbosa de. **Enfermeiras da Força Expedicionária Brasileira no front do pós-guerra: o processo de reinclusão no Serviço Militar Ativo do Exército (1945-1957)**. Tese (Doutorado em Enfermagem)-Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2010.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Apresentação e Introdução. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta; GOMES, Ângela Maria Castro. **Estado Novo, ideologia e poder**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982, p. 7-30.

OLIVEIRA NETO, Mercedes. **A produção da crença na imagem da Enfermeira da Cruz Vermelha Brasileira no período da Primeira Guerra Mundial (1917-1918)**. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

OLIVEIRA NETO, Mercedes; PORTO, Fernando Rocha; NASCIMENTO, Simone Aguiar. Aplicação da semiótica na análise de fac-símiles: uma pesquisa documental. **Online braz. j.nurs.**[online] v. 11,n.3, p. 848-64,dez. 2012.

PADILHA, Maria Itayra Coelho de Souza; BORENSTEIN, Miriam Susskind. O método de pesquisa histórica na enfermagem. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v.14, n.4, p. 575-584, out/dez. 2005.

PANDOLFI, Dulce. **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.

PEDREIRA, Flávia de Sá. Panamericanismo e diferenças identitárias. Revisitando Orson Welles e Carmen Miranda. **Projeto História**. São Paulo. n.36, p.413-20. jun. 2008.

PEDREIRA, Flávia de Sá. Cousas da Guerra: o cotidiano do Trampolim da Vitória. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SCHURSTER, Karl; LAPSKY, Igor; CABRAL, Ricardo; FERRER, Jorge. O Brasil e a Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2010.

PEREIRA, Orozimbo Martins. **Alerta! Catecismo da defesa civil passiva antiaérea**. Rio de Janeiro. Imprensa Nacional. 1942.

PERROT, Michelle. **As Mulheres ou os silêncios da história**. Bauru: Edusc, 2005

_____. PERROT, Michelle. **Os excluídos da História: Operários, mulheres e prisioneiros**. Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

PINHEIRO, Letícia. A entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial. **Rev. USP**. São Paulo. n.26, p.108-119.jun/ago. 1995.

PORTO, Fernando Rocha, OGUISSO, Taka. Nome da “Mãe dos Brasileiros. **Rev. Enferm. em Foco**.Brasília. [suplemento],v.22, p.77-80. 2011.

PORTO, Fernando Rocha; SANTOS, Tânia Cristina Franco. Propagandas de remédio na imprensa ilustrada e a imagem da enfermeira brasileira (1920-1925). **Rev. esc. enferm. USP**. São Paulo, v. 44, n. 3, set. 2010.

PORTO, Fernando Rocha; SANTOS, Tânia Cristina Franco. A divulgação da competência técnica em socorro das enfermeiras da cruz vermelha (SP) nas circunstâncias da Primeira Guerra Mundial (1917-1918). **Revista Eletrônica de Enfermagem** [online].v.8,n.2,p.273-281, 2006.

PORTO, Fernando Rocha. **Os ritos institucionais e a imagem pública da enfermeira brasileira ilustrada: o poder simbólico no click fotográfico (1919-1925)**. Tese (Doutorado

em Enfermagem) - Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2007.

PRESTES, Anita Leocadia. 70 anos da Aliança Nacional Libertadora (ANL). **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 31, n.1, p. 101-120, 2005.

PROVENZI, Daiana Dalsotto de Oliveira. **A Institucionalização do voluntariado: uma análise dos Estatutos dos voluntários do Hospital Universitário e do Hospital de São José Dr. Homero de Miranda Gomes.** Monografia (Bacharel em Serviço Social)- Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2008.

REGO, Daniela Domingues Leão. O Brasil em Marcha. **História Viva**, ed.58, agosto 2008. Disponível em: http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/o_brasil_em_marcha.html. Acesso em: 20/09/2014.

REIS JUNIOR, Almiro dos. Carlos Parsloe (1919-2009) - in memoriam. **Rev. Bras. Anesthesiol.** Campinas, v. 59, n. 4, Ago. 2009 .

RIZZINI, Irma. Saberes psicológicos nas práticas jurídico-assistências dirigidas ao menor (1923-1941). **Rev.Mnemosine.** Rio de Janeiro: v.3, n.1, p.136-155. 2007.

RIZZOTO, Maria Lúcia Frizon. Resgate histórico das primeiras Semanas de Enfermagem no Brasil e a Conjuntura Nacional. **Rev.bras.enferm.** v.59,p.423-7.2006.

ROCHA, Leliane Aparecida Castro. **Projetos Interdisciplinares de Extensão Universitária: ações transformadoras.** Dissertação (Mestrado em Semiótica, Tecnologia de informação e educação)-Universidade Braz Cubas.SãoPaulo,Mogi das Cruzes. 2007.

SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. **Imagem: cognição, semiótica, mídia.** 2ed. São Paulo: Iluminuras Ltda., 1999.

SANTOS, Luiz Antonio de Castro; FARIA, Lina. **Saúde e História.** São Paulo: Editora HUCITEC, 2010.

SANTOS, Tânia Cristina Franco. **A câmera discreta e o olhar indiscreto: a persistência da liderança norte-americana no ensino da enfermagem na capital do Brasil (1928-1938).** Tese (Doutorado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 1998.

SANTOS, Tânia Cristina Franco; BARREIRA, Ieda de Alencar. **O poder simbólico da Enfermagem Norte-Americana no ensino da Enfermagem na Capital do Brasil (1928-1938).** Rio de Janeiro: Escola de Enfermagem Anna Nery/UFRJ, 2002.

SANTOS, Tânia Cristina Franco. Significado dos emblemas e rituais na formação da identidade da enfermeira brasileira: uma reflexão após oitenta anos. **Esc Anna Nery RevEnferm**, v.8,n.1,p.81-86, abr 2004.

SANTOS, Tânia Cristina Franco; BARREIRA, Ieda Alencar. A mulher e a enfermeira na nova ordem social do Estado Novo. **Texto Contexto Enferm.**[online]. Florianópolis, v.17, n.3, p.587-93, jul/set. 2008.

SAUTHIER, Jussara. **A Missão de Enfermeiras Norte Americanas na Capital da República**. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 1996.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista brasileira de História e ciências sociais**. n.1,v.1. 2009.

SCHURSTER, Karl. **Com que roupa eu vou para a guerra que você me convocou? Política e imprensa durante a Segunda Guerra Mundial em Pernambuco (1942-1945)**. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SCHURSTER, Karl; LAPSKY, Igor; CABRAL, Ricardo; FERRER, Jorge. O Brasil e a Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2010.

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria Bousquet; COSTA, Vanda Maria Ribeiro. **Tempos de Capanema**. Rio de Janeiro: Editora FGV 2000.

SEGALEN, Martine. **Ritos e rituais**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Contemporâneos. FGV; 2002.

SERRANO, Estrela. Jornalismo e elites no poder. **Revista Ciberlegenda**. Niterói. n.12, 2003

SILVA, Ana Daniele da Silveira e. **Na vitrina do jornal impresso: A tipografia como arma de sedução**. Mossoró, Rio grande do norte. Monografia (Graduação em Comunicação Social) - Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, Mossoró. 2008.

SILVA, Rafael Souza. **Diagramação: O planejamento visual gráfico na comunicação impressa**. São Paulo: Summus. 1985.

SILVA, Lorena Sabbadini da; VALENTE, Geilsa Soraia Cavalcanti. Resgatando a memória de Aurora de Afonso Costa: uma abordagem de suas contribuições teóricas-práticas para a área da Enfermagem. **Rev. Pesq. Cuid. Fundam. Online**. Rio de Janeiro: v.2, edição suplementar, p, 863-867, 2010.

SILVA JÚNIOR, Osnir Claudiano da. Pesquisa documental. In: OGUISSO, Taka; CAMPOS, Paulo Fernando de Souza; FREITAS, Genival Fernandes de. **Pesquisa em História da Enfermagem**. 2.ed. São Paulo: Editora Manole, 2011.

SOBRINHO, Moisés Domingos. Campo científico e interdisciplinaridade. In: FERNANDES, Aliana; GUIMARÃES, Flávio Romero; BRASILEIRO, Maria do Carmo Eulálio. **O fio que une as pedras: a pesquisa interdisciplinar na pós-graduação**. São Paulo: Biruta, 2002.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda. 1999

SOUZA, Maria do Socorro Batista. **A formação do enfermeiro no Pará: passado e presente 1942-1981**. Rio de Janeiro: Escola de Enfermagem Anna Nery/UFRJ, 1996

SOUZA NETO, José Maria Gomes. **Eu fiz tudo pra você gostar de mim: as festas do Estado Novo**. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SCHURSTER, Karl; LAPSKY, Igor;

CABRAL, Ricardo; FERRER, Jorge. O Brasil e a Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2010.

THOMPSON, E. P. **A Formação da Classe Operária Inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

TOMAIM, Cássio dos Santos. “**Janela da alma**”: cinejornal e estado novo – fragmentos de um discurso totalitário. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2006.

TOTA, Antônio Pedro. Americanização do condicional: Brasil nos anos 40. **Perspectivas**. São Paulo, v.16, p.191-212. 1993.

VALADARES, Altamira Pereira. A Capitã-Enfermeira Altamira Pereira Valadares conta sua participação na FEB. **Revista Amicus**. Batatais, n. 3, p.77-89, maio 2001.

WILLEVER, Heather; PARASCANDOLA, John. The Cadet Nurse Corps. **Public Health Rep.**v.109, n.3,p.555-557, mai/jun.1994.

WYND, Christine. A Proposed Model for Military Disaster Nursing.**The Online Journal of Issues in Nursing**. v. 11,n. 3.2006.

APÊNDICES E ANEXOS

APÊNDICE A

Fontes primárias do estudo

Série/Coleção ou Periódico	Documentos encontrados com aderência à temática:	Total	Localização (Acervo)
A Manhã	Notícias sobre o curso de Socorro de Guerra e nota sobre aulas ministradas.	03	Hemeroteca Digital
A Noite	Notícias sobre o curso de Voluntárias de Guerra e de Socorro de Guerra.	02	Hemeroteca Digital
As Pioneiras (05 caixas)	Sumário das principais realizações da EAN (1931 a 1940), programa de Enfermagem de Primeiro Socorros, recorte de jornal sobre o Curso de Voluntárias, guia de alunas do Curso de Socorro de Guerra (faltando quase todo o conteúdo), programa do Curso Samaritanas Socorristas, ofícios, relação de alunas inscritas no Curso Socorro de Guerra(1942).	55	Centro de Documentação da Escola de Enfermagem Anna Nery- UFRJ
Diário de Notícias	Notícias sobre os cursos de Socorro de Guerra, Voluntárias da Cruz Vermelha, Voluntárias Hospitalares (Patronato da Gávea).	07	Hemeroteca digital
Diretora Laís Netto dos Reis (EAN)	<i>Syllabus</i> (resumo) do curso de voluntárias e Simulação de BLACKOUT.	04	Centro de Documentação da Escola de Enfermagem Anna Nery- UFRJ
Relatórios das diretoras da Escola de enfermagem Anna Nery (1939)	Ofício às alunas do Curso de Socorro de Guerra, entrevista da Cruz Vermelha (relatório sobre aproximação da EAN e Cruz Vermelha), excursão da EAN e suas alunas à Escola Militar, Curso de Socorro de Guerra em colaboração com a Cruz Vermelha.	05	Centro de Documentação da Escola de Enfermagem Anna Nery- UFRJ
Relatório das diretoras (1943)	Convocação de enfermeiras pelo Ministério da Guerra.	01	Centro de Documentação da Escola de Enfermagem Anna Nery- UFRJ
Série Socorristas Voluntárias de Guerra 1942-1945 (nove caixas)	Diplomas, fichas de inscrição, histórico de vida escolar, provas, relação nominal de alunas, relação de alunas aprovadas, programa do Curso de Socorro de Guerra e fichas de estágio.	453	Centro de Documentação da Escola de Enfermagem Anna Nery- UFRJ
Anexos da Dissertação: MOREIRA, Almerinda. Escola de Enfermagem Alfredo Pinto: 100 anos de História. 1990	Decreto 10.472/1942 e listas nominais das diplomadas das turmas de 1934, 1935, 1936, 1937, 1939, 1940, 1941, 1942 e 1944.	14(pg)	Biblioteca da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto
Anais da Colônia Gustavo Riedel	Anais da Colônia Gustavo Riedel, volume 6, 1943 (O Esforço de Guerra da Colônia	12(pg)	Arquivo Setorial da Escola de

	Gustavo Riedel).		Enfermagem Alfredo Pinto- UNIRIO
Atas e Boletins da Cruz Vermelha Brasileira	Ata da sessão da diretoria(30/08/39); Boletim do Órgão Central nº 24- 14/11/41; Boletim do Órgão Central nº 9- 16/05/42; Boletim do Órgão Central nº 13- 23/07/42; Boletim do Órgão Central nº 15- 17/08/42;	12	Sede da Cruz Vermelha Brasileira (Rio de Janeiro)
Revista da Cruz Vermelha	Notícias sobre os cursos da CVB, curso da EAN para a Caixa Econômica Federal, curso de Socorros de Urgência da Fábrica Mazda	15	Biblioteca Nacional
Revista da Semana	Notícia sobre o curso de Voluntárias da Defesa Passiva	2	Hemeroteca digital
Revista Nação Armada	Curso para civis de Defesa Nacional	13(pg)	Arquivo Histórico do Exército

APÊNDICE B

Data	Jornal	Zonas de Visualização
13/03/1942	A Manhã	2
17/03/1942	A Manhã	1-4
19/03/1942	A Manhã	1(pg3) 1-4 (pg 8)
21/03/1942	A Manhã	4 (pg3); 2-3 (pg10)
12/04/1942	A Manhã	2-3
21/05/1942	A Noite	1-4
21/05/1942	A Manhã	2-3
21/05/1942	Diário de Notícias	3(pg3) e 4 (pg4)
24/08/1942	A Noite	1-4
25/08/1942	A Manhã	1-5
30/08/1942	A Manhã	2-4 (pg1) e 2-3 (pg2)
29/09/1942	A Noite	5
23/10/1942	Diário de Notícias	3-6
30/10/1942	A Noite	1
18/11/1942	A Manhã	2-3
02/12/1942	Diário de Notícias	3
02/12/1942	A Noite	1(pg1) e 1-4(pg6)
05/12/1942	A Manhã	2-4
09/12/1942	A Manhã	1-3
16/12/1942	Diário de Notícias	5
10/02/1943	A Manhã	2-3
10/02/1943	Diário de Notícias	6
03/03/1943	A Noite	2
04/03/1943	Diário de Notícias	1-3
12/09/1943	Diário de Notícias	1-3
12/09/1943	A Noite	1-3
20/10/1943	A Noite	5
21/05/1944	A Noite	2-3
10/06/1944	A Noite	3-6
22/07/1944	Diário de Notícias	5
29/11/1944	Diário de Notícias	1-4

Fonte: Fundação Biblioteca Nacional.

APÊNDICE C

MATRIZ DE ANÁLISE

(1) Instrumento de análise para o texto jornalístico:

- Identificação do local de acesso - banco de dados, fichas de identificação etc;
- Nome do Jornal - nome da publicação impressa;
- Editores – responsáveis pela publicação;
- Valor do exemplar – valor monetário;
- Data do registro do fato ou evento;
- Título da matéria jornalística;
- Página, número/edição do periódico, quantidade de iconografias, resumo do corpo de texto;
- Condição do material consultado – estado de conservação (bom, degradado etc);

(2) Instrumento de análise para fac-símile:

- Dados de identificação
 - Local do acervo – local onde estão guardadas as fontes primárias (jornais, etc);
 - Data da imagem – data de produção da imagem;
- Dados para o Plano de expressão
 - Crédito da imagem – autoria da imagem (fotógrafo etc);
 - Tipo de imagem – relativo à matéria jornalística com fotos posada ou instantânea (foto tirada sem que as pessoas retratadas pareçam ter percebido);
 - Formato – horizontal, vertical etc;
 - Plano – geral (ambientes amplos); central (pessoas na porção central da imagem etc);
 - Sentido – horizontal, vertical etc;
- Dados para o Plano de Conteúdo
 - Local retratado - que local a imagem retrata;
 - Pessoas retratadas – quem são as pessoas, foto em grupo ou individual etc;
 - Fundo retratado – natural ou artificial, interno ou externo;
 - Tema da imagem retratada - evento (social, político, religioso etc);
 - Atributos
 - Pessoais – indumentárias, gestos, atitudes etc;
 - Paisagem – objetos retratados etc;
- Dados Complementares obtidos de outra imagem
 - Origem da informação; e informação complementar.

APÊNDICE D

A ENFERMAGEM DE GUERRA

5º Quadro:

- Florence – Venho de travessar zonas carregadas de sangue, cheias de desolação e lá pude ver as heróicas denodadas, as nossas irmãs enfermeiras de guerra.

- Ana Neri – É o momento da coragem, da dedicação decidida. Recordo-me do Paraguai. Como se é feliz socorrendo o soldado nos campos de batalhas, quando êle morre ou arrisca-se a morrer pela Pátria.

- Florence – Lembro-me da Criméia! Jovens, escutai! Para que se possa servir com eficiência é mister preparação própria, em tempo. Perdem-se por lhes faltar o socôrro técnico na hora exata, vidas preciosas. Morrem os nossos soldados, os nossos defensores, porque as mãos que lhes deve assistir são mãos inexperientes, incapazes de assistência rápida, segura, calma, inteligente e abnegada que precisam. Faz-se mister, nestas horas, a ação da verdadeira enfermeira, da eficiente e capaz auxiliar do médico.

- Ana Neri – A experiência nô-lo ensinou, Florence. E hoje podemos dizer às mulheres de nossos países: Preparem-se. Queiram todas ser, como os homens, reservas da Nação, e, por dever de patriotismo, procurem as escolas de enfermagem, todas as jovens, todas as senhoras, e aí façam seu curso de profissional ou de voluntária. Aprestem-se para o serviço da Pátria querida. É uma honra servi-la.

- Florence – És autoridade, Ana Neri, para a palavra de ordem em tua Pátria, por ela fizeste grandemente um dia, o que hoje aconselho.

- Ana Neri – Iguamente tú, Florence.

- Florence – Levantemos, pois, juntas Ana Neri, a bandeira da grande missão e vibremos unidas o toque de reunir. A nobre convocação.

- Maria Ester – Oh, grandes expressões da força femininas, irmãs gêmeas na vocação, no amor da Pátria, e no Amor dos Homens, as enfermeiras do Brasil, vossas discípulas e vossas filhas, reverentes, vos saúdam. Ouvindo a vossa voz, o vosso exemplo concitamos nossas patrícias a se fazerem, pela Pátria, enfermeiras.

- Ana Neri oremos a Cristo, o Deus da Paz. Ergamos nossa voz. Peçamos com ardor ao Senhor paz para o mundo. Afasta, oh bom Jesus, o sangue e a discórdia dos povos.

- Florence – Peçamos com fervor todos. Paz para o mundo. Paz para o Brasil.

(Aparece Cristo) – Maria Ester – Ajoelhem-se todos. Rezemos, Rezemos, Jesus, Deus de Amor, Deus de Paz, Acabai com a guerra, Paz ao Mundo, Paz.

- Oração da Enfermeira.

Florence e Ana Neri unem-se.

(Maria Ester continuando e apontando para todos).

... companheiras, em continência diante da majestade dessas vidas que devem ficar para sempre em nossos corações. Florence e Ana Neri, nossa Patrona, nosso exemplo. Nossa mãe.

- Desfile.

ANEXO A

Ler os esclarecimentos no verso antes de encher a ficha


 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
 UNIVERSIDADE DO BRASIL
 ESCOLA ANNA NERY

N. da inscrição _____
 Data: 8-4-42

Aceita e matriculada, a candidata abaixo assinada se compromete a respeitar e cumprir os Estatutos da Universidade do Brasil e da Escola Anna Nery, assumindo a responsabilidade das respostas dadas a esta ficha.

CANDIDATO AO CURSO DE: 2º curso

Favor assinalar no quadro ao lado: Curso de enfermagem Curso de Voluntárias Soz. gema
 Curso de A. Social Curso de Auxiliares de Enfermeiras

Nome Terma Lieber mais Ter Est. civil: Solticeira
 Local do nascimento Rio de Janeiro (de acordo com o registro civil) Rio de Janeiro
 Nacionalidade Brasileira (Cidade) Branca (Raça)
 Nome do pai Adolpho Liebermeister (vivo, ~~selecido~~) vivo
 Nome da mãe Carmela Soares Liebermeister (viva, ~~selecido~~) viva
 Nome do responsável em caso de emergência Adolpho Liebermeister
 Endereço do responsável Senada Vergueiro Flamengo 25115-2
 Ocupações dos pais Comerciante (rua) (bairro) (tel.)
 Número de irmãos 2 Idades 23 e 17
 Número de filhos _____ Idades _____
 Tem quem se ocupe deles em sua ausência? Sim
 Situação da família: (Sublinhe) abastada, remediada, necessitada Remediada
 Dispõe de recursos ou reserva para fazer face às despesas do curso? Sim

INSTRUÇÃO

CURSO	Nome das escolas	Localização	DATA		Títulos
			Início	Conclusão	
Primário	Colégio Bennett	Marquês de Alentejo	1927	—	
Secundário	" Aldridge	Prós de São João	1931	1937	Diploma
Ginásial	" "	" "	"	"	
Superior	—	—	—	—	
Avulsos	Curso Americano	Agnes Saldanha	1938	1939	

OUTRAS OCUPAÇÕES

OCUPAÇÃO	Nome da firma ou do responsável	Período	Endereço

Imp. Nac. — 10.967

ANEXO B

Ler os esclarecimentos no verso antes de encher a ficha


 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
 UNIVERSIDADE DO BRASIL
 ESCOLA ANNA NERY

N. da inscrição _____
 Data: 27-7-92

Aceita e matriculada, a candidata abaixo assinada se compromete a respeitar e cumprir os Estatutos da Universidade do Brasil e da Escola Anna Nery, assumindo a responsabilidade das respostas dadas a esta ficha.

CANDIDATO AO CURSO DE:

Favor assinalar no quadro ao lado:
 Curso de enfermagem
 Curso de A. Social
 Socorro de guerra
 Curso de Voluntárias
 Curso de Auxiliares de Enfermeiras

Nome: Lúcia Osório
 Local do nascimento: Distrito Federal (Estado com o registo civil) Est. civil: solteira
 Nacionalidade: brasileira (Estado) Raça: branca
 Nome do pai: Dario Osório Religião: católica
 Nome da mãe: Sarah Osório (vivo, falecido) vivo
 (viva, falecida) viva
 Nome do responsável em caso de emergência: Dario Osório 25.5845
 Endereço do responsável: Almirante Tamandare 45, apt. 62, Flamengo - 25.5485
 Ocupações dos pais: engenheiro - mãe doméstica (tel.)
 Número de irmãos _____ Idades _____
 Número de filhos _____ Idades _____
 Tem quem se ocupe deles em sua ausência? _____
 Situação da família: (Sublinhe) abastada, remediada, necessitada _____
 Dispõe de recursos ou reserva para fazer face às despesas do curso? Sim

INSTRUÇÃO

CURSO	Nome das escolas	Localização	DATA		Títulos
			Início	Conclusão	
Primário	<u>Anglo Americano Dist. Fed.</u>				
Secundário					
Ginásial	"	"	<u>1935</u>	<u>4ª série</u>	
Superior					
Avulsos					

OUTRAS OCUPAÇÕES

OCUPAÇÃO	Nome da firma ou do responsável	Período	Endereço
<u>Estudante</u>	<u>particular</u>		<u>Almirante Tamandare n.º 45 apt. 62. tel. 25.5845</u>

Imp. Nac. — 10.967